



VOL 1

GRUPOS DE TRABALHOS DA ANPOLL E(M) MOVÊNCIA(S) DE SABERES

PESQUISAS EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

Organização:

Juciane Cavaleiro

Renata Rolon

Allison Leão

Gerson Rodrigues de Albuquerque

Shelton Lima de Souza

Fernando Simplício dos Santos

Michel Marques de Faria



NEPAN

Grupos de Trabalhos da ANPOLL e(m) movência(s) de saberes:
Pesquisas em Estudos Linguísticos e Literários – Volume 01

Juciane Cavalleiro
Renata Rolon
Allison Leão
Gerson Rodrigues de Albuquerque
Shelton Lima de Souza
Fernando Simplicio dos Santos
Michel Marques de Faria
Organizadores

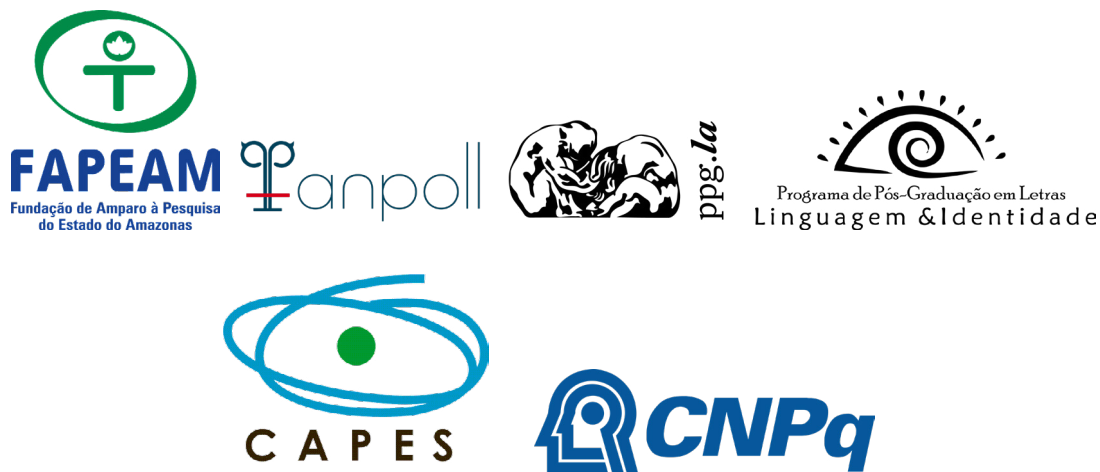


Editora do Núcleo de Estudos das Culturas Amazônicas e Pan-Amazônicas

www.nepaneditora.com.br | editoranepan@gmail.com

Diretor administrativo: Marcelo Alves Ishii

Conselho Editorial: Agenor Sarraf Pacheco (UFPA), Ana Pizarro (Universidade de Santiago do Chile), Carlos André Alexandre de Melo (Ufac), Elder Andrade de Paula – (Ufac), Francemilda Lopes do Nascimento (Ufac), Francielle Maria Modesto Mendes (Ufac), Francisco Bento da Silva (Ufac), Francisco de Moura Pinheiro (Ufac), Gerson Rodrigues de Albuquerque (Ufac), Hélio Rodrigues da Rocha (Unir), João Carlos de Souza Ribeiro (Ufac), Jones Dari Goetttert (UFGD), Leopoldo Bernucci (Universidade da Califórnia), Livia Reis (UFF), Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro (Ufam), Marcela Orellana (Universidade de Santiago do Chile), Marcello Messina (UFPB/Ufac), Marcia Paraquett (UFBA), Marcos Vinicius de Freitas Reis (Unifap), Maria Antonieta Antonacci (PUC-SP), Maria Chavarria (Universidade Nacional Mayor de São Marcos, Peru), Maria Cristina Lobregat (Ifac), Maria Nazaré Cavalcante de Souza (Ufac), Miguel Nenevé (Unir), Raquel Alves Ishii (Ufac), Sérgio Roberto Gomes Souza (Ufac), Sidney da Silva Lobato (Unifap), Tânia Mara Rezende Machado (Ufac).



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G892

Grupos de Trabalhos da ANPOLL e(m) movência(s) de saberes: Pesquisas em Estudos Linguísticos e Literários, volume 01 / Juciane Cavaleiro [et. al.]. – Rio Branco: Nepan Editora, 2025.

92 p.

Inclui referências bibliográficas.

E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-83670-03-8

1. Linguagem e Línguas – Estudo e ensino (Pós-graduação). 2. Linguística – Estudo em ensino. I. Cavaleiro, Juciane. II. Título.

CDD 22. ed. 407

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

Organizadores

DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS 12

Monclar Guimarães Lopes

Amanda Heiderich Marchon

ESTUDOS BAKHTINIANOS 16

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro

Urbano Cavalcante Filho

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA 22

Neusa Inês Philippsen

Leandra Ines Seganfredo Santos

Shelton Lima de Souza

ESTUDOS PRAGMÁTICOS 28

Fábio José Rauen

Sebastião Lourenço dos Santos

HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA 34

Marli Quadros Leite

Ronaldo de Oliveira Batista

INTERMIDIALIDADE - LITERATURAS, ARTES E MÍDIAS 39

Miriam de Paiva Vieira

Alex Sandro Martoni

Ana Cláudia Munari Domingos

Brunilda Reichmann

LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA	44
Aparecida Negri Isquendo Claudia Zavaglia Ieda Maria Alves Maria José Bocorny Finatto	
LINGUÍSTICA DE TEXTO E ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO	50
Ana Lúcia Tinoco Cabral Rivaldo Capistrano Júnior	
LITERATURA DIGITAL	55
Vinícius Carvalho Pereira Maria Elisa Rodrigues Moreira Rejane Cristina Rocha Andrea Catópa da Silva	
LITERATURA E SAGRADO	60
Eduardo Guerreiro Losso Lucas Bento Pugliesi Letícia Tury Guimarães Nascimento	
SEMIÓTICA	65
Eliane Soares de Lima Mariana Luz Pessoa de Barros	
SOCIOLINGUÍSTICA	71
Raquel Meister Ko Freitag Juliana Bertucci Barbosa Marcia dos Santos Machado Vieira	
VERTENTES DO INSÓLITO FICCIONAL	78
Marisa Martins Gama-Khalil Flavio García	
ORGANIZADORES	84
AUTORES	87

APRESENTAÇÃO

Neste volume, dispomos de treze Grupos de Trabalho, dentre os cinquenta e cinco que compõem a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Na presente reunião, há três GT's pioneiros, – Linguística de Texto e Análise da Conversação; Semiótica; Sociolinguística – constituídos por ocasião do I Encontro Nacional, em 1985, quando da criação da ANPOLL. Assim como a Associação, eles completam 40 anos neste 2025. Ainda com bastante tempo de existência, destacam-se os GT's: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (39 anos); Historiografia da Linguística Brasileira (29 anos); Descrição do Português (20 anos); Estudos Bakhtinianos (17 anos); Literatura e Sagrado (16 anos); Vertentes do Insólito Ficcional (14 anos). Entre as contribuições mais recentes, têm-se os GT's: Intermedialidade – Literaturas, Artes e Mídias (09 anos); Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira (07 anos); Estudos Pragmáticos (07 anos); Literatura Digital (03 anos).

Os GT's aqui reunidos, assim como aqueles presentes nos outros volumes, demonstram a capacidade da área de se renovar, seja pela criação de grupos ao longo de quatro décadas, seja pela atualização interna de cada GT. Gerações de pesquisadores e pesquisadoras conformaram o painel diverso aqui observado. Ao longo de suas trajetórias, esses grupos criaram redes de cooperação acadêmica que significam a espinha dorsal da área, reforçando laços regionais, nacionais e internacionais.

Nestes quarenta anos, as diversas vertentes das Letras, da Linguística e da Literatura, através de sua Associação, têm suscitado debates e reflexões sobre temáticas que se constituem como desafios teórico-metodológicos na atualidade para pesquisadores e pós-graduandos. O que nos move, enquanto Associação, é a busca constante de uma educação superior mais justa e igualitária nas cinco regiões do país e, sobretudo, nos atuais 140 Programas de Pós-graduação filiados à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

Abaixo, extraída de suas páginas de histórico no portal da ANPOLL e dos verbetes que compõem este volume, tem-se uma síntese das propostas e interesses que os GT's constituíram em seu percurso.

Com vinte anos de existência, o GT **Descrição do Português** se dedica ao estudo funcional do português, especialmente à descrição das categorias e funções fonológicas e morfossintáticas relacionadas a aspectos de ordem cognitiva, semântica e discursivo-pragmática. Atualmente, o grupo se organiza a partir de três eixos temáticos: Descrição gramatical e discursiva; Análise construcional; Vinculação Oracional.

O GT **Estudos Bakhtinianos** está ativo há 17 anos. O grupo tem se dedicado a estudos com base na análise dialógica do discurso (ADD), advinda do pensamento bakhtiniano, assim como em seu diálogo com outras vertentes dos estudos do discurso. Suas ações estão dispostas em três eixos, a saber: Análise dialógica do discurso: fundamentos teóricos e metodológicos do verbal e do verbovisual; Diálogo entre a perspectiva bakhtiniana e outras abordagens; Estudo, tradução e divulgação de textos de Bakhtin e o Círculo.

Atuando há sete anos, O GT de **Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira** se propõe a investigar, documentar e analisar as língua(gens) e variedades linguísticas diversas produzidas nessa vasta região, promovendo um espaço de discussão e de troca de conhecimento entre pesquisadores, acadêmicos, professores e comunidades locais. O GT se pauta pelos propósitos de: Integração entre Programas de Pós-Graduação; Documentação Linguística (realização de levantamento e documentação das línguas faladas na Amazônia, priorizando aquelas em risco de extinção; Promoção de pesquisas que analisem a estrutura gramatical, fonológica, morfossintática, semântica e lexical das línguas e variedades amazônicas, favorecendo uma compreensão mais ampla das relações entre as diferentes línguas e variedades da região; Contribuição para a valorização das diferentes línguas, variedades e culturas por meio de ações educativas e de sensibilização na sociedade; Formação e Capacitação de novos professores e pesquisadores e a capacitação de membros das comunidades amazônicas.

Também com sete anos de existência, o GT de **Estudos Pragmáticos** se estrutura a partir de diversos grupos de pesquisa coordenados por seus filiados, distribuídos por várias instituições brasileiras. Em sua atuação o GT se propõe a investigar, de maneira interdisciplinar e internacional, como os falantes usam diferentes formas de linguagem para alcançar objetivos comunicativos em situações concretas de interação social. Ademais, investiga questões como a interpretação do significado implícito em uma mensagem, a influência do contexto na compreensão da linguagem e a relação entre linguagem e identidades sociais.

Fundado em 1996, o GT de **Historiografia da Linguística Brasileira** tem por objetivo a descrição e a explicação dos processos históricos de formação e desenvolvimento dos estudos da linguagem e das línguas, com especial ênfase sobre o caso brasileiro. Ao longo dos anos de atividade, seus membros têm se dedicado à busca e ao tratamento de fontes primárias relativas aos agentes, aos contextos e aos produtos da atividade com a linguagem, bem como a estudos monográficos que descrevem, analisam e interpretam percursos históricos relevantes para a conformação da área de especialidade no país.

Criado em 2014, com enfoque transdisciplinar, o GT de **Intermedialidade – Literaturas, Artes e Mídias** objetiva estudar as relações entre a literatura e outras artes e mídias sob o ponto de vista das teorias da Intermedialidade. Amplia-se o escopo de suas pesquisas ao incorporar o termo “mídias” (e não apenas “artes”): como o conceito de “arte” está associado a certos valores e convenções culturais, o termo “mídia”, com sua

ênfase na materialidade dos produtos de uma mídia, mostra-se mais adequado para a produção cultural desde o início do século XX – sem, no entanto, eliminar um discurso sobre “arte” em determinados contextos.

Fundado em 1986, o GT de **Lexicologia, Lexicografia e Terminologia** é um dos mais antigos da ANPOLL. Seus associados se dedicam aos estudos do léxico, a partir de suas ramificações e/ou abordagens como a Lexicologia e a Lexicografia. Todavia, em função dos avanços das pesquisas na área, foram se incorporando às áreas tradicionais a Terminologia e a Fraseologia, além das interfaces com a Onomástica.

Entre os GT's pioneiros da ANPOLL, encontra-se o de **Linguística de Texto e Análise da Conversação**, fundado em 1985. Atualmente com 90 integrantes, o GT se ocupa de variados temas e fenômenos ligados ao texto propriamente dito, ou à conversação, entendida como texto. O grupo tem como temática geral *Aspectos discursivo-interacionais e estratégias de textualização*, organizando-se esta temática a partir de duas áreas: Linguística de Texto e Análise da Conversação. Estas, em diálogo interdisciplinar, subdividem-se nas seguintes áreas: Linguística Textual: processos e estratégias de organização textual; Análise Textual dos Discursos; Pragmática; Semiologia; Análise da Conversação: processos e estratégias de organização do texto falado; Teorias da Argumentação; Teorias Gêneros de texto/discursos.

Em 2022, foi fundado o GT de **Literatura Digital**. Sua criação acontece em um cenário no qual se observa um número crescente de escritores, poetas e artistas que se dedicam no país a experimentos literários em meios computacionais, além de um contexto acadêmico que se estabelece no Brasil por meio dos estudos sobre Literatura Digital, que marcam por importantes ações para a institucionalização desse campo no Brasil nas duas últimas décadas. O GT se estrutura a partir das seguintes linhas temáticas: a. Cartografia e historiografia da literatura digital; b. Crítica da literatura digital; c. Crítica digital da literatura; d. Literatura e novas mídias; e. Arquivamento e preservação da literatura digital; f. Leitura em ambientes/dispositivos digitais; g. Ensino da literatura digital; h. Literatura digital, identidades e tecnocapitalismo.

Criado em 2009, o GT **Literatura e Sagrado** se organiza em torno da teorização do fenômeno da sacralidade e sua relação com o literário. O GT se dispõe a partir de duas grandes linhas de trabalho: a) a abordagem de textos relativos ao universo do sagrado sob o crivo de dispositivos de crítica literária; b) a abordagem e investigação de elementos do universo do sagrado em textos literários. Com isso, o GT espera postular uma via de mão dupla em que os saberes do campo da literatura possam ser úteis para iluminar os objetos tradicionais da ciência da religião, bem como apostar na apropriação dos estudos teológicos e da espiritualidade em geral para se enfrentar certas faces da literatura.

Com 40 anos de existência, o GT de **Semiótica** é um dos pioneiros da ANPOLL. O GT pode ser visto como uma das iniciativas de manutenção e expansão da área no Brasil, contribuindo fortemente não só para a difusão e o debate das investigações em Semiótica Discursiva, mas também para a aproximação e o intercâmbio entre os seus estudiosos. O

GT tem adotado sistematicamente temáticas gerais de pesquisa que se sucedem a cada dois anos. Em biênios anteriores, destacaram-se: “Semiótica e vida social”; “Greimas, aqui e agora: conquistas e desafios da semiótica no Brasil”; “Questões do plano da expressão”; “Semiótica: projetos e perspectivas”; “Semiótica: identidade e diálogos”; “Rotina e acontecimento”; “A abordagem dos afetos na semiótica”; “Semiótica discursiva: unidade e diversidade”.

Igualmente ao anterior, o GT de **Sociolinguística** está entre os pioneiros da ANPOLL, com 40 anos completos. Para isso, tem mantido uma agenda de trabalho para a caracterização das variedades brasileiras do português e de outras línguas presentes no território e para a valorização e promoção da diversidade linguística no Brasil, considerando-a não apenas como uma característica cultural, mas um direito difuso. Com foco na diversidade linguística, na sua atual configuração, o GT de Sociolinguística está estruturado em quatro eixos temáticos, aprovados na assembleia geral de 2014: i) Variação e Mudança Linguística; ii) Contato, variação e identidade; iii) Sociolinguística e Ensino, e iv) Questões teóricas e metodológicas.

Com 14 anos de existência, o GT que encerra este volume de verbetes é **Vertentes do Insólito Ficcional**. O GT reúne pesquisadores docentes, discentes e egressos de programas de pós-graduação que se dedicam aos estudos de uma ampla variedade de vertentes da ficção, as quais recobrem, em linhas gerais, o maravilhoso, o gótico, o fantástico, o estranho, o realismo mágico, o realismo maravilhoso, o real maravilhoso, o realismo animista, a fantasia, uma grande parcela da ficção científica, das narrativas policiaisca, de terror, de horror, de medo e, mesmo, dos contos de fadas. Interessam ao Grupo de Trabalho pesquisas que se debrucem sobre textos nos quais, em diferentes medidas, se verificam manifestações de procedimentos discursivos que apresentem aspectos sobre ou extranaturais – fora da ordem ordinariamente natural.

A gestão 2023-2025 agradece, quando do convite feito no XXXVIII Encontro Nacional da ANPOLL (ENANPOLL), em agosto de 2024, em Manaus, pelo envio dos verbetes para organização de um livro que pudesse servir de consulta acerca do campo da Linguística e da Literatura a partir da estruturação dos Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, dando a saber seu atual estado de arte.

Manaus, Rio Branco, Porto Velho, outubro de 2025.

VERBETES

DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS

Monclar Guimarães Lopes

Universidade Federal Fluminense

Amanda Heiderich Marchon

Universidade Federal do Espírito Santo

O Grupo de Trabalho Descrição do Português (GTDP) reúne um conjunto de pesquisadores que se dedicam ao **estudo funcional do português**, mais especificamente à descrição das categorias e funções fonológicas e morfossintáticas relacionadas a aspectos de ordem cognitiva, semântica e discursivo-pragmática.

Cabe ressaltar que o **Funcionalismo Linguístico** não deve ser visto como uma teoria em sentido isolado, mas, sim, como um conjunto de abordagens teóricas que compartilham entre si a premissa de que a forma linguística e sua função comunicativa encontram-se diretamente inter-relacionadas e, por esse motivo, deve ser definido como “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social” (Neves, 2018, p. 15).

A despeito das diferenças entre suas múltiplas abordagens, há princípios basilares compartilhados entre as perspectivas de orientação funcionalista, dentre os quais destacamos três:

- a. A visão da gramática como um sistema adaptativo complexo, moldado por duas diferentes forças: motivações internas, que se originam no domínio linguístico, e motivações externas, que pertencem ao domínio dos requisitos funcionais do discurso (Du Bois, 1985);
- b. A ideia de que há uma simbiose entre discurso e gramática. “A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso” (cf. Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p. 14);
- c. A noção de que a análise de fenômenos linguísticos deve ser integralmente baseada nos usos empíricos da linguagem, na medida em que recorre a textos reais, em suas diferentes modalidades e tipos de registro.

Apesar da diversidade de perspectivas, Furtado da Cunha (2022, p. 1) propõe que, dentro do contexto brasileiro, é possível delinear três grandes tradições funcionalistas:

- i. **A Linguística Sistemico-Funcional**, desenvolvida por Halliday (1985), que busca analisar a linguagem como um sistema de escolhas usadas para realizar funções sociais e comunicativas. Foca na relação entre forma e função, distribuindo a gramática em três metafunções principais: ideacional (representação do mun-

do e das experiências); interpessoal (relações sociais e interação entre falante e ouvinte); textual (organização da mensagem em textos coerentes).

ii. **A Gramática Discursivo-Funcional (ou GDF)**, uma atualização da Gramática Funcional Padrão, de Simon Dik, desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008), que analisa a estrutura gramatical em relação às funções comunicativas e contextos discursivos. Constitui o componente gramatical de um amplo modelo da interação verbal do usuário de língua natural, que, por sua vez, é composto por componentes conceituais, contextuais e de formulação linguística. Considera o ato discursivo como sua unidade básica e divide a organização linguística em quatro níveis: um interpessoal (ou pragmático), um representacional (ou semântico), um morfossintático (ou estrutural) e um fonológico (ou articulatório). Ordena todos esses níveis em um modelo de análise descendente, em que se parte da cadeia mais alta da hierarquia linguística, a intenção do falante, e faz sua análise até o componente de saída, a articulação.

iii. **A Linguística Funcional Norte-Americana**, tendo entre seus grandes expoentes Givón (1979), Hopper (1987), Bybee (1985), entre outros, que estuda a linguagem em termos de sua função comunicativa e de sua relação com processos cognitivos e sociais. Foca em como as estruturas linguísticas emergem e se adaptam ao uso, considerando: a) a dinâmica do uso (em que a gramática é vista como uma estrutura moldada pela prática comunicativa); b) o processamento cognitivo (já que há interação entre linguagem e cognição humana); c) o contexto discursivo (em que a análise linguística ocorre a partir de situações reais de comunicação). Mais recentemente, essa perspectiva tem estabelecido um diálogo profícuo com a Linguística Cognitiva, em especial, com os chamados Modelos Baseados no Uso, motivo pelo qual se passaram a adotar novos rótulos: Linguística Funcional Centrada no Uso, Linguística Centrada no Uso ou Linguística Funcional-Cognitiva.

Embora a maior parte dos membros do GTDP se vincule a uma das perspectivas supramencionadas, há também pesquisadores que desenvolvem pesquisas alinhadas a outras perspectivas (ou em diálogo com elas), como a Linguística Computacional e a Linguística de Corpus. Todos, no entanto, compartilham do princípio basilar de que a descrição gramatical empreendida pelos membros do grupo tem como base os usos da língua em situação concreta de intercomunicação.

Em decorrência da profusão de modelos teóricos, bem como dos diálogos possíveis entre as pesquisas funcionalistas e outras perspectivas de cunho enunciativo-discursivo, o GTDP organiza-se, atualmente, em três eixos temáticos, a saber:

Eixo 1 – Descrição gramatical e discursiva
Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca (Unilab)
Prof. Dr. Denilson Pereira Matos (UFPB)
Prof. Dr. Dennis da Silva Castanheira (UFF)
Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira (UFOPA)

Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti (UNESP)
Prof. Dr. Giacomo Patrocínio Figueiredo (UFOP)
Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa (UNESP)
Profa. Dra. Izabel Larissa Lucena Silva (Unilab)
Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé (UFSCar)
Prof. Dr. Juliano Desiderato Antônio (UEM)
Prof. Dr. Marcelo Módolo (USP)
Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (UFCE)
Profa. Dra. Maria Claudete Lima (UFCE)
Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglío Hattner (UNESP)
Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes (UFMS)
Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (UFCE)
Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias (UFF)
Prof. Dr. Oto Araújo Vale (UFSCar)
Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho (UNESP)
Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli (UFMS)
Eixo 2 – Análise construcional
Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho (UESB)
Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (UEG)
Profa. Dra. Deise Cristina de Moraes Pinto (UFRJ)
Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale (UFSCar)
Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack (UESC)
Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ)
Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)
Profa. Dra. Maria Maura da Conceição Cezario (UFRJ)
Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira (UFF)
Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes (UFF)
Profa. Dra. Nedja Lima de Lucena (UFRN)
Profa. Dra. Priscilla Mouta Marques (UFRJ)
Prof. Dr. Roberto de Freitas Júnior (UFRJ)
Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira (UFMS)
Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG)
Eixo 3 – Vinculação Oracional
Profa. Dra. Amanda Heiderich Marchon (UFES)
Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian (UFMG)
Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres (Unilab)
Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (UFF)
Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante (UECE)
Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)
Profa. Dra. Talita Storti Garcia (UNESP)
Profa. Dra. Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

O GTDP é um dos grupos mais longevos da ANPOLL, atuando na promoção e investigação da ciência desde a década de 1990. Alguns grandes nomes da Linguística Brasileira já passaram (ou ainda estão) neste grupo, como: Maria Helena de Moura Neves, Ataliba Teixeira de Castilho, Margarida Maria de Paula Basílio e Maria Beatriz Nascimento Decat.

*
* *

Referências

- BYBEE, J. **Morphology**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- DU BOIS, J. W. Competing Motivation. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2013, p. 13-40.
- GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.
- HALLIDAY, M. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HOPPER, P. Emergent Grammar. In: **Berkely Linguistics Society**. V. 13, 1987, p. 139-157.
- NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto. 2018.

ESTUDOS BAKHTINIANOS

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro

Universidade de São Paulo

Urbano Cavalcante Filho

Instituto Federal da Bahia

“Ora, nenhuma ciência pode dar uma definição completa e *conclusiva* de seu objeto, porque isso significaria seu fim, posto que semelhante ciência já não teria razão de ser. Uma definição completa e íntegra de seu objeto representa apenas seu propósito último, que é o objetivo sempre móvel e jamais apreensível de toda ciência”.

(Kanaev/Bakhtin, 2009, p. 168)

Introdução

A citação do biólogo russo Ivan Ivanovich Kanaev (1893-1984) que abre este texto nos provoca a refletir sobre a natureza dinâmica e mutável da ciência, na medida em que não concebemos um fazer científico responsável em dar definições completas e fechadas para os diversos objetos a que se pretende investigar. É nesse espírito de inacabamento e inconclusibilidade do fazer científico, enquanto empreendimento humano, é que as reflexões de Bakhtin e os demais membros do Círculo nos inquietam e nos alicerçam a sempre buscar respostas para os fenômenos do homem enquanto ser de linguagem.

Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) e seus colegas, dentre os quais se destacam Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédev (1891-1938), são três dos principais membros do chamado *Círculo de Bakhtin*, que, com suas reflexões, influenciaram de forma revolucionária o pensamento do século XX, trazendo considerações que atravessaram as fronteiras da linguística e, em caráter dialógico e interdisciplinar, refletiram sobre filosofia, literatura, religião, enfim, as ciências humanas e sociais em geral.

Nesse empreendimento dialógico entre esses pensadores, uma abordagem inovadora sobre o homem, a linguagem e o discurso foi proposta, advogando a indissociabilidade entre sujeito, linguagem e história, nos três campos da cultura humana: a ciência, a arte e a vida (Bakhtin, 2011). Portanto, as contribuições desses teóricos, cuja ênfase está na historicidade e na materialidade do discurso, revela um profundo compromisso com a compreensão do humano em suas diversas expressões e materialidades, permitindo que a chamada teoria bakhtiniana se configurasse, no cenário epistemológico das ciências humanas, no geral, e nas ciências da linguagem, em particular, como um pressuposto valioso para a análise de discursos e suas práticas sociais. Eis um dos motivos que fundamentam o Grupo de Trabalho (GT) *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL (Associação

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) do Brasil, dedicado à investigação, difusão e aprofundamento na área dos estudos do discurso, cuja tradição remonta a duas décadas.

Histórico do GT

Três grandes eventos científicos marcaram a idealização do GT *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL: a *Thirteenth International Mikhail Bakhtin Conference*, realizada de 28 de julho a 01 de agosto de 2008, na University of Western Ontario, London/Canadá; o *XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina* (ALFAL), realizado em Montevideu, em agosto de 2008; e o *VI Congresso Internacional e XIX Instituto de Linguística da ABRALIN*, ocorrido em João Pessoa, em março de 2009. Antes dessas reuniões, pesquisadores de diversas universidades, interessados na teoria bakhtiniana derivada do pensamento de Bakhtin e do Círculo, já se comunicavam com o objetivo de organizar e oficializar um grupo de trabalho que congregasse tais estudos. Assim, surge o GT em um contexto de crescente interesse pela obra de Bakhtin e do Círculo, especialmente nas duas últimas décadas do século XX e início do XXI.

Nessas duas décadas, o GT tem se consolidado, refletindo a necessidade de um espaço de diálogo acadêmico que aglutine pesquisadores de diversas regiões do país, interessados em desenvolver investigações teóricas e empíricas a partir dos postulados bakhtinianos. A constituição do grupo se deu em resposta à importância crescente das teorias de Bakhtin no campo das ciências humanas e sociais, promovendo encontros, simpósios e publicações que disseminam o conhecimento e fomentam novas perspectivas de análise.

Ao longo dos anos, antes da criação efetiva do GT, diversos esforços acadêmico-científicos realizados por professores/as e pesquisadores/as de diversas instituições do país, contribuíram para o estabelecimento dos contatos iniciais e organização do GT. Dentre essas ações, destacam-se: apresentações e discussões de pesquisas em eventos científicos, seja no Brasil ou no exterior; ofertas de cursos regulares e minicursos em Instituições de Ensino Superior (IES) e outros encontros acadêmicos; orientação de trabalhos (aí incluídos os de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado); participações desses/as pesquisadores/as em bancas de defesa de pós-graduação *stricto sensu*, publicações de livros, artigos e capítulos voltados à divulgação da teoria dialógica da linguagem; além da criação de variados grupos de pesquisa certificados no diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Além dessas ações, convém destacar a criação Grupo de Pesquisa *Linguagem, Identidade e Memória*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo ano de formação se dá em 2000, reunindo “pesquisadores e estudantes das seguintes IES: PUC-SP, USP, UNICAMP, UFPE, UFBA, UFU, UNIFESP, UFSCar, PARIS 8 (França)”¹, cujos trabalhos já vinham fortalecendo esse caminhar para construção do GT.

1 Fonte: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/23694>

Orientação teórica

A denominação “Círculo de Bakhtin” foi dada pelos pesquisadores ao se referir ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1929, como o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, o linguista Valentin Volóchinov, o teórico da literatura Pável Medviédov e outros participantes. O propósito é definir noções, conceitos que marcam novas fundações das ciências humanas com a teoria do enunciado e dos gêneros do discurso. O pensamento bakhtiniano representa, neste século XXI, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, evidenciada tanto em suas manifestações artísticas quanto na diversidade de sua riqueza cotidiana.

A atividade intelectual de Bakhtin se estende por mais de cinquenta anos, logo depois da revolução russa até a sua morte em 1975. Muitas obras traduzidas para o português permitem considerar que é no conjunto das obras do Círculo que se pode rastrear o que hoje se denomina Teoria/Análise Dialógica do Discurso (ADD), perspectiva presente nos estudos linguísticos, literários e nas Ciências Humanas.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin define *discurso* como *relações dialógicas*, de natureza extralinguística:

[...] as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (Bakhtin, 2008, p. 209).

Todo o pensamento de Bakhtin e o Círculo concebem a linguagem não somente a partir de um ponto de vista interno ou, ao contrário, de uma perspectiva exclusivamente externa. A linguagem é constitutivamente marcada pela *bivocalidade*, o que Bakhtin nomeou como *Metalinguística*. Essa teoria da linguagem que considera o homem não de modo isolado, mas no seu grupo social. Assim, o homem não existe sem discurso, uma vez que o discurso está sempre endereçado a um outro, numa interação discursiva.

Sob essa égide teórico-metodológica que os proponentes do GT *Estudos Bakhtinianos* da ANPOLL pretenderam institucionalizar e congregar seus trabalhos dentro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, de acordo com as linhas temáticas explicitadas a seguir.

Linhas de pesquisa

Atualmente, três linhas centrais abarcam os estudos teórico-analíticos em torno da análise dialógica do discurso, seja no aprofundamento da teoria, seja no estabelecimento

do diálogo com outras abordagens ou áreas do conhecimento, na compreensão e explicação dos fenômenos linguageiros nas diferentes semioses, evidenciando parcerias produtivas na pesquisa, na produção e na divulgação científica dos resultados das investigações. São elas:

1) **Análise dialógica do discurso: fundamentos teóricos e metodológicos do verbal e do verbovisual:** linha que objetiva compreender e analisar os textos/discursos em suas diversas manifestações — especialmente as que envolvem o verbal e o verbovisual — a partir de uma perspectiva dialógica, privilegiando os enunciados discursivos em sua materialidade concreta.

2) **Diálogo entre a perspectiva bakhtiniana e outras abordagens:** linha dedicada a explorar as possibilidades de interlocução entre o pensamento bakhtiniano e outras perspectivas teórico-metodológicas, permitindo ampliar a compreensão dos fenômenos discursivos e contribuindo para a inter/trans/pluridisciplinaridade nas pesquisas.

3) **Estudo, tradução e divulgação de textos de Bakhtin e o Círculo:** dedicada à investigação aprofundada dos escritos de Bakhtin e dos outros integrantes do Círculo (em especial Volóchinov e Medviédev), bem como da tradução, circulação e acessibilidade a diferentes obras, muitas delas pouco conhecidas em determinadas línguas e culturas. Assim, essa difusão permite um entendimento mais global dos escritos fundadores do Círculo, o que, consequentemente, oportuniza uma expansão de seu alcance teórico e metodológico.

Enfim, essas três linhas temáticas têm por objetivo pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos, bem como a alteridade como condição de identidade.

O Brasil representado no GT Estudos Bakhtinianos

Em 2025, o GT reúne 15 pesquisadores/as, representando instituições de ensino e pesquisa das cinco regiões brasileiras. Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul atuam academicamente e participam das atividades do GT, num movimento de interação acadêmica e plural entre suas pesquisas e atividades. Essa composição reflete não apenas a amplitude territorial do grupo, mas também a diversidade institucional e regional que caracteriza os estudos bakhtinianos no país.

As pesquisas desenvolvidas pelos membros do GT abrangem uma ampla variedade de temáticas e objetos, explorados por meio de abordagens metodológico-analíticas diversas. Essa abertura e esse diálogo acabam por responder a uma demanda contemporânea de pesquisas em linguagem e discursos, em suas mais variadas semioses, demonstrando o compromisso do GT com a construção de uma ciência aberta ao diálogo. Abaixo, vejamos a pluralidade de temáticas desenvolvidas pelos/as pesquisadores/as do GT:

PESQUISADOR	PESQUISA	INSTITUIÇÃO
Beth Brait ²	Discursos de existência, inclusão e (in)visibilidade: perspectiva dialógica	PUC-SP / USP
Cláudio Primo Delanoy ³	Teorias do discurso e a construção do sentido de enunciados verbais e não verbais	PUC-RS
Filipe Almeida Gomes ⁴	A obra de Eugenio Coseriu: discurso e práticas sociais	PUC MINAS
Jean Carlos Gonçalves ⁵	Artes do corpo e educação: outras presenças para outros tempos	UFPR
Jozanes Assunção Nunes ⁶	Pesquisadores negros na universidade: representatividade, discursos e posicionamentos valorativos em foco	UFMT
Juciane dos Santos Cavalheiro ⁷	Cronotopo da fortuna hatouniana. Perspectiva dialógica da escuta em clubes de leitura	UEA
Maria de Fátima Almeida ⁸	Desafios e perspectivas da teoria dialógica para o discurso religioso no século XXI	UFPB
Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro ⁹	Compreensão da filosofia dos valores e o ensino de língua portuguesa: pesquisas teóricas e práticas	USP
Marina Célia Mendonça ¹⁰	Polêmicas linguísticas em torno do uso da linguagem inclusiva e da linguagem neutra no Brasil nas primeiras décadas do século XXI: uma análise dialógica de projetos de lei, leis e manuais de uso inclusivo da língua	UNESP
Miriam Bauab Puzzo ¹¹	As relações dialógicas entre enunciadore e contexto social e as transformações genéricas em diversas esferas de produção, recepção e circulação dos gêneros discursivos	UNITAU
Pedro Farias Francelino ¹²	Relações dialógicas e bivocalidade na construção do posicionamento axiológico em enunciados religiosos na mídia virtual	UFPB
Renata Maria Facuri Coelho Marchezan ¹³	Linguagem na infância e subjetividade: fala e escrita em contexto de aquisição e ensino/aprendizagem	UNESP
Sandra Mara Moraes Lima ¹⁴	Os gêneros discursivos e o ensino de Língua Portuguesa	UNIFESP
Sheila Vieira de Camargo Grillo ¹⁵	A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento (1965) / Rabelais e Gógol (A arte da palavra e a cultura cômica popular) (1940, 1970): contexto, tradução, notas e glossário	USP

2 <http://lattes.cnpq.br/7028238588180059>

3 <http://lattes.cnpq.br/0339415537777452>

4 <http://lattes.cnpq.br/6303915086260155>

5 <http://lattes.cnpq.br/8274122800491884>

6 <http://lattes.cnpq.br/3716666115053727>

7 <http://lattes.cnpq.br/8629828786064536>

8 <http://lattes.cnpq.br/1229756282364483>

9 <http://lattes.cnpq.br/9572384519070224>

10 <http://lattes.cnpq.br/0688738118968425>

11 <http://lattes.cnpq.br/6898954739357029>

12 <http://lattes.cnpq.br/6663064491335541>

13 <http://lattes.cnpq.br/8827698477373212>

14 <http://lattes.cnpq.br/1759229357132295>

15 <http://lattes.cnpq.br/6359773543692470>

Como pode ser visto, essa diversidade temática de interesse de pesquisa reflete o potencial inter/multi/transdisciplinar das investigações desenvolvidas atualmente no âmbito do GT. Nessa perspectiva, ainda que abordem temas variados, se dediquem a objetos diversos, todas essas acabam por estar alicerçadas numa coerente unidade epistemológica: a teoria dialógica da linguagem. Ao explorar textos/discursos/gêneros nas mais diversas materialidades e semioses, o GT se mostra encapsulado numa perspectiva de fazer científico encarado como um processo aberto e infinito de busca e construção, sem respostas definitivas e verdades absolutas, mas sempre atravessado por uma perspectiva do diálogo e da tensão entre diferentes pontos de vista. Com isso, retomamos a epígrafe que inaugura o texto para ratificar a visão do GT no fazer ciência num diálogo constante e permanente, com outras vozes, outros sujeitos, em diferentes espaços e contextos.

*

* *

Referências

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. XXXIII-XXXIV.

KANAEV, I. (BAKHTIN, M). O vitalismo contemporâneo. In: BRAIT, B.(Org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 165-188.

16 <http://lattes.cnpq.br/6466770995969401>

ESTUDOS LINGUÍSTICOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Neusa Inês Philippsen

Universidade do Estado de Mato Grosso

Leandra Ines Seganfredo Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso

Shelton Lima de Souza

Universidade Federal do Acre

Introdução

A Amazônia brasileira é uma região de rica diversidade cultural e linguística, abrigando uma variedade de povos e suas respectivas língua(gens). O Grupo de Trabalho (GT) intitulado “Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira”, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL, surgiu em maio de 2018 durante o XXXIII ENANPOLL (Cuiabá, Mato Grosso, Brasil) com a proposta de investigar, documentar e analisar as língua(gens) e variedades linguísticas diversas produzidas nessa vasta região, promovendo um espaço de discussão e de troca de conhecimento entre pesquisadores, acadêmicos, professores e comunidades locais.

Destacam-se, atualmente, 16 (dezesesseis) instituições de Programas de Pós-Graduação¹ da região amazônica que integram o GT dos 9 (nove) estados localizados na Amazônia brasileira (Acre, Amapá, Pará, Amazonas, Rondônia, Roraima e parte dos estados de Mato Grosso, Tocantins e Maranhão).

A relevância dos estudos linguísticos na Amazônia não se restringe apenas ao estudo das língua(gens), algumas delas em vias de modificação a ponto de não serem mais faladas/sinalizadas, mas também se estende ao entendimento das relações sociais, culturais e históricas que permeiam as comunidades de fala e ambientes de interação em que pessoas, nos ambientes amazônicos, constroem diferentes traços de sociabilidades, em seus diferentes contextos de ação. Este texto apresenta uma análise sobre a importância do GT, os principais objetivos, algumas das metodologias empregadas, as contribuições para o campo da Linguística brasileira e para as comunidades amazônicas.

¹ Universidade Federal do Acre (UFAC); 2- Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); 3- Universidade do Estado do Amazonas (UEA); 4- Universidade Federal do Amazonas (UFAM); 5- Universidade Federal do Maranhão (UFMA); 6- Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL); 7- Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); 8- Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); 9- Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); 10- Universidade Federal do Pará (UFPA); 11- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); 12- Universidade Federal de Rondônia (UNIR); 13- Universidade Federal de Roraima (UFRR); 14- Universidade Estadual de Roraima (UERR); 15- Universidade Federal do Norte de Tocantins (UFNT) e 16- Universidade Federal de Tocantins (UFT).

Contexto Histórico, Linguístico e Cultural

A Amazônia brasileira, que abrange um território de, aproximadamente, 5.217.423 km², o que corresponde a cerca de 60% do território brasileiro, é o lar de diversos povos indígenas, cada um com suas próprias língua(gens) e culturas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), existem cerca de 274 idiomas falados no Brasil, muitos dos quais pertencem a famílias linguísticas presentes na Amazônia, como as línguas Tupi-Guarani, Aruak, Pano, Karib, entre outras famílias linguísticas. Infelizmente, muitas dessas línguas estão ameaçadas pela globalização, pela urbanização, pela destruição das florestas e contaminação dos rios e pela perda dos territórios tradicionais.

Os estudos linguísticos na Amazônia são essenciais para documentar e promover ações políticas de reflexão sobre os usos de língua(gens), no sentido de que elas, principalmente as que eram outrora utilizadas por pessoas indígenas, estão se modificando a ponto de não serem mais faladas. Além disso, a investigação linguística pode fornecer *insights* valiosos sobre as histórias e as identidades das comunidades indígenas, bem como contribuir para um maior entendimento das práticas sociais e culturais que permeiam as produções de sociabilidades dessas populações.

Ademais, também vive, na Amazônia, um grande número de comunidades quilombolas (1,6% da população desta região e quase um terço (32,1%) dos quilombolas do país), conforme dados do IBGE (2022), e povos ribeirinhos (que vivem em áreas rurais, às margens de rios e lagos na Amazônia Brasileira, distribuindo-se em uma área geográfica com cerca de 5.020.000km), o que intensifica ainda mais seu caráter heterogêneo, especialmente por causa dos diferentes contatos linguísticos e culturais.

Conforme Heidtmann Neto (2008), a Amazônia brasileira pode ser caracterizada atualmente como um lugar urbano, com elevada concentração das populações nas capitais – entretanto, com uma forte territorialidade rural representada por povos tradicionais, como indígenas, seringueiros, ribeirinhos e castanheiros, que lutaram e lutam pela ocupação de suas terras nesse espaço com sérios problemas sociais, principalmente altos índices de pobreza, mas com uma grande riqueza sociocultural que, ainda hoje, é pouco vista ou refletida pelos espaços de pesquisa no Brasil.

Nos espaços amazônicos, exceto pelas explicações midiáticas que acentuam a pobreza da região, há grande diversidade sócio-linguístico-cultural reconhecida internacionalmente e que, para além de reconhecimento internacional, a diversidade social da Amazônia necessita ser reconhecida no Brasil. Nesse sentido, cabe salientar, de acordo com Gama *et al.* (2018), que as populações ribeirinhas da Amazônia representam uma mistura de diferentes grupos sociais (indígenas, nordestinos e migrantes de outras regiões).

É necessário ainda ressaltar as inúmeras migrações internas, dentre elas as mais recentes, que foram impulsionadas mais intensamente entre as décadas de 1960 e 1970, por meio de políticas de ocupação que estimulavam o desenvolvimento econômico da

região. De acordo com Philippsen (2013), essas migrações trouxeram grande quantidade de “colonizadores” a este espaço amazônico, de várias regiões do país (mas com destaque à região Sul), e, com eles, não apenas variedades linguísticas, mas também diferentes línguas (alemã, italiana, japonesa, entre outras).

Todo esse contexto de língua(gens), variedades e culturas diferentes estimulou a criação do GT, que foi aprovado em 2018 pelo Conselho e Assembleia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) (cf. Ata da Assembleia da ANPOLL de 29 de junho de 2018 realizada durante o XXXIII ENANPOLL em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil). Desde então, o GT, que agora conta com três linhas de pesquisa², vem promovendo inúmeras atividades, conforme os relatórios de atividades (2018-2020 e 2021-2023) disponibilizados na página destinada ao GT no *site* da ANPOLL (<https://anpoll.org.br/gt/estudos-linguisticos-na-amazonia-brasileira/relatorios-de-atividades/>), dentre elas se destacam:

- Publicações de livros, coletâneas, dossiês, capítulos, artigos em periódicos etc.
- Coordenação de Grupos de Pesquisa
- Desenvolvimento de projetos de pesquisa, extensão, iniciação à pesquisa e à docência etc.
- Participação em bancas examinadoras: mestrado, doutorado, qualificação etc.
- Participação em eventos, conforme catálogo nacional e internacional
- Participação e parceria na coordenação do **XXI Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários – CONAELL**, evento que ocorreu em formato híbrido entre os dias 24 e 26 de setembro de 2024, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop/MT. No evento aconteceram encontros das três linhas do GT-ELIAB.

Objetivos do Grupo de Trabalho

O GT “Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira” tem como objetivos principais:

1. **Integração entre Programas de Pós-Graduação:** envolver os Programas da área de Linguística localizados na Amazônia brasileira para mostrar que neste espaço amazônico já há uma significativa produção científica que aspira ser implementada com novos resultados e produções.
2. **Documentação Linguística:** Realizar um levantamento e documentação das línguas faladas na Amazônia, priorizando aquelas em risco de extinção. Isso envolve registros audiovisuais, elaboração de dicionários e gramáticas e a realização de entrevistas com falantes nativos.
3. **Pesquisa e Análise:** Promover pesquisas que analisem a estrutura gramatical, fonológica, morfossintática, semântica e lexical das línguas e variedades amazôni-

² **Linha 1:** Descrição e análise de línguas nas amazônias; **Linha 2:** Linguagem, discurso e ensino/formação de professores nas amazônias e **Linha 3:** Contato, variação e identidades.

cas, favorecendo uma compreensão mais ampla das relações entre as diferentes línguas e variedades da região.

4. **Promover a Valorização Cultural:** Contribuir para a valorização das diferentes línguas, variedades e culturas por meio de ações educativas e de sensibilização na sociedade, a partir das produções e divulgações científicas realizadas pelos membros do GT.
5. **Formação e Capacitação:** Incentivar a formação de novos professores e pesquisadores e a capacitação de membros das comunidades amazônicas.

Metodologia

As metodologias utilizadas pelo GT abrangem tanto abordagens quantitativas quanto qualitativas e são desenvolvidas por grupos de pesquisa ou projetos individuais, nos diferentes Programas de Pós-Graduação aos quais os pesquisadores do GT estão vinculados. Cabe evidenciar, também, conforme Santos *et al.* (2019), que os membros do GT, em geral, têm estabelecido interação com outros grupos de pesquisa de universidades brasileiras e do exterior. Sendo assim, os estudos contemplam, em sua maioria, aspectos ligados à Amazônia, mas isso não significa que estejam desvinculados de pesquisas realizadas no Brasil e fora dele.

Nesse âmbito, destacam-se:

1. **Etnografia Linguística:** Envolvimento com as comunidades locais para entender a língua e variedades em seu contexto sociocultural. Isso inclui a observação participante, entrevistas e a produção de narrativas orais.
2. **Análise Comparativa:** Estudo das similaridades e diferenças entre as línguas e variedades faladas na Amazônia, considerando aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais e semânticos.
3. **Registro e Documentação Audiovisual:** Uso de equipamentos para registrar conversas, canções e rituais, garantindo que as práticas linguísticas sejam armazenadas para posteriores estudos ou para o próprio conhecimento sociocultural das futuras gerações amazônicas.
4. **Uso de Tecnologias Digitais:** Desenvolvimento de plataformas *online* para armazenar e compartilhar dados linguísticos, como dicionários digitais e corpora linguísticos, facilitando o acesso à informação.

Contribuições para a Linguística e para as Comunidades Amazônicas

Os trabalhos realizados pelo GT têm trazido contribuições significativas para a Linguística, bem como para as comunidades amazônicas. As pesquisas ajudam a ampliar o conhecimento sobre a diversidade linguística local e nacional e a desafiar as narrativas predominantes que frequentemente marginalizam as variedades linguísticas e línguas minorizadas produzidas nos contextos amazônicos.

Cabe destacar aqui algumas produções científicas produzidas por integrantes do GT e que estão disponíveis para consulta:

- a. OLIVEIRA, M. B. de.; PHILIPPSEN, N. I.; COSTA, E. O. da. Dossiê: estudos sociolinguísticos e geolinguísticos na Amazônia brasileira. **Revista Moara**, 2019. (<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/issue/view/374/showToc>)
- b. SEGANFREDO-SANTOS, L. I.; PHILIPPSEN, N. I.; BARBOSA, S. M. A. D. Dossiê: estudos linguísticos na Amazônia brasileira. **Revista Entreletras**, 2019. (<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/issue/view/310>)
- c. COTINGUIBA, M. L. P.; TOMÉ, C. L. Dossiê: estudos discursivos sobre a Amazônia Legal. **Revista Igarapé**, 2019. (<https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/issue/view/407>)
- d. SEGANFREDO-SANTOS, Leandra Inês (Org.); PHILIPPSEN, N. I. (Org.); SOUZA, S. L. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua portuguesa em contextos amazônicos**. 1. ed. Cáceres: Editora Unemat, 2023. (<https://cms.unemat.br/storage/arquivos/editora/BPxEUcHqIg98JhLJos317cvERN7VCyHid-GjMyLDX.pdf>)
- e. SEGANFREDO-SANTOS, Leandra Inês (Org.); PHILIPPSEN, N. I. (Org.); SOUZA, S. L. (Org.) SILVA, A. P. P. (Org.). **Tecendo saberes por meio de língua(gens): (des)caminhos no ensino e na aprendizagem de português na região amazônica**. 10. ed. Cáceres: Editora Unemat, 2024. (<https://cms.unemat.br/storage/arquivos/editora/RsyffkRcQfr7H9lNoxwdiHTeBdK799qubHyLCB8r.pdf>)

Assim, compreende-se que a valorização das língua(gens) e variedades locais, por meio de estudos e ações de pesquisa efetivas, pode ajudar a refletir sobre as identidades culturais dos povos amazônicos, promovendo a autoestima e a resistência cultural frente à homogeneização imposta pela globalização. O GT também busca empoderar comunidades de fala, estimulando práticas de ensino de língua materna e incentivando a continuidade das tradições orais.

Desafios e Perspectivas Futuras

O trabalho do GT não é isento de desafios. Entre os principais obstáculos estão a falta de recursos financeiros, a sobrecarga de trabalho dos pesquisadores nas diferentes frentes de pesquisa e atribuições em seus respectivos programas, a necessidade de maior mobilização e apoio das instituições e a resistência de alguns membros das comunidades em relação à pesquisa de campo. Para superar essas dificuldades, é fundamental estabelecer parcerias com universidades, ONGs e órgãos governamentais, buscando recursos e ações que viabilizem novos projetos.

As perspectivas futuras do GT incluem a ampliação do alcance das pesquisas, a realização de eventos acadêmicos e novas publicações de materiais que consolidem os resultados em estudos linguísticos e educacionais. Além disso, a inclusão de novas tecnologias, como a inteligência artificial e *machine learning*³, pode auxiliar na análise e documentação das línguas e variedades amazônicas.

³ *Machin learning* ou 'aprendizado de máquina' é o uso de algoritmos para organizar dados, reconhecer padrões e fazer com que computadores

Considerações Finais

O Grupo de Trabalho “Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira” desempenha um papel crucial no estudo e na valorização da diversidade linguística da região. Por meio de documentação, de pesquisa e de intercâmbio de conhecimentos, o GT contribui para a compreensão das língua(gens) e variedades amazônicas e das identidades culturais das comunidades de falantes e dos espaços amazônicos. É essencial que o trabalho continue a receber apoio, incentivo e reconhecimento de sua importância, garantindo que as língua(gens) e variedades amazônicas não apenas sejam estudadas, mas, sobretudo, valorizadas nas diversas esferas da sociedade como produções de saberes sócio-linguístico-culturalmente fundamentadas para a construção de perspectivas sobre o Brasil. A riqueza cultural e linguística da Amazônia é um patrimônio humano que deve ser celebrado, estudado e respeitado por todos.

*
* *

Referências

- GAMA, A. S. M et. al. Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** (CSP), v. 18, n. 02, p. 1-16, 2018.
- HEIDTMANN NETO, H. G. C. **A sensibilidade territorial das políticas públicas**: Um estudo em comunidades ribeirinhas na Amazônia Legal. Tese de Doutorado. São Paulo, Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2008.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Comunidades quilombolas na Amazônia**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Idiomas falados no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- PHILIPPSEN, N. I. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística**: abordagens sócio-semântico-lexicais. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SEGANFREDO-SANTOS, L. I. et. al. Pesquisa linguística na Amazônia brasileira: integrar para fortalecer. **Revista ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 10, n. 1, jan/jun 2019.

ESTUDOS PRAGMÁTICOS

Fábio José Rauen

Universidade do Sul de Santa Catarina

Sebastião Lourenço dos Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa

A pragmática investiga como os seres humanos mobilizam a linguagem para alcançar metas comunicativas, considerando fatores cognitivos e socioculturais na negociação contextualizada de significados.

Os estudos pragmáticos aportaram no Brasil nos anos 1970-1980, motivados pelas contribuições seminais de Searle e Austin para o estudo de atos de fala e de Grice para o estudo da conversação. Conforme Santos e Godoy (2017), duas obras publicadas em 1983 marcam esse período. A coletânea “Sobre Pragmática”, organizada por Eduardo Guimarães, e a série “Fundamentos Metodológicos da Linguística”, organizada por Marcelo Dascal, cujo volume IV, “Pragmática: Problemas, Críticas, Perspectivas da Linguística”, disponibilizou textos de Bar-Hillel, Benveniste, Stalnaker e o indispensável “Lógica e Conversação”, de Grice.

Nesse mesmo ano, Feryal Yavas cria a linha de pesquisa em Linguística Aplicada na PUCRS que inspira o “Programa de Lógica e Linguagem Natural”, de Jorge Campos da Costa, nos anos 1990. Neste esteio, destacam-se publicações como “Pragmática e Cognição: a Textualidade pela Relevância” (Silveira; Feltes, 1999); “Na Interface Semântica/Pragmática” (Ibaños; Silveira, 2002); o número especial “Teoria da Relevância”, de Linguagem em (Dis)curso (Rauen; Silveira, 2005); “Tópicos em Teoria da Relevância” (Costa; Rauen, 2008) e “Topics on Relevance Theory” (Costa; Rauen, 2009); “Linguagem e Cognição: Relações Interdisciplinares” (Costa; Pereira, 2009); o dossiê temático “Relevance Theory: Challenges and Perspectives”, de Linguagem em (Dis)curso (Rauen; Yus; Costa, 2014); e o Mbook “Gate to Pragmatics” (Pereira *et al.*, 2017).

Na Universidade de São Paulo (USP), os estudos de Pragmática tiveram início, de forma tímida, juntamente com outras três correntes: Sociolinguística, Análise da Conversação e Análise do Discurso. Fruto da tese de doutorado do professor Dino Preti, um dos primeiros passos foi o curso “Sociolinguística: Os Níveis de Fala”, criado na área de Filologia e Língua Portuguesa em meados da década de 1970. Ainda que seu objetivo fosse destacar a variação linguística, o curso trazia autores pioneiros da Pragmática, especialmente Grice, além de trabalhar questões sobre a língua em ação em *corpus* literário. Com as gravações do *corpus* do Projeto NURC (Norma Urbana Falada Culta), o curso

foi reformulado no início dos anos 1980, introduzindo novidades sobre a oralidade e a importância do estudo da língua em contexto.

Em meados dessa mesma década, recém-chegado da Alemanha depois de um período de pós-doutorado, Luiz Antônio Marcuschi compartilha novidades da Análise da Conversação, que estimulavam o trabalho com língua falada e enfatizavam a importância de considerar o contexto nas análises linguísticas. Na mesma época, a área de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa oferece a disciplina “Introdução à Análise do Discurso” com dois módulos que incluíam os principais textos de Morris, Carnap, Austin e Searle.

Nos anos seguintes, inúmeras dissertações e teses abordaram temas como atos de fala, formas de tratamento, teoria da cortesia (ou polidez) e ensino de Pragmática em língua materna e línguas estrangeiras. No âmbito do projeto NURC, várias pesquisas abordaram questões de natureza pragmática ao analisar as entrevistas gravadas, o que resultou em variados artigos e em um volume integralmente dedicado à cortesia verbal (Preti, 2008).

Em 2013, por iniciativa de Elisabetta Santoro, Maria Zulma Kulikowski e Luiz Antônio da Silva, foi criado o Grupo de Pesquisa “Pragmática (Inter)Linguística, Cross-Cultural e Intercultural” (GPP). O grupo se dedica prioritariamente a pesquisas de tipo cross-cultural ou contrastivo e utiliza referências teóricas como a teoria dos atos de fala de Austin, a noção de face de Goffman e a teoria da polidez de Brown e Levinson, além de autores como Briz, Kerbrat-Orecchioni, Caffi, Bravo, Haverkate, Sbisà e Albelda. Atualmente, examina atos de fala de pedido, por sua ameaça à face positiva do falante e a negativa do ouvinte e por sua sensibilidade às diferenças culturais. A perspectiva do grupo foi apresentada no livro “Estudos em Pragmática: Atos de Fala em Português, Italiano, Espanhol e Inglês”, em especial, no capítulo “Estudar Pedidos na Perspectiva da Pragmática Cross-Cultural” (Santoro; Kulikowski; Silva, 2021). Outros resultados podem ser vistos em Santoro e Porcellato (2020; 2023).

Na Universidade Federal do Paraná, lideradas por Elena Godoy, desenvolveram-se desde os anos 2000 as ações do Grupo de Pesquisa “Linguagem e Cultura”, hoje “Linguagem, Cognição e Comunicação”, que culminaram com a realização dos “Workshops Internacionais de Pragmática” (2012, 2014, 2016) em Curitiba (Godoy *et al.*, 2014; Godoy *et al.*, 2015). O evento levou à criação de uma rede de pesquisa sobre processos interacionais (UFPR, UEPG, PUCRS, Unisul, UCS, USP e UFES) em 2015, da “Associação Brasileira de Pragmática” (ABRAP) em 2016 e do “Grupo de Trabalho em Estudos Pragmáticos” na “Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística” (ANPOLL) em 2018.

Desde sua fundação, mediante o fortalecimento de iniciativas em rede, a consolidação de eventos e a publicação em coletâneas e dossiês, o Grupo de Trabalho em Estudos Pragmáticos integra esforços e fortalece relações interinstitucionais entre programas que abrigam projetos e grupos de pesquisa no campo. Em parceria com o Grupo de Pesquisa

Linguagem, Cognição e Comunicação da UFPR, colaborou com a realização do “IV Workshop Internacional de Pragmática” (WIP) em Curitiba. Realizado nos dias 10 e 11 de março de 2020, portanto, alguns dias antes das medidas de isolamento social em função da pandemia de COVID-19, o evento contou com a conferência magna de Dan Sperber e reuniu estudantes, docentes e pesquisadores de diversos grupos de pesquisa brasileiros (Linguagem, 2022).

Além disso, em parceria com a rede de pesquisa e a “Associação Brasileira de Pragmática”, viabilizou quatro dossiês temáticos. Em 2020, Fábio Rauen e Crisbelli Domingos organizaram na Revista *Memorare* o dossiê “Pragmática: Desenvolvimentos e Extensões” com doze textos que discutiram capacidades linguísticas e meta-representacionais da comunicação (Rauen, Domingos, 2020). Neste mesmo ano, Elena Godoy, Crisbelli Domingos e Patrick Rezende organizaram na revista *Percursos Linguísticos* o dossiê “Linguagem, Comunicação e Cognição” com dez trabalhos apresentados no “IV Workshop Internacional de Pragmática” (Godoy; Domingos; Rezende, 2020). Em 2021, Sebastião Lourenço dos Santos e Elena Godoy organizaram na revista *Muitas Vozes* o dossiê “A Linguagem em Perspectivas Pragmáticas” com nove estudos focados no processamento da linguagem natural em interações comunicativas (Santos; Godoy, 2021). Em 2022, Fábio Rauen e Sebastião Lourenço dos Santos organizaram na Revista *Linguagem em (Dis)curso* o dossiê “Estudos Pragmáticos Contemporâneos”, com sete estudos científicos que abordaram aspectos contextualizados da linguagem a partir de perspectivas pragmáticas (Rauen; Santos, 2022).

Atualmente, o GT integra os seguintes Grupos de Pesquisa.

O grupo de pesquisa “Linguagem, Cognição e Comunicação” (UFPR), coordenado por Elena Godoy, com apoio de Sebastião Lourenço dos Santos (UEPG), analisa processos mentais de produção e interpretação de enunciados conversacionais. Os estudos destacam conexões entre linguagem, cultura e cognição, adotando perspectivas da pragmática sociocultural e cognitiva. O grupo estuda paradigmas teóricos, revisa modelos existentes, desenvolve novas abordagens e aplica teorias da pragmática em diferentes contextos e gêneros discursivos. Composto por professores, alunos e egressos de universidades paranaenses, reúne áreas como psicologia, direito, filosofia, jornalismo, comunicação social, linguística e literatura.

O grupo de pesquisa em “Pragmática Cognitiva” (GPPC/Unisul), coordenado por Fábio Rauen, analisa processos comunicativos sob uma perspectiva pragmático-cognitiva. O grupo desenvolve investigações orientadas pela teoria da relevância de Sperber e Wilson e pela teoria de conciliação de metas (Rauen, 2014). Reunindo pesquisadores da Unisul, UFSC, IFSC, IFC, Unibave e Senac, o GPPC envolve três linhas de pesquisa: Pragmática Cognitiva e Ensino de Matemática e Ciências, Pragmática Cognitiva e Pesquisa Acadêmica, e Pragmática Cognitiva e Processos Interacionais.

O grupo de pesquisa “Uso e Processamento da Linguagem: Pragmática e Interfaces” (UPLA/PUCRS), coordenado por Cristina Becker Lopes Perna, estuda a intenção

comunicativa de atos de fala a partir da relação das perspectivas teóricas da análise crítica do discurso, de Fairclough, da pragmática discursiva, de van Dijk, e da pragma-dialética, de van Eemeren. Estabelecendo interfaces com a comunicação, a sociedade e o discurso, o grupo explora relações (inter)culturais no proferimento de atos de fala em diferentes contextos linguísticos, da língua portuguesa (L1/LA) às línguas adicionais (inglês, espanhol, coreano). O UPLA participou com comunicações e organizações de mesa nas Conferências da *International Pragmatics Association* (IPrA, 2015, 2017, 2019, 2023) e publicou duas obras internacionais (Molsing; Perna; Ibaños, 2000; Perna; Carilo, 2023).

O já mencionado grupo “Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural” (GPP/USP), liderado por Elisabetta Santoro, desenvolve o projeto “O ato de fala do pedido na perspectiva da Pragmática contrastiva: uma abordagem plurilíngue e multicultural” (Fapesp; CNPq) e organiza anualmente a Jornada de Estudos em Pragmática (JEP).

O Grupo de Pesquisa “Texto e Pragmática” (UFES), coordenado por Maria da Penha Pereira Lins, realiza uma interface entre as noções da Linguística do Texto e os princípios da Pragmática, visto que o advento da Pragmática trouxe novas perspectivas ao conceito de texto, agora amplamente associado aos gêneros digitais.

O Grupo de Estudos em Teoria da Relevância (GETER), atividade de extensão coordenada pelos professores Marcos Goldnadel e Maity Siqueira (2024) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A iniciativa tem o objetivo de promover uma ampliação da discussão sobre a Teoria da Relevância e sobre seus desdobramentos no debate pragmático.

Em síntese, os estudos pragmáticos no Brasil – ao longo das últimas cinco décadas – vêm se consolidando como um campo interdisciplinar decisivo para a compreensão das dinâmicas comunicativas. A partir de colaborações nacionais e internacionais, redes de pesquisa, eventos acadêmicos e produções científicas, o desenvolvimento dessa área tem contribuído para ampliar o entendimento sobre os processos interacionais, culturais e cognitivos que moldam o uso da linguagem. As iniciativas descritas neste texto exemplificam o compromisso de pesquisadores brasileiros em avançar no conhecimento pragmático, mediante a integração de abordagens teóricas e aplicadas, e o fortalecimento de uma comunidade científica cada vez mais conectada e relevante.

*
* *

Referências

- COSTA, J. C. da; PEREIRA, V. W. **Linguagem e cognição [recurso eletrônico]**: relações interdisciplinares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/linguagemecognicao.pdf>. Acesso em 22 dez. 2024.
- COSTA, J. C. da; RAUEN, F. J. **Tópicos em teoria da relevância [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- COSTA, J. C. da; RAUEN, F. J. **Topics on Relevance Theory [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

- DASCAL, M. **Fundamentos metodológicos da linguística**. V. 4. Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística. Campinas: Unicamp, 1982.
- GODOY, E. (Sup.); BRUNET, C. D.; ALMEIDA, A. L. de O; DIAS, L. S. (org.). **Coletânea do II Workshop Internacional de Pragmática**. Curitiba: UFPR, 2015.
- GODOY, E.; BRUNET, C. D.; ARRUDA, M. P. M. (org.). **Coletânea do I Workshop Internacional de Pragmática da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: UFPR, 2014.
- GODOY, E.; DOMINGOS, C.; REZENDE, P. (org.). Linguagem, Comunicação e Cognição [Dossiê Temático]. **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 10, n. 26, 2020.
- GUIMARÃES, E. R. J. (org.) **Sobre Pragmática**. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1983. (Série Estudos 9)
- IBAÑOS, A. M. T.; SILVEIRA, J. R. C. da. **Na interface semântica/pragmática**: programa de pesquisa em lógica e linguagem natural. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- LINGUAGEM, Cognição e Comunicação CNPq UFPR. Canal do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC23hBqkKGEoHYgNLVt7-EKA>. Acesso em 22 dez. 2024.
- MOLSING, K. V.; PERNA, C. B. L.; IBANOS, A. T. (org.). **Linguistic Approaches to Portuguese as Additional Language**. Amsterdam: John Benjamins, 2020.
- PEREIRA, V. W.; ANDRADE, G. K. de; COSTA, J. C. da; SARAIVA, J. R.; FORNECK, K. L. **Gate to Pragmatics [recurso eletrônico]**: uma introdução a abordagens, conceitos e teorias da pragmática. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0995-3/#/>. Acesso em 22 dez. 2024.
- PERNA, C. B. L.; CARILO, M. S. (org.). **Portuguese as an Additional Language (PAL) Research-Informed Pedagogical Approaches**. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2023.
- PRETI, D. (org.). **Cortesia verbal**. Projetos Paralelos – NURC-SP. São Paulo: Humanitas, 2008.
- RAUEN, F. J. (2014). For a Goal Conciliation Theory: Ante-Factual Abductive Hypotheses and Proactive Modelling. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 14, n. 3, p. 595-615, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-140309-0914>.
- RAUEN, F. J.; DOMINGOS, C (orgs.). Pragmática: desenvolvimentos e extensões. **Memorare**, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 2-6, maio/ago. 2020. [Dossiê Temático]. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupeg/article/view/9767. Acesso em 22 dez. 2024.
- RAUEN, F. J.; SILVEIRA, J. R. C. da (orgs.). Teoria da Relevância. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. especial, 2005. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/287. Acesso em 22 dez. 2024.
- RAUEN, F. J.; SANTOS, S. L. dos. Estudos Pragmáticos Contemporâneos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 22, n. 3, set./dez. 2022. [Dossiê Temático]. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/issue/view/1163. Acesso em 22 dez. 2024.
- RAUEN, F. J.; YUS RAMOS, F.; COSTA, J. C. da (orgs.). Special Issue on Relevance Theory: Challenges and Perspectives. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, set./dez. 2014. [Dossiê Temático]. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/issue/view/155. Acesso em 22 dez. 2024.
- SANTORO, E.; PORCELLATO, A. M. Língua, cultura e cognição: um estudo do ato de fala do pedido em italiano, português brasileiro, espanhol argentino e alemão. **Percursos Linguísticos**, v. 10, n. 26, p. 49–71, 2020.
- SANTORO, E.; PORCELLATO, A. M. Escolhas linguísticas e valores culturais na construção interacional de pedidos de brasileiros e italianos. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 22, n. 3, p. 465-482, set./dez. 2022.
- SANTORO, E.; SILVA, L. A. da; KULIKOWSKI, M. Z. Estudar pedidos na perspectiva da Pragmática cross-cultural. In: E. Santoro; L. A. da Silva; M. Z. Kulikowski (orgs.). **Estudos em Pragmáticas**: atos de fala em português, italiano, espanhol e inglês. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. p. 13-36. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/710>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SANTORO, E.; SILVA, L. A. da; KULIKOWSKI, M. Z. (orgs.). **Estudos em Pragmáticas**: atos de fala em português, italiano, espanhol e inglês. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/710>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SANTOS, S. L. dos; GODOY, E. A pragmática no Brasil: trajetória e perspectivas. In: PEREIRA, V. W.; ANDRADE, G. K. de; COSTA, J. C. da; SARAIVA, J. R.; FORNECK, K. L. **Gate to Pragmatics [recurso eletrônico]**: uma introdução a abordagens, conceitos e teorias da pragmática. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0995-3/#/>. Acesso em 24 dez. 2022.

SANTOS, S. L. dos; GODOY, E. (orgs.). A linguagem em perspectivas pragmáticas. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, 2021. [Dossiê Temático]. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/issue/view/791>. Acesso em 22 dez. 2024.

SILVEIRA, J. R. C. da; FELTES, H. P. de M. **Pragmática e cognição**: a textualidade pela relevância e outros ensaios. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Marli Quadros Leite

Universidade de São Paulo

Ronaldo de Oliveira Batista

Universidade Presbiteriana Mackenzie

O GT Historiografia da Linguística Brasileira foi criado em 1996 por Cristina Altman (hoje Professora Titular Sênior da Universidade de São Paulo e Membro Honorário do GT). Naquela segunda metade dos anos 1990, o principal objetivo de Altman era institucionalizar um espaço de discussão científica inédito no Brasil: um grupo de linguistas que procurava dar ênfase a descrições e explicações de processos históricos de formação e desenvolvimento dos estudos da linguagem e das línguas (ou seja, o conhecimento linguístico ou conhecimento sobre a linguagem), com destaque para histórias brasileiras.

A formação do GT foi um dos marcos da institucionalização no Brasil da Historiografia Linguística (ou Historiografia da Linguística). Campo metateórico da linguística que procura analisar como os mais variados conhecimentos sobre a linguagem foram se estabelecendo em diferentes períodos históricos. Um domínio do saber aliado à Epistemologia da Linguística, à Filosofia da Linguística, à Metodologia da Linguística. Disciplinas também metateóricas dedicadas a colocar o foco não nas línguas (suas estruturas e seus usos), mas nos modos como foram observadas, descritas, analisadas, teorizadas, ensinadas ao longo dos tempos.

A curiosidade a respeito das características das línguas e das propriedades da linguagem humana sempre fez parte do desenvolvimento sociocultural da humanidade. Especulações existem desde a Antiguidade, como se vê na tradição ocidental em poemas homéricos e reflexões de filósofos gregos e filólogos alexandrinos. A construção desse conhecimento prosseguiu e constituiu alicerces para estudos em vários campos do saber; dentre esses a chamada tradição gramatical. Posteriormente perspectivas científicas como a linguística dos séculos XIX e XX foram se firmando no conjunto de práticas intelectuais das humanidades.

Uma distinção é importante: a *história* como a entendemos diz respeito a uma *história-acontecimento*, conjunto de eventos e agentes no mundo e suas práticas de conhecimento; já a *historiografia* diz respeito a uma *histórica-conhecimento*, o saber científico produzido sobre a história-acontecimento.

Sendo assim, História da Linguística e a Historiografia Linguística não são coextensivas: uma historiografia é sempre recorte seletivo sobre a história entendida como conjunto de eventos e agentes. Nenhum historiógrafo/a da linguística poderá tratar com pertinência de *toda* uma história-acontecimento. É imperioso, portanto, escolher e delimitar objetos de estudo para analisá-los e interpretá-los.

Nessa delimitação de significados, o termo *linguística* é adotado em sentido amplo e não se refere apenas a um conhecimento costumeiramente reconhecido como ciência da linguagem. *Linguística* contempla em sua denotação todos os tipos de abordagem intelectual do conhecimento sobre a linguagem em longa temporalidade.

A história-conhecimento elaborada em diferentes perspectivas no GT Historiografia da Linguística Brasileira não se reduz, de modo algum, à produção de listas de autores, datas e obras. De tal procedimento resultam crônicas; o que, certamente, é parte da atividade de alguns historiógrafos. Entretanto, as tarefas de linguistas que escolheram o labor historiográfico como sua prática intelectual e científica não se resumem a cronologias nem a compilações e paráfrases de autores, muito menos a registros apenas memorialísticos ou exaltadores de pioneiros em paradigmas teóricos sem acompanhamento de reflexões críticas.

Os historiógrafos da linguística tal como os entendemos almejam ir além da crônica, do depoimento, da exaltação de supostos precursores e suas teorias. Eles procuram, em outra visão do trabalho histórico, a análise crítica da formação, do desenvolvimento, da circulação e da recepção do conhecimento linguístico em diferentes contextos sociais.

A Historiografia Linguística como prática científica incorporada aos estudos linguísticos entrou em cena principalmente na Europa com a publicação de trabalhos de pesquisadores que ajudaram a divulgar a reflexão a respeito da história dos estudos sobre a linguagem. As primeiras revistas desse domínio foram a *Historiographia Linguistica*, criada por Konrad Koerner (1939-2022) em 1973, e a *Histoire Epistemologie Langage* (H.E.L.), criada por Sylvain Auroux em 1979.

Alguns pesquisadores têm destaque na conformação teórica e metodológica nesse domínio das ciências da linguagem. Quanto à Historiografia Linguística dois são muito relevantes pela busca de métodos historiográficos: Konrad Koerner e Pierre Swiggers. No âmbito denominado História das Ideias Linguísticas destaca-se Sylvain Auroux, filósofo da linguagem, cujas ideias são fonte para pesquisadores ao redor do mundo.

A proposição do campo da Historiografia Linguística na década de 1970 tinha como alvo uma revisão crítica de narrativas históricas elaboradas por autores sem especialização em técnica e teoria de reconstrução historiográfica. Isso gerava narrativas (naturalmente que não todas) com falhas metodológicas e muitas vezes escritas ou para enaltecer figuras de heróis, ou para fazer propaganda de correntes

teóricas. Além disso, essas histórias monumentais ou revolucionárias adotavam perspectiva linear e progressiva de desenvolvimento histórico. Ou seja, o passado era caminho para se chegar a um presente em estágio superior.

Em nome de um campo que pregava formação específica em linguística e teoria/prática historiográficas (com apoio na filosofia da ciência), Konrad Koerner foi um dos autores que com mais destaque propôs uma área dos estudos linguísticos atenta a reconstruções históricas não enviesadas, não monumentais, não heroicas, não memorialísticas, não ancoradas em linearidade progressiva. Como efeito retórico de seus empreendimentos, a nomeação *historiografia linguística* (ainda que polêmica) surgia para demarcar especificidades. Dentre essas, estava o interesse em delimitar distinções entre uma escrita analítica sobre eventos históricos (uma *historiografia*) e o conjunto desses eventos (uma *história*).

No Brasil, a partir da formação do GT na ANPOLL, a Historiografia Linguística foi trilhando pouco a pouco seu caminho. Formaram-se mestres e doutores; implantaram-se disciplinas de teor historiográfico em cursos de pós-graduação e graduação; organizaram-se eventos; publicaram-se livros, estudos monográficos, artigos em periódicos. E mais que tudo: foram-se formando novos grupos de pesquisa, expandindo raios de atuação daquele primeiro grupo organizado como GT da ANPOLL.

Os anos iniciais do século XXI seriam outro marco para a Historiografia Linguística brasileira, em especial o período de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Se esse momento nos impactou de modo incomensurável, foi também nesse momento que os estudos sobre histórias da linguística conquistaram mais reconhecimento no Brasil. Nesse contexto, apresentações *on-line* permitiram que vozes de historiógrafos/as da linguística fossem ouvidas por linguistas que estiveram presentes nas tão divulgadas e concorridas *lives* promovidas pelas associações de linguistas.

Todo esse conjunto de atividades a que nos referimos só foi possível pela ação coletiva, desde os anos 1990, de muitos historiógrafos que vestiram a camisa de líderes intelectuais e organizacionais e insistiram na validade e utilidade do conhecimento historiográfico para a formação abrangente dos linguistas.

Diferentes grupos hoje atuam em âmbito nacional. Todos em diálogo com o GT Historiografia da Linguística Brasileira. Na Universidade de São Paulo sempre esteve em atuação o Centro de Documentação em Historiografia da Linguística – o CEDOCH, do Departamento de Linguística). Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também estiveram (e estão) engajados nos estudos historiográficos pesquisadores do Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae”. Outras comunidades de pesquisadores foram-se articulando principalmente a partir dos anos 2000, ampliando um eixo de influência antes concentrado na região sudeste. Atualmente, nas regiões norte, nordeste, centro-oeste e sul há grupos

em Historiografia Linguística institucionalizados não só no diálogo com o GT da ANPOLL, mas também em programas de pós-graduação de instituições estaduais e federais.

Além dessa presença em todo o Brasil, há organizações que estão do mesmo modo em diálogo com o GT da ANPOLL, como Projetos de Trabalho na Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) e a Comissão de Historiografia da Linguística da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

Ao longo desses anos de atividade, os historiógrafos da linguística brasileiros têm-se dedicado à busca e ao tratamento de fontes primárias relativas aos agentes, contextos e produtos da atividade com a linguagem. O que tem resultado em acervos documentais e estudos monográficos que descrevem, analisam e interpretam percursos históricos relevantes para, por exemplo, a conformação de áreas de especialidade no país, o estabelecimento de tradições gramaticais e didáticas.

Uma fotografia do estado da arte da pesquisa brasileira em Historiografia Linguística poderia mostrar as seguintes áreas de atuação: a) proposição de narrativas historiográficas sobre a gramática e os dicionários brasileiros; b) tratamentos analíticos do conhecimento linguístico (e epilinguístico) circunscritos aos séculos XIX e XX; c) formação de bancos de dados; d) elaboração de dicionários de termos empregados historicamente; e) construção e preservação de acervos de depoimentos; f) estudos da linguística missionária; g) abordagens da história do ensino de língua portuguesa; h) reflexões meta-historiográficas sobre a prática de pesquisa em Historiografia Linguística.

Desde 1996, pode-se dizer, portanto, que a trajetória do GT é bem-sucedida; mas há muito o que percorrer, porque o reconhecimento da área ainda é, mesmo diante de todo o avanço apontado, incipiente e precisa ser ampliado de forma significativa.

E por que essa ampliação é importante? A resposta não é difícil, apesar de complexa.

Em primeiro lugar, porque todo cientista tem o dever de estar a par do conhecimento produzido em sua área na longa duração do tempo para não correr o risco de “reinventar a roda”. No campo das ciências da linguagem também não é incomum haver saberes antigos que aparecem de “roupa nova” sem que os pesquisadores desconfiem que não produziram conhecimento original.

Em segundo lugar, é preciso reforçar que o fazer historiográfico é produção de conhecimento novo sobre o que foi historicamente construído. O que se dá pela interpretação, avaliação e crítica de objetos de estudo. Ainda que muitas vezes essa realidade tenha sido negligenciada em nome de um ponto de vista ainda atrelado à negação do conhecimento historiográfico como prática científica.

Além disso, as ciências da linguagem constituem campo de notável pluralidade teórica. Portanto, diante de tratamentos fragmentados e repletos de oposições

teóricas, recorrer ao passado é importante não só para se encontrarem antecedentes com os quais estudos contemporâneos venham a ser identificados, mas também para se poder fazer o conhecimento avançar de modo a se produzirem inovações no âmbito dos estudos da linguagem e das línguas.

E, ainda, conhecer histórias da linguística, como propõem os membros do GT Historiografia da Linguística Brasileira, é também desafiar o estabelecido, as verdades dadas como absolutas e reconhecer que nosso presente é, sim, preenchido de passado.

*
* *

INTERMIDIALIDADE - LITERATURAS, ARTES E MÍDIAS

Miriam de Paiva Vieira

Universidade Federal de São João del-Rei

Alex Sandro Martoni

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Ana Cláudia Munari Domingos

Universidade de Santa Cruz do Sul

Brunilda Reichmann

Centro Universitário Campos de Andrade

Histórico

Com enfoque transdisciplinar, o **GT Intermidialidade – Literaturas, Artes e Mídias** – dá início às suas atividades no ano de 2014, ao reunir docentes e pós-graduandos de diversas IES do país, com o objetivo de estudar as relações entre a literatura, as outras artes e as mídias, a partir de uma base teórica dos Estudos de Intermidialidade. O termo *intermedium*, tomado de empréstimo da Química pelo poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (2023) em 1812 para definir certos fenômenos retórico-literários, é retomado, nos anos 1960, pelo artista Dick Higgins (2012), que usou a palavra *intermedia* para descrever um fenômeno que mostrava a dissolução de fronteiras entre as práticas artísticas, e proposto como categoria de análise pelo pesquisador alemão Aage A. Hansen-Löve (1983), que, no início dos anos 1980, empregou o termo *intermedialität* para indicar fenômenos não abrangidos pelo conceito de intertextualidade. Como conceito, intermidialidade passou a ser empregado, desde o início dos anos 2000, na definição tanto do estatuto ontológico de toda mídia quanto de um campo disciplinar e do conjunto de operações teórico-metodológicas que lhe são próprias.

Embora o processo de interação entre a literatura e as outras artes tenha sido, ao longo da história, objeto de reflexão nos domínios da Poética e da Estética, foi somente a partir da segunda metade do século XX que, de forma mais acentuada, ele se tornou uma questão para o campo da Literatura Comparada, exigindo o desenvolvimento de áreas específicas de investigação, como, entre outras, a dos Estudos Interartes. Dentro dessa perspectiva, a operação realizada pelos Estudos de Intermidialidade consiste, justamente, na incorporação e ampliação do escopo dos Estudos Interartes, ao propor a substituição do termo *artes* por *mídia*, visto que o conceito de *arte* está associado a hierarquias de valor e determinadas convenções culturais. Essa virada midial pode ser demarcada desde as

ideias de Marshall McLuhan em *Understanding Media: The Extensions of Man* (1964), passando, entre outros, por Friedrich Kittler, em *Gramophone, Film, Typewriter* (1986), W. J. T. Mitchell, em *Picture Theory* (1994), Jay David Bolter e Richard Grusin, em *Remediation: Understanding New Media* (1999), e, mais recentemente, com Lars Elleström, em “The modalities of media” (2010). Em todos esses trabalhos, o termo *mídia*, núcleo do termo *intermedialidade*, é objeto de inúmeras definições, dependendo da área de conhecimento na qual é utilizado.

De acordo com Lars Elleström, um dos fundadores da *International Society for Intermedial Studies*, existem diferentes definições para o termo *mídia* mesmo no campo da intermedialidade, associados a diferentes tipos de mídia. *Mídia* pode ser entendida como uma forma de comunicação sob diferentes perspectivas, tais como teatro, cinema, literatura, dança, ópera, criações audiovisuais, novelas, séries, entre outras. Também pode ser entendida como uma ferramenta de comunicação, em sua *materialidade*, como televisão, som, palavra. Os tipos de mídia, assim, em conjunto, definem a complexidade do termo: mídia pode tanto significar um gênero ou linguagem, como literatura, como um produto de mídia específico, a Bíblia. Ao utilizar o termo *mídia* em vez de *arte*, estamos democratizando e expandindo o conceito de produtos culturais a serem considerados. Cada uma das mídias (teatro, cinema, ópera, quadrinhos, o vídeo musical da MTV etc.) possui *affordances*, estratégias comunicativas e potencialidades expressivas que são mais ou menos compatíveis com certos substratos, por exemplo, a narratividade. Para Claus Clüver, pesquisador alemão radicado nos EUA, e um dos fundadores do Grupo Intermídia, do CNPQ, com Thaïs Nogueira Flores Diniz, *intermedialidade* abrange não só aquilo que nós designamos amplamente como artes (música, literatura, dança, pintura e demais artes plásticas, bem como formas mistas, como ópera, teatro e cinema), mas também as mídias e seus textos, já costumeiramente assim designadas na maioria das línguas e culturas ocidentais. Portanto, ao lado das mídias impressas, figuram aqui também o cinema e, além dele, a televisão, o rádio, o vídeo, bem como as várias mídias eletrônicas e digitais criadas mais recentemente (2006a, p. 18-19). Desse modo, o termo *mídia*, com sua ênfase na *materialidade* de seus produtos, tem se mostrado frequentemente mais adequado e interdisciplinar para o estudo da produção cultural desde o início do século XXI – sem, no entanto, eliminar o conceito de *arte* em determinados contextos. Como salienta o teórico alemão Jürgen Müller, os Estudos de Intermedialidade “provocaram um deslocamento metodológico cujo enfoque recai “sobre questões de materialidades e de produção de sentido” (Müller, 2012, p. 85). Destarte, a consideração das especificidades concernentes à dimensão material das mídias se constitui como um dos fundamentos dos Estudos de Intermedialidade.

Sob o ponto de vista de sua definição, enquanto um campo cujos objetos e métodos se encontram em processo de sedimentação, o conceito de *intermedialidade* está sujeito a definições distintas, embora convergentes. Para Irina Rajewsky, “intermedialidade pode servir antes de tudo como um termo genérico para todos aqueles fenômenos que (como

indica o prefixo inter-) de alguma maneira acontecem *entre* as mídias” (2012, p. 18). Já a especialista em estudos fílmicos húngaro-romena Ágnes Pethő (2010, p. 60) salienta que processos intermidiais “realizam” algo ativamente, extrapolando a passividade de apenas “ser” um produto midiático, o que contribui tanto para o entendimento do dinamismo contemporâneo de surgimento contínuo de novas mídias, quanto para a crítica desses produtos de mídia. Pethő propõe que intermedialidade seja definida como “ação”, em um ato performativo. No Brasil, a linguista Ana Luiza Ramazzina-Ghirardi, entende que intermedialidade é o campo de pesquisa que investiga qualidades, características, formas, que se realizam na relação entre as mídias em um vínculo que se desenvolve de forma espacial e temporal (2022). O comparativista sueco Lars Elleström, por sua vez, preferiu não definir o termo em duas linhas, sugerindo que a intermedialidade diz respeito “tanto às relações abstratas entre mídias quanto a características e inter-relações entre obras, performances e produtos midiáticos específicos”¹ (2010, p. 30, tradução nossa). Assim, podemos definir a Intermedialidade, basicamente, como o estudo da cooperação e diálogo entre as mídias e as formas de arte, isto é, dos fenômenos criativos da passagem de um texto de uma mídia para outra. Dessa forma, podemos definir a Intermedialidade, basicamente, como o estudo da cooperação e diálogo entre as mídias (artísticas e não artísticas), isto é, dos fenômenos criativos da passagem de um texto de uma mídia para outra, da combinação entre distintos tipos de mídia em único produto e, ainda, das interações diacrônicas entre diferentes tipos de mídia que, conforme Bolter e Grusin (1999), remediam umas às outras. Esse tipo de pesquisa trata, portanto, de produtos culturais marcados pela ausência de limites entre uma mídia e outra, consciente de que não há formas midiais “puras”, já que todos os tipos de mídia estão intrinsecamente relacionados. Verifica-se também a ideia da transposição de fronteiras de modo criativamente clandestino ou do apagamento dessas fronteiras na recriação de um texto ou de uma obra e mesmo de um novo tipo de mídia.

Desde sua emergência, no início dos anos 2000, os estudos de intermedialidade vêm se desenvolvendo a partir da assimilação e ampliação do escopo de vários outros campos, como os Estudos Interartes (Claus Clüver), a Literatura Comparada (Irina Rajewsky), a Semiótica peirceana (Lars Elleström), os Estudos Fílmicos (Ágnes Pethő) e as Ciências Sociais (*Centre de recherches intermédiales sur les arts, les lettres et les techniques*, Canadá), entre outros. Essas várias abordagens sobre a intermedialidade estão integradas, hoje, em uma associação internacional, o ISIS (*International Society for Intermedial Studies*). No Brasil, as pesquisas no campo da intermedialidade, representadas pelos membros deste GT, possuem ampla capilaridade em diferentes áreas do conhecimento, com ênfase nos campos das Linguagens e das Ciências Humanas. Desse modo, o grupo integra pesquisadores que focalizam, direta ou indiretamente, o estudo das mídias e suas interações em diversos domínios, como literatura, pintura, escultura, música, dança, arquitetura, cinema, teatro, música, filmes e séries televisivas, animação, jornalismo, transmissões radiofônicas,

1 No original: “Intermediality is both about abstract relations between basic and qualified media and about connections between and features of specific works, performances and media products”.

vídeos, histórias em quadrinhos, entre outras. Os Estudos de Intermidialidade deste GT, vinculado à Anpoll, centralizam essas interações interdisciplinares sobretudo na relação da linguagem verbal com outras mídias.

*
* *

Referências

- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation**: Understanding New Media. Cambridge: MIT Press, 1999.
- BRUHN, J; LOPEZ-VARELA, A.; DE PAIVA VIEIRA, MIRIAM (Orgs.). **The Palgrave Handbook of Intermediality**. 1. ed. Cham: Palgrave Macmillan, 2024. v. 2. 1262p.
- CLÜVER, C. Estudos interartes: introdução crítica. Trad. Yung Jung Im e Claus Clüver. In: BUESCU, H.; DUARTE, J. F.; Gusmão, M. (Orgs.). **Floresta encantada**: novos caminhos da literatura comparada. Lisboa: Dom Quixote, 2001, p. 333-62.
- _____. Inter textus/Inter artes/Inter media. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, UFMG/FALE, Belo Horizonte, n. 14, jul./dez. 2006a, p. 9-39.
- _____. Da transposição intersemiótica. In: ARBEX, M. (Org.). **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: UFMG, 2006b, p.107-166.
- ELLESTRÖM, Lars. The modalities of media. **Features of the Conceptual Framework for Intermediality**, v. 1, n. 1, p. 11-36, 2010.
- _____. **As modalidades das mídias II**. Tradução de Beatriz Alves Cerveira, Júlia de Oliveira Rodrigues e Juliana de Oliveira Schaidhauer. Porto Alegre: Edipucrs, 2021.
- _____. **Media Borders, Multimodality and Intermediality**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010.
- _____. Um modelo de comunicação centralizado na mídia. In: DOMINGOS, A. C.; KLUCK, A. P.; MELLO, G. M.G. (Orgs.). **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade. Porto Alegre: Edipuc, 2017, p.15-48.
- FRIEDMAN, K.; DÍAZ, L. Intermídia, Multimídia e Mídia. In: Bruhn, J., López-Varela, A., de Paiva Vieira, M. (eds) **The Palgrave Handbook of Intermediality**. Palgrave Macmillan, Cham, 2023. https://doi.org/10.1007/978-3-030-91263-5_43-1.
- GAUDREAULT, A.; MARION, P. Transescritura e midiática narrativa: a questão da intermedialidade. Trad. Brunilda T. Reichmann; Anna Stegh Camati. In: DINIZ, T. F. N. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, p. 107-128.
- HANSEN-LÖVE, Aage A. Intermedialität und Intertextualität. Probleme der Korrelation von Wort- und Bildkunst – Am Beispiel der russischen Moderne. In: SCHMIDT, Wolf; STEMPEL, Wolf-Dieter (Orgs.). **Dialog der Texte**: Hamburger Kolloquium zur Intertextualität. Slawistischer Almanach, vol. especial nº11. Viena: Gesellschaft zur Förderung slawistischer Studien, 1983. p. 291-360.
- HIGGINS, Dick. Intermídia. In: DINIZ, Thaïs Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Orgs.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012. p. 41-50.
- KITTLER, Friedrich. **Gramophone, Film, Typewriter**. Berlim: Brinkmann & Bose, 1986/ Stanford: Stanford University Press, 1986.
- McLUHAN, Marshall. **Understanding Media**: The Extensions of Man. New York: McGraw-Hill; Gingko Press, [1964] 2013.
- MITCHELL, W. J. T. **Picture Theory**: Essays on Verbal and Visual Representation. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- MÜLLER, Jürgen. Intermedialidade revisitada: algumas reflexões sobre os princípios básicos desse conceito. In: DINIZ, Thaïs Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Orgs.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea 2. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.

PETHŐ, Ágnes. Intermediality in Film: A Historiography of Methodologies. **Acta University Sapientiae**, Film and Media Studies, n. 2, p. 39-72, 2010.

RAJEWSKY, I. O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. Tradução de Thaís F. N. Diniz; Eliana Lourenço de Lima Reis. In: DINIZ, Thaís F. N. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012a, p. 15-45.

_____. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. Tradução de Isabella Santos Mundim. In: DINIZ, Thaís F. N.; VIEIRA, André Soares (Orgs.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea, v. 2. Belo Horizonte: Rona, FALE/UFMG, 2012b, p. 51-73.

_____. O termo intermedialidade em ebulição: 25 anos de debate. In: FIGUEIREDO, C. A. P.; OLIVEIRA, S. R.; DINIZ, T. F. N. (Orgs.). **A intermedialidade e os estudos interartes na arte contemporânea**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

RAMMAZZINA-GHIRARDI, A. L. **Intermedialidade**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2022.

LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA

Aparecida Negri Isquardo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Claudia Zavaglia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Ieda Maria Alves

Universidade de São Paulo

Maria José Bocorny Finatto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O léxico, ou conjunto de palavras que compõem uma língua, “se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade”, constituindo uma “forma de registrar o conhecimento do universo”, diz-nos Maria Tereza Camargo Biderman (2001, p. 13), no volume 1 da série *As ciências do léxico*¹. Ensina-nos também a autora que as disciplinas tradicionais dedicadas ao estudo do léxico são a **Lexicologia** e a **Lexicografia**. Todavia, em função dos avanços das pesquisas na área, foram se incorporando às áreas tradicionais a **Terminologia** e a **Fraseologia**, além das interfaces com a **Onomástica**.

Lexicologia

A **Lexicologia**, para Biderman (2001, p. 16), é a ciência que tem como “objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. No âmbito desse ramo das **Ciências do Léxico**, vários estudos que, direta ou indiretamente abordam o léxico, têm sido desenvolvidos. Lexicólogos que têm se dedicado ao estudo da criação de novas palavras, os neologismos, por exemplo, podem estudá-los com base em variados materiais. Tradicionalmente estudados no âmbito de textos literários, o estudo sistemático de palavras neológicas, com base em *corpora* jornalísticos, foi introduzido pelo lexicólogo francês Bernard Quemada que, no início da década de 1960, criou o *Laboratoire d'Analyse Lexicologique du Centre d'Etude du Vocabulaire Français*, sediado na cidade francesa de Besançon. A esse primeiro observatório de análise da neologia lexical, com base em um *corpus* jornalístico, seguiram-se vários outros, sobretudo na Europa, mas também no continente americano - América do Sul (Brasil, Argentina, Colômbia, Peru) e América do Norte (Québec, Canadá). Já desde as últimas décadas do século passado, os estudos sobre neologia têm buscado, cada vez mais, diferentes fontes de estudo, tanto escritas (textos literários, jornalísticos, científicos...) como orais (progra-

¹ Publicação oficial do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, o volume 1 foi publicado em 1998 (1ª ed.) e 2001 (2ª ed.) e vol. XI, no prelo, tem previsão de publicação ao longo do ano de 2025.

mas televisivos e radiofônicos...), assim como os materiais provenientes das redes sociais, que vão introduzindo, especialmente, a neologia produzida pela população mais jovem. Do ponto de vista quantitativo, o desenvolvimento técnico-científico, especialmente, é a principal fonte de criação de novas unidades lexicais, de caráter técnico e científico, que atestam o desenvolvimento atual da ciência praticada no Brasil.

Essa criação de neologismos implica uma relação muito íntima entre a **Neologia** e a **Morfologia**. Os estudos morfológicos fornecem materiais para o estudo da criação dos neologismos, revelando as escolhas dos falantes – relativas aos processos de formação, aos afixos escolhidos ... – que podem variar em função da idade, da intenção, dentre outros fatores, por parte dos falantes.

Ainda no âmbito do estudo científico do léxico, a **Fraseologia**, ramo dos estudos lexicais que investiga as unidades complexas têm merecido estudos específicos e sistemáticos, por parte de especialistas da área. As unidades lexicais complexas, ou seja, construções fraseológicas como locução, frase proverbial, provérbios e modismos, desde a obra de Casares (1950), têm sido estudados pelos especialistas em fraseologia, com base em *corpora* distintos que reúnem acervos lexicais, tanto de linguagens de especialidade, incluindo o contraste com línguas estrangeiras, quanto de recortes do vocabulário comum, dentre os quais o léxico regional e dialetal.

Unidades lexicais complexas, a exemplo das compostas, são consideradas polilexicais, por serem constituídas de uma sequência com duas ou mais unidades léxicas que, em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em construções fixas, num processo de lexicalização semântica e, por extensão, adquirem significado único, em graus diversos, graças à fixidez que ocorre nos planos formal e semântico.

A par das áreas já mencionadas que se ocupam do estudo científico do léxico comum das línguas naturais, situa-se a **Onomástica**, ciência que tem como campo de estudo os nomes próprios de diferentes categorias, incluindo, principalmente, os antropônimos (nomes de pessoas) e os topônimos (nomes de lugares). Esses últimos são estudados pela **Toponímia** que, por sua vez, dialoga com a Lexicologia, tendo em vista os topônimos, em sua grande maioria, terem origem no léxico comum que nomeia plantas, animais, correntes hídricas, tipos de solo, montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins, para citar algumas categorias. Dessa forma, itens lexicais de uso comum na língua migram para o universo da Onomástica, passando à categoria de topônimos, nomes próprios de lugares.

É preciso ter em conta que a preocupação com o estatuto do nome próprio é antiga, categoria reconhecida no Egito, por meio das primeiras inscrições em hieróglifos realizadas pelos egípcios para a identificação de deuses e faraós, há cerca de cinco ou seis mil anos (Hajdú, 2002). A **Toponímia** como disciplina linguística, no entanto, surge no século XIX na França. No Brasil, as pesquisas toponímicas, por décadas, foram lideradas pela toponimista brasileira Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick na Universidade de São Paulo que se dedicou à investigação de topônimos, nomes próprios de lugares,

tanto de áreas rurais quanto urbanas. A **Toponímia** é definida pela mesma pesquisadora como “um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (Dick, 1990, p. 11). Nessa perspectiva, tem fortes interfaces com a História, a Geografia, a Antropologia, dentre outras áreas do conhecimento, razão pela qual informações de cunho histórico, regional, religioso, ideológico, político etc. são relevantes na esfera dos estudos toponímicos como mecanismos de elucidação do fator linguístico na análise dos nomes de lugares, cuja função é a de identificar um espaço no âmbito de uma área geográfica mais ampla. Dentre as muitas abordagens dos nomes próprios situa-se a lexicográfica, como o apontado no tópico a seguir.

Lexicografia

Ciência que objetiva inventariar palavras, as unidades léxicas, escrever sobre elas e descrevê-las, classificando-as, ordenando-as e organizando-as em verbetes, por meio da elaboração de obras de referência lexicográfica, em qualquer formato e diversos dispositivos de acesso (*sites*, *apps*, obras impressas), como também bases de dados lexicais que servem a aplicações computacionais e ao Processamento Automático das Línguas Naturais. Os verbetes são o berço das palavras nos dicionários; é neles que o lexicógrafo deposita suas reflexões, seus arranjos, sua criação, seu engenho (Biderman, 1996). Dessa Lexicografia prática distingue-se a Lexicografia teórica, ou **Metalexicografia**, que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso). Além da crítica aos dicionários, a Lexicografia preocupa-se com as etapas metodológicas, técnicas de análise e aplicação de estratégias linguísticas para o armazenamento de material léxico, a partir dos objetivos do dicionário e da função destinada aos usuários em potencial para a sua utilização. À vista disso, a **Lexicografia** preconiza uma adequada apresentação dos dados recolhidos (por meio de *corpus* ou *corpora* específicos, por exemplo), além da sua qualidade, cujo papel principal é o social, além do descritivo (podendo ser também normativo, a depender do caso), sendo o dicionário, nesse contexto e muitas vezes, entendido como autoridade em uma comunidade linguística, enquanto detentor léxico do saber cultural de uma sociedade.

Os dicionários podem variar muito, tanto em relação ao número de entradas quanto em relação à temática ou à maneira de descrever o léxico. Eles podem ser verdadeiros tesouros lexicais, indispensáveis apoios didáticos (os dicionários pedagógicos, tais como os escolares, de aprendizes e infantis), importantes auxílios na produção de textos (dicionários de uso e, novamente, os dicionários pedagógicos) ou excelentes descritores histórico-culturais (os dicionários enciclopédicos e ilustrados). Eles podem registrar uma parcela maior ou menor do léxico total (isto é, de todos os tipos de itens lexicais), sendo consideradas referências lexicográficas gerais, ou apenas um tipo específico, dos quais fazem parte os dicionários chamados especiais, tais como verbos, estrangeirismos, sinônimos e antônimos, turpilóquios (nomes considerados obscenos ou palavrões ou xingamentos), cromônimos (nomes de cor), topônimos (nomes de lugares), antropônimos

(nomes próprios), entre diversos outros, ou podem se restringir a fraseologismos (expressões idiomáticas, provérbios, locuções, colocações etc.). Eles podem ser alfabéticos (semasiológicos) ou temáticos (onomasiológicos). Podem ser descritivos (registrando como os itens e expressões lexicais são usados na realidade) ou prescritivos (determinando de que maneira palavras e expressões deveriam ser empregadas, ou criticando seu uso). Podem ser monolíngues (uma só língua), bilíngues (duas línguas), trilíngues (três línguas) ou multilíngues (de quatro línguas em diante).

Qualquer que seja a obra final elaborada pelo lexicógrafo, especialista da área, um dicionário sempre trará ao seu consulente informações que desconhece. Assim, a elaboração e a publicação de dicionários não deixam de ser uma prática social, cultural e ideológica de utilidade pública, servindo à escola, à pesquisa e à disseminação do conhecimento em geral. Nesse sentido, vale notar que a tendência atual da Lexicografia é o trabalho baseado ou dirigido por *corpora*, ou seja, bases textuais informatizadas compiladas especialmente para esse fim, pelas quais se pode contemplar e descrever mais eficazmente o uso efetivo e real do léxico (Arias-Arias; Vázquez; Riveiro, 2024).

O lexicógrafo, ao elaborar dicionários, carece de conhecimentos teóricos em relação ao seu objeto de estudo, tais como o saber (i) descrever com coerência e de forma sistemática as relações sintáticas existentes entre as unidades léxicas, (ii) identificar e descrever relações semânticas entre elas e ainda (iii) fazer a descrição contextual e situacional entre os itens lexicais, ou seja, suas relações pragmáticas. Além disso, suas etapas de trabalho devem estar bem delimitadas no processo de feitura de um dicionário, embasadas em critérios científicos desde a identificação da unidade lexical a ser tratada e a forma de sua recolha até a determinação da macro e da microestrutura da sua obra. Assim, o lexicógrafo não se confunde com um dicionarista, isto é, um simples fazedor de dicionários, que não se vale de critérios de nenhum tipo para a composição da sua obra. Ao contrário. O lexicógrafo vale-se de estudos da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática para fundamentar sua obra. De fato, a ele é dada a tarefa de classificar um item léxico quanto a sua classe gramatical (estamos no ramo da Morfologia), de contextualizá-lo e combiná-lo (Sintaxe), de identificar relações semânticas entre as unidades, tais como a sinonímia, a polissemia, a homonímia (Semântica Lexical), de descrevê-lo discursivamente, e, conseqüentemente, de analisar esse discurso (adentramos na Análise de Discurso), de descrever as unidades lexicais no que diz respeito a sua pronúncia (Fonética), de precisar a sua origem e a evolução (Etimologia) (Haensch, 1982).

O dicionário, entendido como um baú de memórias transformadas em palavras, é a principal responsabilidade da Lexicografia, podendo atender tanto consulentes humanos quanto virtuais, principalmente com a chegada da Inteligência Artificial nos dias de hoje, o que vem impactando definitivamente a elaboração de obras lexicográficas. Outra área de estudo das Ciências do Léxico é a Terminologia, que se passa a focar a seguir.

Terminologia

Terminologia (T maiúsculo): disciplina ou ramo de estudos em Linguística Aplicada, integrante dos estudos do Léxico (Bevilacqua et al. 2024, p.18). Visa a identificação, a descrição e análise dos termos especializados, das suas definições e das fraseologias, que integram e representam os modos de dizer, as conceituações e a organização das linguagens técnico-científicas em diferentes cenários comunicativos. Seus estudos atuais seguem ou adotam diferentes perspectivas, pontos de vista e linhas teóricas sobre os fenômenos que tratam. Há, assim, não *uma* Terminologia, mas várias vertentes e escolas de pensamento, associadas a diferentes teorias linguísticas.

terminologia (t minúsculo): conjunto dos termos, unidades lexicais especializadas, próprios de uma ciência, arte, área de saber, técnica ou profissão.

Em contraponto à língua comum do dia a dia, utilizamos uma linguagem diferente, especializada, quando falamos em ou sobre uma área do conhecimento ou área de saber. A comunicação nessa área determina o emprego de termos, vocabulários e expressões que os especialistas precisam aprender a usar, pois elas têm valor e significados específicos e se associam a um conhecimento próprio de um campo. Por exemplo, quando usamos a palavra “vírus”, poderemos estar em contato com a comunicação em Medicina ou em Informática, mas em situações informais e até poéticas podemos pensar em frases como “O vírus da saudade abalou o meu amor”. Do mesmo modo, “selar”, em Gastronomia e Culinária, pode significar um tipo de cozimento leve e ligeiro que se faz quando se doura um pedaço de carne em uma chapa, panela ou frigideira que já devem estar bem quentes. Terminólogos também estudam termos ou expressões que ficaram ultrapassados ou caíram em desuso, como “trompas de Falópio”, em Medicina, que hoje se conhece como “tubas uterinas”. Descrevem também termos populares, usados por diferentes pessoas e comunidades, associados a termos e conceitos científicos, como “tosse comprida”, “coqueluche” e “tosse convulsa”.

Ao coletar e descrever as terminologias, considera-se tudo que acontece em torno delas – como os tipos de textos, os modos de dizer e os formatos das comunicações usadas por diferentes pessoas em suas diferentes situações de diálogos. Assim, o objetivo da Terminologia é contribuir para que a comunicação que circula – entre os especialistas e entre os especialistas e pessoas leigas (e também entre os especialistas e seus aprendizes) se realize de forma compreensível e proveitosa para todos, em ambientes em que se emprega uma ou mais línguas.

O terminólogo estuda, descreve e analisa o funcionamento das terminologias e dos modos expressivos da comunicação das diferentes áreas do conhecimento e dos saberes. Seu objetivo é sistematizar as informações relativas à significação e ao uso dos termos especializados, podendo oferecer esse reconhecimento sob a forma de dicionários, glossários, bases de dados e caracterizações amplas, sob a forma de pesquisas, como teses, dissertações e artigos científicos. Simplificar informações especializadas para que sejam mais facilmente compreensíveis por diferentes perfis de usuários também integra os estudos da Terminologia. O terminólogo também pode atuar como um mediador da comunicação especializada. Também produz material que pode ser transformado em produtos bem concretos, como materiais pedagógicos, glossários e outros tipo

de repertórios, o que tem a ver com a **Terminografia**, uma disciplina linguística intimamente ligada à Terminologia (Bevilacqua et. al 2024, p.20). Na Terminografia, estudam-se os melhores modos de se produzir levantamentos e repertórios que mostram como se dá organização linguística, conceitual e os modos de uso dos termos de uma área de conhecimento, em uma ou mais línguas. Assim, o terminógrafo também é um tipo de terminólogo “aplicado”. Suas atividades são mais focadas na produção e atualização de obras de referência, como dicionários, glossários e vocabulários, em formato papel ou eletrônico, em forma de bases de dados e até sob a forma de mapas digitais que mostram como se organiza um determinado ramo do conhecimento ou área do saber.

Beneficiam-se com os estudos e trabalhos da Terminologia especialistas das diferentes áreas científicas, técnicas e áreas profissionais. São beneficiários também: tradutores, intérpretes, redatores técnicos, jornalistas, comunicadores e educadores; gestores e mediadores da informação como bibliotecários, documentalistas e arquivistas; linguistas, dicionaristas, filólogos, estudiosos da informação e da cultura; pessoas interessadas em ciências e saberes tradicionais ligados a profissões, serviços e práticas.

*
* *

Referências

- ARIAS-ARIAS, I.; VÁZQUEZ, M. J. D.; RIVEIRO, C. V. **Lexikos** 34 (AFRILEX-reeks/series 34: 2024): 51-76.
- BEVILACQUA, C. R.; SALES, D. R. de, SILVA, M. M; REUILLARD, P. C.; LOGUERCIO, S. D. **Como elaborar um dicionário especializado?** A experiência do Grupo TermiSul [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Zouk, 2023. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-95a553--e-book-como-elaborar-um-dicionario>
- BIDERMANN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa** (São Paulo), v.40, p.27-46, 1996.
- BIDERMANN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs). **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.
- CASARES, J.. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: CSIC, 1950.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990, p. 35-36.
- HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.
- HAJDÚ, M.. The History of Onomastics. In: ISTVÁN, N. (Org.). **Onomastica Uralica**, Debrecen–Helsinki, v. 2. p. 7-45, 2002.

LINGUÍSTICA DE TEXTO E ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rivaldo Capistrano Júnior

Universidade Federal do Espírito Santo

O GT LTAC foi fundado em dezembro 1985, por iniciativa de Luiz Antônio Marcuschi, reunindo pesquisadores de duas linhas de trabalho: Linguística de Texto (LT) e Análise da Conversação (AC), que não apenas dialogam entre si, mas também se complementam, uma vez que a conversa constitui texto. De fato, muitos membros do GT desenvolvem pesquisas em ambas as linhas.

Em 2024, passados quase 40 anos, o GT conta com 90 integrantes, cujas pesquisas focalizam variados temas e fenômenos ligados ao texto propriamente dito, ou à conversação, entendida como texto, o que expandiu os campos aos quais eles dedicam. O grupo tem como temática geral *aspectos discursivo-interacionais e estratégias de textualização*, e seus pesquisadores têm seus interesses voltados para duas macroáreas “Linguística de Texto” e “Análise da Conversação”, as quais, em diálogo interdisciplinar, se subdividem nas seguintes áreas, com os seguintes interesses temáticos: **Linguística Textual: processos e estratégias de organização textual** (abrangendo temas como estratégias de processamento textual, princípios de textualidade/textualização, referenciação, topicalidade, tipologias/sequências textuais, organizadores/conectores textuais, coerência textual, entre outros); **Análise Textual dos Discursos** (abrangendo temas como plano de texto e sequências textuais, responsabilidade enunciativa, atos de discurso e orientação argumentativa, entre outros); **Pragmática**, (abrangendo temas como (im)polidez/(des)cortesia, violência verbal, atos de fala, implicaturas conversacionais); **Semiolinguística** (abrangendo temas como contrato de comunicação, modos de organização do discurso, entre outros); **Análise da Conversação: processos e estratégias de organização do texto falado** (abrangendo temas como (im)polidez/(des)cortesia, topicalidade, tipologia conversacional, relação fala e escrita, entre outros); **Teorias da Argumentação** (abrangendo temas como Semântica Argumentativa, Nova Retórica, estratégias discursivas da argumentação, entre outros); **Teorias Gêneros de texto/discursos** (abrangendo temas como abordagem dialógica, abordagem sociorretórica, entre outros). Pesquisa recente no interior do GT TAC demonstrou que muitos membros do GT desenvolvem pesquisas em diversas dessas áreas, estabelecendo diálogos bastante produtivos.

Tradicionalmente, os trabalhos no interior do GT LTAC baseiam-se em investigações conjuntas desenvolvidas por pesquisadores membros do GT, abordando temas definidos a cada início de biênio e respondendo à tradição publicar volumes coletivos com textos de até quatro autores, membros do GT. Cada coordenação, ao apresentar-se como candidata para o biênio, apresenta um plano de trabalho, o qual estabelece a temática do biênio a qual terá como fruto uma publicação coletiva.

Considerando a importância do texto e da conversação na vida em sociedade e a preocupação com os problemas de sociedade dos membros individualmente e do GT como um todo, os coordenadores, em seus planos de trabalho para cada biênio, propõem temas e objetivos que guiam as pesquisas conjuntas no âmbito do GT e fomentam a discussão para a escrita em coautoria em grupos de três a quatro membros e publicação de obra coletiva do GT¹.

No biênio 2016 – 2018, o GT LTAC², tendo como coordenadora a Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi e, como vice-coordenadora, a Professora Doutora Mônica Magalhães Cavalcante, estabeleceu, como tema central, *Linguística Textual (LT) e Análise da Conversação (AC): conceitos e critérios de análise*, e, como objetivo, *refletir sobre o que une o GT LTAC em termos teóricos e metodológicos como representantes das disciplinas LT e AC*.

No biênio 2018 – 2020, o GT LTAC, tendo como coordenadora a Professora Doutora Ana Lúcia Tinoco Cabral e, como vice-coordenador, o Professor Doutor Rivaldo Capistrano Júnior, estabeleceu como tema central *Linguística Textual e Análise da Conversação: abordagens metodológicas*, e, como objetivo, *Refletir sobre as abordagens metodológicas pertinentes às diversas linhas teóricas que fundamentam nossos trabalhos e identificar o que nos une em termos metodológicos como representantes das disciplinas LT e AC*.

No biênio de 2021 – 2023³, o GT LTAC, tendo como coordenadora e vice-coordenador os mesmos membros que coordenaram o GT no triênio anterior, estabeleceu como tema central *Linguística de Texto e Análise da Conversação: perspectivas para as tecnologias digitais*, e, como objetivo, *refletir sobre as contribuições dos estudos do texto para a compreensão e uso das tecnologias digitais para a atuação nos mais diferentes contextos sociais*.

No biênio 2023 -2025, a coordenação do GT LTAC, que novamente foi reconduzida ao cargo já ocupado nos dois períodos anteriores, ciente de que democracia tem papel fundamental no desenvolvimento de um país, propôs como tema central *Texto, ética, democracia e inclusão social*, tema que se justifica pela relevância do combate a práticas antidemocráticas, tais como as diversas formas de discriminação e exclusão social. Ao propor esse tema, o intuito é contribuir para o alcance da meta 10.2, qual seja, “empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da

1 Para conhecimento do percurso histórico e do panorama teórico-metodológico dos estudos do texto do GT LTAC, sugerimos a leitura do livro “Linguística de Texto e Análise da Conversação: panoramas das pesquisas no Brasil”, organizado por Anna Christina Bentes e Marli Quadros Leite. A obra celebra os 25 anos de fundação do GT.

2 Nos biênios 2012 – 2014 e 2014 – 2016, o GT LTAC teve como coordenadora a Professora Doutora Maria das Graças Soares Rodrigues e, como vice-coordenador, o Professor Doutor João Gomes da Silva Neto.

3 Destaque-se que o biênio 2018 – 2020 estendeu-se até 2021 por questões legais decorrentes da impossibilidade de realização de reunião presencial para que os novos coordenadores tomassem posse. O GT LTAC seguiu o plano previamente estabelecido, apesar de a coordenação ter sido definida no ENANPOLL online, em dezembro de 2020. Os coordenadores do biênio foram reconduzidos ao cargo para o biênio seguinte e assumiram quando estabelecido pela ANPOLL, no ano seguinte.

idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra” <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/10>, um dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> a serem implementados por todos os países até 2030.

O tema proposto busca responder à questão: *Como princípios teórico-metodológicos das pesquisas realizadas no GT Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTAC) podem subsidiar análises sobre a natureza textual-discursiva do preconceito, da discriminação e da exclusão social e suas múltiplas manifestações, de modo a combater práticas antidemocráticas?*

Para dar conta do tema estabelecido e responder à pergunta, foram propostos 4 objetivos: definir e discutir questões de investigação sobre o preconceito, a discriminação e a exclusão social e suas múltiplas manifestações em textos nos mais diversos contextos sociais; elaborar projeto de publicação conjunta sobre a temática do biênio, com previsão para 2025; promover e consolidar o intercâmbio acadêmico-científico entre membros do GT e de outros GTs; promover a interlocução com pesquisador(es) estrangeiro(s).

Interessado em acolher colegas professores de pós-graduação e pesquisadores na área do texto e da análise da conversação, o GT LTAC adota, tradicionalmente, uma sistemática para novos membros. O colega que deseja ingressar no GT deve ser apresentado por outro colega que já seja membro do GT e que submeterá ao grupo todo a sua aprovação durante uma reunião (seja no ENANPOLL, seja uma reunião intermediária, que acontecem normalmente duas vezes por ano). Essa apresentação inclui um breve currículo e a produção nos últimos cinco anos que comprove a atuação do pesquisador na área de Linguística de Texto e/ou Análise da Conversação, além do *link* para o Lattes. Essa produção diz respeito aos artigos e livros publicados na área. Os documentos para proposta são encaminhados à coordenação do GT LTAC, que inclui a proposta para aprovação na pauta da reunião seguinte ao envio dos documentos. Em 2021, os coordenadores do GT elaboraram uma ficha de filiação para os novos membros, a qual foi aprovada por unanimidade em reunião intermediária online, em 21/05/2021.

Em 2024, o GT LTAC digitalizou-se, com a criação de um site próprio <https://gtltacanpoll.wixsite.com/gtltac> e um perfil Instagram <https://www.instagram.com/gtltac>, para divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos membros do GT e das ações do GT. Esse processo ficou a cargo de três membros do GT: a Professora Doutora Ana Elvira Luciano Gebara, a Professora Doutora Leonor Werneck dos Santos e a Professora Doutora Letícia Jovelina Storto.

Além da digitalização, que inclui o GT no mundo globalizado digital, o GT, em votação geral online, escolheu uma logomarca entre várias propostas apresentadas por membros do GT:

Como resultado dos trabalhos produzidos no GT LTAC nos últimos quinze anos, cumpre dar destaque às seguintes publicações:

BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

FÁVERO, Leonor Lopes; SILVA, Luiz Antônio da; GALVÃO, Marise Adriana Mamede. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**. v. 17, n. 1 (2015). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/issue/view/8587>. Acesso em: 27 jul. 2023.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares; ZANDWAIS, Ana; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **Revista Conexão Letras**. A carta testamento de Getúlio Vargas: vários olhares sobre um mesmo texto. v. 11, n. 15 (2016). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexao-letras/issue/view/2831>. Acesso em: 27 jul. 2023.

MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (orgs.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARQUESI, Sueli Cristina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS Maria da Penha Pereira. Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. v. 13, n. 25 (2019). Vitória: PPGE-UFES. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/996>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira. Linguística de texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. v. 15, n. 31 (2021). Vitória: PPGE-UFES. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/1358>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; CORTEZ, Suzana Leite. Linguística de Texto e Análise da Conversação: perspectivas para as tecnologias digitais. **Revista Investigações**. Linguística e Estudos Literários. v. 35, número especial. Recife: PPGL. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/3457>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (coord.). **Coleção o que é e o que faz...** Natal: EDUFRN, 2023.

A coleção, uma ação de popularização e difusão de pesquisas sobre o texto, reúne cinco volumes temáticos organizados por membros do GT, que entrevistaram pesquisadores renomados, brasileiros e estrangeiros, dedicados aos temas especificados em cada volume.

Volume 1: O que é e o que faz a Linguística Textual – Rivaldo Capistrano Júnior e Vanda Maria Elias (org.).

Link: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54868>

Volume 2: O que é e o que faz a Análise Textual dos Discursos – Maria das Graças Soares Rodrigues e Sueli Cristina Marquesi (org.).

Link: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54869>

Volume 3: O que é e o que faz a Pragmática – Rodrigo Albuquerque, Ana Lúcia Tinoco Cabral e Maria da Penha Pereira Lins (org.).

Link: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54870>

Volume 4: O que é e o que faz a Análise da Conversação – Gil Roberto Costa Negreiros e Ana Rosa Ferreira Dias (org.).

Link: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54871>

Volume 5: O que é e o que faz a Semiologia – Lúcia Helena Martins Gouvêa, Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Rosane Santos Mauro Monnerat (org.).

Link: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54872>

LITERATURA DIGITAL

Vinícius Carvalho Pereira

Universidade Federal de Mato Grosso

Maria Elisa Rodrigues Moreira

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rejane Cristina Rocha

Universidade Federal de São Carlos

Andrea Catópa da Silva

Universidade Anhembi Morumbi

A proposição do GT Literatura Digital à ANPOLL, em 2022, respondeu a um cenário criativo e acadêmico pungente no Brasil. A literatura digital brasileira goza de reconhecimento internacional pelo seu pioneirismo e fecundidade, ao passo que os estudos literários têm se dedicado, cada vez mais, a empreender um mapeamento minucioso, a arquivar materiais, a descrever seus elementos constitutivos e a desenvolver análises críticas aprofundadas. Tais esforços abrangem não apenas as obras em si, mas também o sistema literário mais amplo, cuja dinâmica vem sendo substancialmente transformada pela progressiva inserção das tecnologias digitais na produção, na circulação e na fruição da literatura contemporânea.

A instabilidade e a multiplicidade das definições de literatura digital – resultantes de um contexto em que a produção artística e a elaboração metacrítica a seu respeito são afetadas tanto pelo surgimento de novos suportes e recursos quanto pela rápida obsolescência de práticas anteriores, sem deixar de lado as características intrinsecamente experimentais dessas criações – constituem um dos desafios mais prementes para o campo, ao mesmo tempo em que se afirmam como um dos problemas de investigação mais interessantes na área. Atento a isso, o GT partiu da definição de literatura digital da pesquisadora chilena Carolina Gainza (2020), que propõe a experimentação com os códigos e com os meios digitais como traço definidor dessa produção literária. Ao assumir tal definição como ponto de partida, o GT sublinha a importância de identificar as especificidades dos projetos criativos localizados no contexto do Sul Global, em um cenário sociotécnico compartilhado em grande medida pelos países latino-americanos, Brasil aí incluído.

À tarefa de conhecer, descrever e discutir as especificidades da literatura digital brasileira, pesquisadores têm respondido há tempos com iniciativas relevantes e dignas de menção. Cumpre destacar que algumas dessas ações antecedem a criação do próprio GT, o que não apenas comprova seu papel enquanto instância propulsora de investigações sobre o assunto, mas também o legitima como polo aglutinador de esforços até então

dispersos. Desse modo, o grupo aspira estruturar uma rede de pesquisa coesa, embora respeitante à diversidade, sobre a Literatura Digital no Brasil.

Um exemplo de iniciativa precursora é a revista *Texto Digital*, vinculada ao também pioneiro Núcleo de Pesquisa em Informática, Linguística e Literatura (NUPILL). Há 20 anos, o periódico aposta no estabelecimento do diálogo entre as Letras e a tecnologia, dando publicidade a pesquisas acerca do tema e, também, instituindo-se como importante documentação acerca da evolução do campo no Brasil. De modo semelhante, o portal *Web Arte no Brasil*, ativo desde 2001, dedica-se a cartografar e a documentar a produção de arte em rede, permitindo observar os trânsitos e interlocuções cada vez mais consistentes entre a literatura e a arte digital. Assim, torna-se evidente a centralidade do conceito de “literatura em campo expandido” para a compreensão da literatura digital contemporânea.

Iniciativas mais recentes têm se dedicado a arquivar de modo sistemático a produção de literatura digital brasileira. É o caso do *Atlas da Literatura Digital Brasileira*, lançado em 2021, do *Acervo de Literatura Digital Matogrossense*, lançado em 2023, e do projeto de construção de um arquivo de Literatura Digital Infantil e Juvenil, capitaneado pelo Grupo de Pesquisa/CNPq *Literatura e Design de Artefatos para Crianças e Jovens no Mundo Digital* e com previsão de lançamento para 2025. Os arquivos constituem-se como base de dados documentais a respeito da produção na área, ensejando novas pesquisas e provocando a necessária e contínua revisão de taxonomias e metalinguagens, a fim não apenas de documentar obras, mas também contribuir para a apreensão e para a análise das especificidades da nossa literatura digital. Graças a esses arquivos, pesquisadores brasileiros e estrangeiros podem conhecer obras e autores específicos e, também, ter uma visão do conjunto da produção. Além disso, são arquivos que podem ter papel importante para subsidiar ações na Educação Básica, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2018, prevê a inserção de conteúdos afeitos às textualidades artísticas digitais.

Em um cenário no qual a institucionalização do campo avança paulatinamente no Brasil, é preciso reconhecer inúmeras iniciativas igualmente relevantes, embora dispersas, que reforçam a importância do tema. Nesse sentido, destaca-se a organização de eventos dedicados à literatura digital em diferentes escalas – regionais, nacionais e internacionais. Desde o início da década de 2020, o simpósio “Literatura e tecnologia: futuros (im)possíveis” foi proposto em sucessivas edições (2020, 2021, 2022, 2024 e 2025) durante os Congressos da ABRALIC, enquanto, em 2021, o GT Literatura Digital: Crítica e Produção integrou o 6º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e o Seminário de Artes Digitais (CIACT/SAD), ampliando o debate crítico sobre o campo. Já em 2024, o II Congresso Internacional LitDigBR, realizado na UFMT, em Cuiabá, com apoio da CAPES, reuniu pesquisadores e autores provenientes do Brasil, Argentina, Peru, Colômbia e Estados Unidos, consolidando o caráter transnacional da discussão em torno da literatura digital brasileira e latino-americana. Tais eventos e iniciativas criam

espaço para reflexões outrora pouco presentes nos fóruns acadêmicos, como bem notou Marisa Lajolo em sua conferência no Congresso Internacional da ABRALIC, ocorrido em Uberlândia, em 2018.

Além disso, é possível averiguar o aumento da oferta de disciplinas de pós-graduação em diferentes PPGs do país com enfoque em questões de literatura digital. Sobre isso, vale mencionar a disciplina Literatura Digital Brasileira, sediada nos PPGs em Letras da UNIFAP e em Estudos de Literatura da UFSCar. A disciplina, ofertada online pela rede de pesquisadores vinculados ao GT Literatura Digital Brasileira da ANPOLL, ocorreu ao longo do primeiro semestre de 2024 e abriu a possibilidade para que mais de 50 pós-graduandos, de várias regiões do país, entrassem em contato com o que de mais recente tem se pesquisado e produzido a respeito do tema.

Além da constituição de uma rede nacional, pesquisadores brasileiros têm também se empenhado em participar de circuitos internacionais acadêmicos e artísticos de literatura digital, seja em espaços tipicamente mais hegemônicos, como nas edições de 2019, 2020, 2021 e 2022 das conferências da ELO (Electronic Literature Organization - mais antiga organização mundial sobre o tema), ou no Third International Conference in Practice-led Research in Art and Design - LINK 2021, realizado na Nova Zelândia; seja em fóruns e associações do Sul Global, como eventos da Red de Literatura Electrónica Latinoamericana - Lit(e)Lat, espaço relevante para a discussão das especificidades da literatura digital produzida em regiões localizadas na periferia do tecnocapitalismo. A necessidade de conhecer de maneira mais sistemática a literatura digital latino-americana e, assim, reconhecer as suas especificidades, convertendo-as em parâmetros de análise e valoração mais ajustados à nossa produção, tem fomentado também parcerias com pesquisadores e grupos de pesquisa de outros países. Assim se deu a colaboração mútua entre os projetos Repositório da Literatura Digital Brasileira (CNPq) e Cartografia Crítica de la Literatura Digital Latinoamericana (FONDECYT), dos quais resultaram os primeiros arquivos de literatura digital da região e o livro homônimo, publicado em 2023 pela Editora da Universidade Federal de São Carlos.

No que concerne a outras publicações especializadas, é evidente no país o aumento expressivo do número de livros, capítulos, artigos, dissertações e teses versando sobre literatura digital. Nesse âmbito, o GT Literatura Digital também tem empreendido importantes ações conjuntas, a exemplo de textos publicados por seus membros em parceria e da organização de dossiês especializados em periódicos como a *Todas as Letras* (2023) e o *DAT Journal* (2023). Para 2025, está previsto o lançamento do *Glossário LitDigBr - Literatura e Cultura Digitais em Verbetes*, com verbetes produzidos por membros do GT ANPOLL, da Red Lit(e)Lat e pesquisadores convidados. Sua concepção surgiu das discussões empreendidas durante o já mencionado II Congresso Internacional LitDigBr, realizado com o apoio da CAPES, na UFMT. Naquela ocasião, os membros do GT ANPOLL, a partir de um diagnóstico de ausência de materiais bibliográficos de referência sobre o tema para o público não especializado, consideraram a importância de propor ações que pudessem

consolidar o campo e estabilizar a metalinguagem crítica de modo mais amplo, para além dos muros da academia e tendo como público-alvo primordial os professores da Educação Básica. O *Glossário* surge, assim, como um produto editorial online, expansível e colaborativo de acesso gratuito, com vistas a estabelecer terminologias e fazê-las circular entre públicos não especializados. Entre os seus principais objetivos, incluem-se: i) estabelecer uma metalinguagem do campo; ii) fomentar e divulgar a produção crítica sobre o tema, por meio da produção dos verbetes e da indicação de referências bibliográficas prioritariamente brasileiras e latino-americanas; iii) divulgar as obras literárias digitais brasileiras (por meio de exemplos, análises e vídeos de navegação); iv) oferecer um material de referência de fácil acesso, adequado a não especialistas e que se constitua como ponto de partida para aprofundamentos (por meio de uma bibliografia comentada). A publicação pressupõe a heterogeneidade de perspectivas e abordagens, sempre partindo da Literatura Digital Brasileira como núcleo irradiador das reflexões sem, contudo, prescindir das conexões inescapáveis com outros contextos de produção. Acreditamos que o seu formato editorial, em recurso digital, com verbetes curtos e referências comentadas, lhe faculte uma amplitude de circulação que um livro impresso e/ou artigo em periódico especializado – os tipos de publicação mais comuns na nossa área – não proporcionariam. E isso, parece-nos, é uma contribuição importante para a institucionalização de um campo de estudos ainda tão pouco consolidado.

A fim de fazer jus ao pioneirismo, proficuidade e diversidade da pesquisa a respeito da literatura digital produzida no Brasil, o GT-ANPOLL “Literatura Digital” organiza-se nas seguintes linhas temáticas: a. Cartografia e historiografia da literatura digital; b. Crítica da literatura digital; c. Crítica digital da literatura; d. Literatura e novas mídias; e. Arquivamento e preservação da literatura digital; f. Leitura em ambientes/dispositivos digitais; g. Ensino da literatura digital; h. Literatura digital, identidades e tecnocapitalismo. Trata-se, evidentemente, de linhas de força identificadas junto à produção acadêmica a respeito do tema, e não diretrizes que tenham por intuito disciplinar um campo de estudo caracterizado pela interdisciplinaridade e pela, por que não dizer, indisciplina. Essa abertura tem possibilitado, outrossim, que as discussões e reflexões acerca da literatura digital provoquem questionamentos e redefinições de conceitos basilares para o campo das Letras, como os de escrita, texto, autoria, leitura, crítica, representação e representatividade, originalidade e criatividade. Ao mesmo tempo, tem possibilitado uma visada crítica humanista acerca da amplitude com que a tecnologia digital inseriu-se em todos os aspectos da vida humana; amplitude esta que não tem poupado a literatura e o sistema literário, o ensino e o sistema escolar, em todos os níveis de formação, a pesquisa e o sistema de pós-graduação etc. Nesse sentido, perscrutar a literatura digital é também observar os modos como a tecnologia digital tem sido, por um lado, apropriada criativamente por autores e pesquisadores, e, por outro lado, se imposto a partir da lógica acachapante do tecnocapitalismo. Estudar a literatura digital, enfim, é ter meios de escapar

da tecnofilia e da tecnofobia, posturas igualmente inócuas para a compreensão do tempo presente.

*
* *

Referências

GAINZA, C. C. **Nuevos escenarios literários**: Hacia una cartografía de la literatura digital latino-americana. In: GUERRERO, G.; LOY, B.; MÜLLER, G. **World Editors**: Dynamics of Global Publishing and the Latin American Case between the Archive and the Digital Age. Berlin: De Gruyter, 2020, p. 331-349.

LITERATURA E SAGRADO

Eduardo Guerreiro Losso

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lucas Bento Pugliesi

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Letícia Tury Guimarães Nascimento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este texto tem como objetivo apresentar o GT Literatura e Sagrado, que completa 16 anos em 2025. Para isso, abordaremos sua formação, as questões teóricas que o fundamentaram, o histórico de publicações e as mudanças no perfil do grupo. Em seguida, discutiremos o estado atual da pesquisa: os últimos eventos realizados e as diretrizes que estamos seguindo. Esperamos que este panorama ofereça uma visão clara sobre o tipo de pesquisa que produzimos e sobre as novas direções que estamos adotando para diversificar nossa atuação.

O GT Literatura e Sagrado foi fundado no ano de 2009, por iniciativa de um grupo de colegas dos quais fizeram parte relevante os professores Adna Candido de Paula (UFVJM), Luis Henrique Dreher (UFJF) e Suzi Frankl Sperber (UNICAMP). Por ser pesquisadora de referência no tema, Suzi Sperber conseguiu reunir pessoas com quem já cultivava relações acadêmicas e outros pesquisadores das áreas correlatas (como Ciência da Religião), que há muito se interessavam pelo campo literário. Suzi Sperber foi coordenadora do GT de 2009, ano de sua fundação, até 2014; depois, de 2014 a 2016, Juliana P. Perez ocupou o cargo; Suzi Sperber retornou em 2018 até 2020. Dessa data em diante, Eduardo Guerreiro Losso (UFRJ) vem atuando como coordenador com auxílio de Sperber.

Desde o princípio, o GT se viu às voltas com a dificuldade de se abordar de forma cruzada os estudos literários e os estudos religiosos. Em larga medida, devido aos saberes interdisciplinares requeridos para empreitadas deste tipo, mas também por certa parcela de resistência a essa abordagem. Pode-se pensar como, ao longo do século XX, imperou uma visão crítica pós-romântica que diagnosticou, na literatura (e nas demais artes), um processo dialético de dessacralização, desencantamento e autonomização. O arquivo que costuma ser reivindicado ao se tratar de uma “literatura ocidental” situa, às vezes um pouco antes, às vezes um pouco depois, o divórcio entre essas instâncias, o que levaria a pensar uma tradição moderna como aquela melhor compreendida sob o prisma de um *desencantamento*. Dessa maneira, a literatura teria se desligado de bases morais dos fazeres poético-retóricos do Antigo Regime. Com isso, a crítica tenderia a enxergar qualquer

recurso à mirada ética como decalque reacionário, o que levou suspeitas às interpretações que colocariam em cena os temas sacros ao redor do literário (um dos campos possíveis em que a ética atua).

Nesse sentido, uma entrevista pontual de Paulo Soethe à Revista da Unisinos, quase contemporânea à fundação do GT, ofereceu um importante gatilho para fomentar as preocupações do grupo. Sobre o trabalho do alemão Dietmar Mieth, o crítico literário afirma: “a ficção literária, segundo Mieth, oferece a possibilidade de se abordar projetos de vida éticos individuais em seu todo, pela figuração da vida das personagens e relações entre elas” (Soethe, 2008, p. 26). Ainda que seja um juízo pontual, a ponderação de Soethe contribui para pensar como, a despeito da perda da experiência da narrativa, como pensada classicamente por Walter Benjamin, a literatura, aqui e ali, refrata um mundo vivo em que atuam personagens agindo, e sobre o qual se pode refletir eticamente.

Essas considerações nos aproximam da obra do filósofo francês Paul Ricoeur, referência inicial incontornável do GT. Para Ricoeur, as obras literárias funcionam ao combinar elementos diversos, oferecendo um modelo de mundo onde personagens agem e experimentam ações ao longo do tempo. Essa representação da vida cria “mundos habitáveis”, que podem ser distantes ou próximos ao nosso, mas que nos convidam a refletir, a pensar e a nos envolver com o impacto das ações e valores presentes nesses mundos fictícios (Ricoeur, 2010). Ou seja, pensar o lugar do sagrado em obras pretensamente desencantadas é se questionar, acima de tudo, sobre suas pretensões éticas (ideológicas ou não).

Com base nesse arrazoado teórico-crítico, pode-se enquadrar as primeiras publicações do grupo. Acreditamos que, delimitando o perfil, ainda que multifacetado, das publicações, podemos oferecer ao leitor um panorama das preocupações centrais do coletivo. O GT, pela formação e atuação de seus membros fundadores, em um primeiro momento, concentrou-se nas apropriações e desdobramentos da temática cristã, seja considerando as técnicas e métodos dos estudos literários para abordar textos religiosos, seja pensando os textos literários a partir de saberes da teologia e da ciência da religião. Como um dos primeiros frutos da atuação do GT, tivemos o livro *Presença do Sagrado na Literatura: Questões teóricas e hermenêuticas* (2011), com organização de Suzi Sperber. Ali pode-se observar a multiplicidade de abordagens: a investigação do sagrado em obras literárias (Kafka, Borges, Guimarães Rosa, Stevenson, Shakespeare, Cruz e Souza, Goethe); a presença de elementos composicionais e estilísticos na retórica teológica (Kierkegaard, Tolentino), textos teórico-metodológicos acerca do cotejo das áreas (sob larga influência da figura central de Paul Ricoeur); e ainda, a investigação de tradições literárias-religiosas não ocidentais, no caso, a Índia clássica do século XII.

Presença do Sagrado na Literatura teve também como objetivo tratar a emergência do conceito do sagrado no contexto de criações ficcionais, levando em consideração que

O termo “sagrado” revelou apresentar perspectivas diferentes, desde a que envolve o Bem até a que abarca o Mal. Sagrado e profano se distinguem e separam no mundo cotidiano, dependendo da maneira como ações, coisas, personagens e o espaço são tratados. O

sagrado exprime o valor e o sentido supremo da vida; e é a realidade eterna, reconhecida como tendo sido no começo e como subsistindo no final dos tempos. O seu conhecimento se dá de outra forma, por outros meios, diferentes das manifestações rotineiras e do dia-a-dia. A manifestação do sagrado se faz notar (Sperber, 2011, p. 12-13).

A multiplicidade de leituras em torno da noção de sagrado permite verificar como o conceito organiza, por exemplo, campos de poder e exclusão. Sperber compara a barata comida por GH no romance de Clarice Lispector, que representa tanto o bicho imundo, como o sagrado e o divino, retomando o conceito romano de *sacer*, o simultaneamente sujo e divino.

Essa dimensão múltipla de linhas interpretativas do sacro pode ser encontrada nos estudos literários de modo a suspender a própria noção de sacralidade: “o sagrado não existe em si mesmo. É um estado, ou é um anelo, apreensíveis conforme o tratamento dado à caracterização de personagens, relações, territórios, sempre mediante a palavra. É que a palavra já participa desse hibridismo que é o profano e o sagrado, o dito, o não-dito e o interdito. A palavra carrega o poder de nomear e ocultar” (Sperber, 2011, p. 14).

Com base na teorização do fenômeno da sacralidade, o grupo passou a postular duas grandes linhas de trabalho: a) a abordagem de textos relativos ao universo do sagrado sob o crivo de dispositivos de crítica literária; b) a abordagem e investigação de elementos do universo do sagrado em textos literários. Com isso esperamos postular uma via de mão dupla em que os saberes do campo da literatura possam ser úteis para iluminar os objetos tradicionais da ciência da religião, bem como apostar na apropriação dos estudos teológicos e da espiritualidade em geral para se enfrentar certas faces da literatura.

Mas seria legítimo tratar as escrituras sagradas como uma reescrita metafórica do mundo? Poderíamos lê-las como um texto ficcional? Para Robert Alter, no contexto de seus estudos sobre a Bíblia cristã, a resposta é sim, pois a Bíblia apresenta uma estrutura narrativa organizada e faz uso variado de estilos de prosa (Alter, 2007, p. 12). O autor vai além ao sugerir que entender a composição retórica e poética da Bíblia poderia contribuir para a interpretação do texto. Segundo Alter, ao tentar recuperar os princípios composicionais usados pelos antigos, é possível perceber aspectos como o uso de diálogos específicos, a repetição de temas, os paralelos entre episódios, entre outros (Alter, 2007, p. 13). Em última instância, trata-se de analisar a estrutura profunda das escrituras sagradas com uma abordagem teórico-crítica própria dos estudos literários, de modo a evidenciar os elementos que ampliam a compreensão desses textos. A questão da relação entre religião e literatura está diretamente ligada ao desafio interpretativo e à necessidade de questionar e delimitar o acesso aos significados religiosos.

Entre as publicações impressas, Bárbara Simões e Terezinha Zimbrão da Silva organizaram o dossiê “Literatura e Sagrado” na Revista Ipotesi, v. 16, n. 2 (2012). Esse número do periódico reuniu diversos artigos de membros do grupo, com foco principalmente na presença do sagrado em obras literárias e nas abordagens metodológicas para estudá-lo, seguindo uma linha de discussão sobre a reconfiguração do papel do sagrado, como mencionado anteriormente.

Os artigos do dossiê buscam compreender a noção de sagrado no contexto da escrita literária. Para isso, servem-se de obras de diversos autores: Humberto de Campos, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Sam Shepard, Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Anton Lavey, Bruno Tolentino, Haroldo de Campos, Tahar Ben Jelloun, San Juan de la Cruz, Lima Barreto, Clarice Lispector, Mia Couto e Guamán Poma.

Apesar dos eventos anuais terem continuado a ocorrer, a próxima publicação impressa se deu apenas em 2019 com *Literatura e Sagrado: Ensaios*, organizado por Juliana Perez e Eduardo Gross. Como força norteadora do volume, podemos observar a densidade da abordagem filosófico-religiosa de obras literárias possibilitando um diálogo entre literatura e filosofia da religião. Os artigos nele publicados mostram como a articulação entre literatura e sagrado também possibilita pensar o paradoxo da violência, que por vezes pode aparecer como a perda da sacralidade ou como a própria inclusão do sagrado. Em vias gerais, o livro culminou em reflexões sobre a literatura pretensamente desencantada do século XX, e os momentos pelos quais essa parece tocar em temas relativos ao reencantamento, com textos que versam sobre autores como Thomas Mann, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Armando Avena, Raduan Nassar e outros.

Por fim, a publicação mais recente fez-se com um dossiê na Revista Terceira Margem da UFRJ, Dossiê Diálogos entre Literatura, Religião e Política: registros literários da instrumentalização do Sagrado, v. 25, n. 46 (2021). O dossiê que, mais uma vez, congregou colaborações de diversos membros de longa data (como Suzi Sperber, Eduardo Gross, Dilip Loundo, Sandra Luna e outros) já indicava uma maior diversidade de abordagens não apenas teórico-metodológicas das imbricações entre literatura e sagrado, mas também em relação aos temas e espaços visitados. Assim, aparecem artigos que tratam de questões de gênero e sexualidade; de tradições não-ocidentais (bramânicas, sufistas), conjuntamente à reflexão teológica sobre questões candentes mais usuais. Como versa a introdução do dossiê, seu intuito era o de realizar:

uma provocação a que sejam desveladas significativas formas de manifestação do sagrado na literatura, na religião e na política, buscando - se alcançar, nesse escopo investigativo, também as mazelas e traumas decorrentes das conexões entre esses domínios. Ressaltemos que a literatura, embora locus de manifestação e também de instrumentalização do sagrado, oferta - se, em suas mais diversas tradições, como documento das mais distintas práticas de apropriações da sacralidade para fins de dominação religiosa e política, caso em que o próprio fato literário se permite ler como testemunho, documento de época e vetor de crítica. Tudo isso nos convida a examinar como o sagrado e o profano se congregam no conceito de história, na história das formas e suas atualizações em tempos e espaços específicos. (Sperber, Luna, Losso, 2021, p. 10)

Em 2024, chegamos ao IX Encontro do grupo, realizado, de forma inédita, por meio do formato de lives em nosso novo canal no Youtube. No que tange os eventos, o GT vem se reunindo bianualmente em anos ímpares na ENANPOLL, enquanto em anos pares, eventos em formatos variados são propostos para manter viva a atividade compartilhada dos integrantes.

Na intenção de ampliar e renovar os temas de interesse do grupo, o evento foi produzido em quatro encontros e contou com a presença de três convidados: Edimilson de Almeida Pereira, que tratou do sagrado em suas relações com a cultura popular em suas matrizes afro-brasileiras; Cristina Henrique da Costa, que buscou analisar a obra de Paul Ricœur; e Leandro Garcia, que debateu o tema da cultura, religião e vida literária a partir da obra de Alceu Amoroso Lima.

Como perspectiva para 2025-2026, o grupo organiza um Dossiê a ser publicado em 2026 pela Revista Terceira Margem que busca incentivar a pesquisa entre literatura e sagrado, com a intenção de repensar um “arquivo” que permita situar os vínculos entre a religiosidade popular e a imaginação literária. A horizonte atual do grupo é a de incorporar diferentes tradições para pensar os trânsitos entre o sagrado, a cultura popular e as obras do arquivo chancelado. Seja revirando as bibliotecas (pretensamente) desencantadas, ou repensando os vínculos entre a religiosidade popular e a imaginação literária, o GT, uma vez mais, propõe se voltar aos elos possíveis (e especulativos) entre literatura e sagrado para além (mas sem excluí-la) da tradição ocidental, visando atrair pesquisadores que estudem os fazeres literários em contato com matrizes de diversos povos e tradições.

*
* *

Referências

- ALTER, R. **A arte da narrativa bíblica**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOETHE, P. “Teologia e literatura: a cena alemã”. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 3, p. 15-26, mar. 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/251>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- PEREZ, J. P.; GROSS, E. (Orgs.). **Literatura e Sagrado: Ensaio**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. Disponível em: [Literatura e sagrado: ensaios | Portal de Livros Abertos da USP](#) Acesso em: 13 jan. 2025.
- SIMÕES, B.; ZIMBRÃO DA SILVA, T. V. (Orgs.). **IPOTESI** - Revista de Estudos Literários (Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários/ UFJF) Dossiê: Literatura e Sagrado. v.16 n. 2 (2012). Disponível em: [v. 16 n. 2 \(2012\): Literatura e Sagrado | IPOTESI – REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS](#) Acesso em 13 jan. 2025.
- SPERBER, S. (Org.). **Presença do sagrado na literatura**. Questões teóricas e de hermenêutica. Campinas: Publief, 2011.
- SPERBER, S.; LUNA, S.; LOSSO, E. “Apresentação”. **Revista Terceira Margem** (PPG-CL - UFRJ): Dossiê Diálogos entre Literatura, Religião e Política: registros literários da instrumentalização do Sagrado, v. 25, n. 46 (2021), p. 9-14. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/issue/view/1720> Acesso em 13 jan. 2025.
- RICCEUR, P. **Tempo e narrativa**. Trad. de Cláudia Berliner – revisão da tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1983].

SEMIÓTICA

Eliane Soares de Lima

Universidade Federal Fluminense

Mariana Luz Pessoa de Barros

Universidade Federal de São Carlos

Um dos grupos de trabalho tradicionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, o GT de Semiótica está entre os 21 pioneiros criados em dezembro de 1985, durante o I Encontro Nacional da Anpoll, que ocorreu em Curitiba-PR. Com vistas à consecução de objetivos relacionados ao desenvolvimento e ao avanço das pesquisas em cada área, o intuito para a criação desses primeiros grupos temáticos, divididos por área, era, e continua sendo, o de estabelecer melhores condições de comunicação e cooperação entre os pesquisadores participantes — credenciados em Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* —, para o compartilhamento de interesses e dos resultados das pesquisas realizadas. Seguindo rigorosamente esse propósito, é assim que tem feito, desde então, o GT de Semiótica.

Interessada em investigar *como* o sentido se produz em textos das mais diferentes linguagens, a Semiótica Discursiva nasce como disciplina, nos anos 1960, a partir de uma releitura da Linguística Estrutural, articulada a elementos da narratologia proppiana, da antropologia lévi-straussiana, da fenomenologia merleau-pontiana e dos estudos benvenistianos da enunciação. Sua busca pelas condições de produção do sentido, pensada como projeto coletivo e sempre em construção, vai levar ao desenvolvimento de uma teoria geral que propõe, como simulacro metodológico, um percurso gerativo do sentido organizado em diferentes níveis, diferentes etapas de complexificação e enriquecimento sintático e semântico.

O estudo da ação narrativa nos textos foi o aspecto mais desenvolvido no início. Aos poucos, a Semiótica Discursiva vai incorporando novos objetos e dando ênfase a aspectos menos explorados em suas primeiras fases. Dessa forma, nos anos 1980, com o estudo das modalidades e da competência do sujeito narrativo, abre-se espaço para o exame das dimensões cognitiva e passional que são também constitutivas de qualquer discurso e interação comunicativa. Esses avanços vão possibilitando mais e mais o diálogo da teoria com as preocupações científicas e humanas de cada época, de forma a permitir que continue produtiva e atual, sem perder suas bases teóricas e metodológicas.

Entre tais desenvolvimentos, recebeu especial atenção no Brasil a questão da enunciação. Além disso, três linhas contemporâneas de pesquisa estão bastante presentes entre os semioticistas brasileiros da vertente discursiva: a semiótica tensiva, interessada pelas

gradações do sentido e seu apelo sensível, a partir da qual ganham centralidade noções como “percepção”, “acontecimento”, “campo de presença” e “afetividade”; a sociosse-miótica, voltada ao estudo do sentido como produto de diferentes regimes de interação, das ações e posições sociais na vida cotidiana em suas múltiplas dimensões; e a chamada semiótica das práticas, que propõe novos níveis de pertinência à análise semiótica, que vão desde as “figuras-signos” e os “textos-enunciados” até os “objetos-suporte”, as “práticas semióticas”, as “estratégias” e, finalmente, as “formas de vida”.

Todo esse arcabouço teórico e metodológico tem, portanto, sustentado as pesquisas desenvolvidas no âmbito do GT de Semiótica, visto como um espaço de divulgação dos trabalhos, mas também de discussão, estudo e proposição de encaminhamentos e refinamentos dessa base científica comum e de análises dos discursos da sociedade e da cultura brasileira. Nos primeiros anos de encontros do GT, os membros apresentavam trabalhos que refletiam suas pesquisas individuais em andamento, vinculadas ao campo teórico e metodológico da Semiótica, sem que houvesse preocupação com uma homogeneidade temática. Para além da discussão com os pares e do fortalecimento das trocas, isso permitiu também o mapeamento da área nos Programas de Pós-graduação em Letras e Linguística do país nos quais se desenvolviam pesquisas no domínio da Semiótica Discursiva.

Em sua maior parte, os semioticistas do discurso estão lotados em Departamentos de Letras ou de Linguística, devido à sua formação acadêmica e à forte base linguística que sustenta a proposta teórico-metodológica da Semiótica de linha francesa. Ainda assim, por se tratar de uma teoria constituída de forma interdisciplinar e interessada pela produção do sentido nas mais diferentes linguagens, há também um número significativo de expoentes dessa vertente teórica que fazem parte de Departamentos de Comunicação e de Artes.

Vale mencionar também que, no Brasil e, de modo mais amplo, na América Latina, a Semiótica Discursiva foi introduzida bastante cedo, já nos anos 1960, de forma praticamente concomitante ao seu surgimento na França¹. Foram responsáveis por isso os linguistas e estudiosos da literatura Ignacio Assis Silva, Edward Lopes, Eduardo Peñuela Cañizal, Alceu Dias Lima e Tiekko Yamaguchi Miyazaki, ligados a duas instituições: a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, atualmente Ibilce-Unesp. Interessados pela possibilidade de contribuir com o desenvolvimento de uma teoria produtiva para o exame do sentido dos textos e dos discursos, os pesquisadores já em 1973 trouxeram ao Brasil o linguista Algirdas Julien Greimas, considerado o fundador dessa vertente da Semiótica, para ministrar um curso de semiótica narrativa que fez história pelo seu impacto no fortalecimento da área no Brasil.

No mesmo ano, foi fundado o Centro de Estudos Semióticos, formado por docentes e estudantes de Pós-Graduação, em sua maioria, da Unesp, de São José do Rio Preto e Araraquara, e da Universidade de São Paulo (Departamento de Linguística da Faculda-

¹ Para mais detalhes sobre essa história, consultar Barros (2012).

de de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicações e Artes). Foi criada também, por ocasião dessa primeira vinda de Greimas ao Brasil, a revista *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, cujo número inaugural foi publicado já em 1974. Tanto o periódico quanto as outras atividades desenvolvidas pelos membros do Centro foram essenciais para a formação de semioticistas que aos poucos se espalharam por instituições de ensino e pesquisa de todas as regiões do Brasil e que, anos depois, se reuniram no espaço do GT de Semiótica da Anpoll.

O GT pode, assim, ser visto como mais uma das iniciativas de manutenção e expansão da área no Brasil, contribuindo fortemente não só para a difusão e o debate das investigações em Semiótica Discursiva, mas também para a aproximação e o intercâmbio entre os seus estudiosos. Tendo em vista esses objetivos, em um segundo momento da dinâmica de organização de seus encontros, os pesquisadores do GT de Semiótica decidiram se dividir em subgrupos temáticos, fortalecendo os laços entre aqueles que tinham interesses de pesquisa comuns. Instituíram-se, assim, no início dos anos 2000, quatro subgrupos que se dedicavam, de modo integrado, a temas como “Corpo e imaginário”, “Poética e estética”, “Mídia e sincretismo”, “Sociosemiótica e Semiótica das culturas”. Sempre em diálogo com áreas afins, os debates em cada subgrupo giravam em torno da preocupação com o aprofundamento teórico, por meio da discussão conjunta de certas noções e mesmo de sua delimitação dentro do quadro da Semiótica de base greimasiana.

Essa postura ainda hoje pauta as discussões dos pesquisadores membros do GT; com isso, mais do que um momento de apresentação de trabalhos, o GT de Semiótica consolidou-se, sobretudo, como um lugar de produção de conhecimento, fazendo avançar a teoria e sua metodologia, e, conseqüentemente, os modos de análise dos objetos semióticos, o que vai ao encontro da visão sempre prospectiva que caracteriza o projeto da Semiótica Discursiva enquanto disciplina de estudos do texto e do discurso.

Foi esse mesmo intento que configurou, em 2007, o terceiro movimento da dinâmica de interação entre os membros do GT, a partir do qual ficou decidido que, ao final de cada biênio, seria definido um tema comum a ser estudado e discutido por todos os participantes durante os dois anos subsequentes, seguindo atentamente os objetivos de pesquisa elaborados em colaboração. Assim, em paralelo ao amadurecimento da área e suas novas inquietações e proposições teórico-metodológicas, foram explorados temas como: “A abordagem dos afetos na semiótica” (2007-2008); “Rotina e acontecimento” (2009-2010); “Semiótica: identidade e diálogos” (2011-2012); “Semiótica: projetos e perspectivas” (2013-2014); “Questões do plano da expressão” (2015-2016); “Greimas, aqui e agora: conquistas e desafios da semiótica no Brasil” (2017-2018); “Semiótica e vida social” (2019-2021); “Semiótica discursiva: unidade e diversidade” (2022-2023); “Fidúcia: aspectos teóricos e analíticos” (2024-2025).

Foi a partir deste terceiro momento que se consolidou — seguindo as orientações da diretoria da Anpoll — o compromisso com a realização de pelo menos dois encontros de discussão no biênio para a apresentação e o debate do andamento dos estudos: um

Encontro Intermediário, para a partilha e a avaliação dos resultados parciais; e um outro, no âmbito do Encontro Nacional da Anpoll, para debater as conclusões da pesquisa. As investigações desenvolvidas com base em alguns desses temas estão publicadas em livros e dossiês temáticos de periódicos².

Participantes ativos de associações e redes internacionais de pesquisa em semiótica, os membros do GT vêm contribuindo para o desenvolvimento teórico e metodológico e para o alargamento dos objetos estudados pela Semiótica Discursiva. Destacamos, conforme Barros (2012) e Lemos *et al.* (2012), duas características que singularizam a Semiótica Discursiva brasileira.

A primeira é a preocupação com o exame e a explicação dos discursos e práticas sociais e culturais do Brasil, o que vem gerando pesquisas e publicações relevantes e inovadoras sobre a canção e a música, a política e os movimentos sociais, a literatura, as artes plásticas, o audiovisual, o discurso e as práticas digitais, a educação, o discurso religioso, a tradução intersemiótica e as linguagens híbridas, entre outros temas nos quais se inscreve ainda o interesse pela historiografia da Semiótica Discursiva. Dessa forma, o trabalho conjunto sobre uma mesma temática, além de fortalecer a troca de conhecimentos e as parcerias entre os pesquisadores dos diferentes grupos de pesquisa em Semiótica, hoje presentes em todas as cinco regiões do país³, comprova o compromisso da área com as demandas da atualidade, sempre articulando teoria e prática de análise, para melhor compreender os produtos da sociedade e da cultura, em suas especificidades estéticas, éticas, políticas, multissemióticas e estésicas.

A segunda característica da Semiótica Discursiva brasileira, apontada pelos autores, é a grande dedicação à formação de novos pesquisadores e professores, tanto para a educação básica quanto para o ensino superior, o que tem garantido a continuidade e a constante renovação da área. Esse aspecto é algo que se confirma seja pela publicação de manuais e livros introdutórios, como *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos* (Barros, 1988); *Elementos de análise do discurso* (Fiorin, 1989); *Teoria semiótica do texto* (Barros, 1990); *Análise semiótica através das letras* (Tatit, 2001); *Semiótica: objetos e práticas* (Lopes; Fernandes, 2005); *Ensaio de semiótica. Aprendendo com o texto* (Lara; Matte, 2009); *Exercícios de semiótica discursiva* (Saraiva; Leite, 2017), seja pela participação ativa, nos Encontros Intermediários do GT, de alunos dos cursos de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Brasil com pesquisas no domínio da Semiótica.

Para além das atividades relacionadas ao GT de Semiótica da Anpoll, vale destacar também a relevância, para a difusão e a discussão das pesquisas, de outros encontros científicos da área — regionais, nacionais e internacionais. No Brasil, por exemplo, merece ênfase a participação dos membros em mesas de debate e congressos da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES), em simpósios, palestras e minicursos de semiótica no âmbito da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e também do

2 Ver Marchezan e Cortina (2011), Portela *et al.* (2012), Mancini e Gomes (2020), Schwartzmann e Sousa (2021), Bueno e Fulaneti (2024).

3 Num levantamento inicial, foram encontrados 16 grupos de pesquisa de Semiótica Discursiva registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, recobrando 9 estados brasileiros e as 5 regiões que formam o país. Esse levantamento leva em conta aquele que havia sido feito por Lemos *et al.* (2012), acrescentando ainda três novos grupos.

Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE), do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) e do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (GELLNORTE).

Em âmbito internacional, a atuação é também constante, podendo ser mencionado com destaque o projeto “Enunciação e interação em discursos na internet”, coordenado pelas professoras Diana Luz Pessoa de Barros (USP/Mackenzie) e Lucia Teixeira (UFF) há vários triênios nos congressos da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), bem como a divulgação das pesquisas em congressos da Federação Latino-Americana de Semiótica (FELS), da Associação Internacional de Estudos Semióticos (IASS-AIS) e da Associação Francesa de Semiótica (AFS). Ademais, têm cumprido papel importante para a divulgação das pesquisas da área, assim como para a formação de novos estudiosos, revistas específicas de semiótica, entre as quais destacamos, por sua relevância e longevidade: *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada* (Unesp); *Estudos Semióticos* (USP); *Galáxia* (PUC-SP); *Acta Semiotica et Lingvistica*, (UFPB-PB); também a tradicional revista francesa fundada por Greimas *Actes Sémiotiques* (Université de Limoges); a revista *Semiotica* (Revue de l'Association Internationale de Sémiotique); e a revista mexicana *Tópicos del Seminario* (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla - BUAP).

Em ritmo de colaboração e produtividade crescente, como esperamos ter mostrado, o GT de Semiótica conta, atualmente, com mais de trinta membros permanentes e atuantes, envolvendo ao menos quinze Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística, vinculados a IES como USP, UNESP, UNICAMP, UFSCar, UPM, UNIFRAN, UNAERP, UFF, UFRJ, UFMG, UFMS, UFC, UFPB, UFCG, UFNT. Isso comprova a sua importância como espaço ativo de debate, trocas e também de decisões e encaminhamentos não só para a definição de temas e metas para o trabalho de pesquisa, mas também relativos à política científica da área, tanto no que diz respeito a sua representatividade nacional e internacional, quanto no tocante às parcerias almejadas e outras deliberações práticas. O GT vem cumprindo, portanto, com empenho e rigor, a função que lhe é constitutiva na área e no país.

*
* *

Referências

- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul, rumos, papéis e desvios. **Revista de Estudos da Linguagem**, vol. 20, n. 1, p.149-186, jan./jun., 2012.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso**. Fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas, 2001[1988].
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.
- BUENO, A. M.; FULANETI, O. de N. (Orgs.). **Entreletras**, dossiê temático “Semiótica Discursiva: unidade e diversidade”, vol. 15, número especial. UFNT, Araguaína, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/issue/view/822>
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1989.

- LARA, G. P.; MATTE, A. C. F. **Ensaio de semiótica**. Aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- LEMOS, C. L.; PORTELA, J. C.; BARROS, M. L. P. de B. Le soin de la formation : l'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. **Signata**. Annales des sémiotiques, p. 47-89, 2012.
- LOPES, I. C.; HERNANDES, N. (Orgs.). **Semiótica: objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MANCINI, R.; GOMES, R. (Orgs.). **Semiótica do sensível: questões do plano de expressão**. 1. ed. São Paulo: Editora, 2020.
- MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A.; BAQUIÃO, R. C. (Orgs.). **A abordagem dos afetos na semiótica**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011.
- PORTELA, J. C. et al. (Orgs.). **Semiótica: identidade e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- SARAIVA, J. A.; LEITE, R. L. **Exercícios de semiótica discursiva**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.
- SCHWARTZMANN, M. N.; SOUSA, S. M. de (Orgs.). **Estudos Semióticos**, vol. 17, n. 1. Dossiê temático: Semiótica e vida social. USP-SP, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/issue/view/11936>
- TATIT, L. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê, 2001.

SOCIOLINGUÍSTICA

Raquel Meister Ko Freitag

Universidade Federal Fluminense

Juliana Bertucci Barbosa

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O **GT de Sociolinguística** é um dos 21 GTs pioneiros da ANPOLL (Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) criados em 1985, e que até hoje mantém sua expressividade, não só pelo grande número de membros, mas pelo protagonismo no desenvolvimento e consolidação da Sociolinguística no Brasil ao longo destes 40 anos de sua existência. Para isso, tem mantido uma agenda de trabalho para a **caracterização das variedades brasileiras do português e de outras línguas presentes no território e para a valorização e promoção da diversidade linguística no Brasil**, considerando-a não apenas como uma característica cultural, mas um direito difuso.

No Direito, um **direito difuso** é um tipo de direito coletivo que pertence a todos os membros de uma comunidade, sem que possa ser individualizado ou atribuído exclusivamente a uma pessoa ou grupo específico. É um direito compartilhado por toda a sociedade a um bem, como o direito ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, à saúde pública, e, no caso da linguagem, à diversidade linguística.

Com foco na diversidade linguística, na sua atual configuração, o GT de Sociolinguística está estruturado em quatro eixos temáticos, aprovados na assembleia geral de 2014: i) Variação e Mudança Linguística; ii) Contato, variação e identidade; iii) Sociolinguística e Ensino, e iv) Questões teóricas e metodológicas.

O trabalho articulado de cada um destes eixos é responsável pelo fortalecimento da Sociolinguística como área de pesquisa, reconhecida e consolidada no Brasil e fora do Brasil. As pesquisas desenvolvidas não se vinculam necessariamente a apenas um dos eixos, e abrangem a descrição e análise da variação e mudança linguística, com foco na investigação empírica e sistemática de fenômenos linguísticos nos diferentes níveis gramaticais que caracterizam as variedades do português brasileiro e de outras línguas em contato, seguindo protocolos para a replicabilidade e generalização de resultados de processos de variação e mudança. Embora não sejam limitadas a esse modelo científico, muitas descrições dos fenômenos são vinculadas a projetos agregadores mais amplos, que constituem, entre outros produtos, acervos de documentação sociolinguística compartilhados (como ALIB, PEUL, NURC, VARSUL, etc.). A relação dos efeitos da diver-

sidade linguística na sociedade é também objeto de investigação, em especial as questões relacionadas ao respeito linguístico, identidade e inclusão social. No campo educacional, as pesquisas desenvolvidas no escopo do GT de Sociolinguística têm investigado a relação entre a variação linguística e o ensino, com ênfase na formação de professores, na valorização das variedades linguísticas em sala de aula e no combate ao preconceito linguístico na sociedade.

A natureza descritiva da pesquisa sociolinguística fomenta o papel protagonista das ações do GT de Sociolinguística na **documentação e preservação da diversidade linguística brasileira**, implementada pelo modelo de constituição de acervos linguísticos denominados de “banco de dados”, que são a base para a caracterização da diversidade linguística não só do português brasileiro e de suas variedades, mas de situações de contato com línguas indígenas, afro-brasileiras e de comunidades de imigração, em perspectiva sincrônica e diacrônica, contribuindo para a salvaguarda e patrimonialização. No mapeamento realizado em 2022, foram identificados 28 acervos vinculados a projetos ou grupos de pesquisa que contam com a participação de membros do GT de Sociolinguística.

Decorrente da caracterização da diversidade linguística, o GT de Sociolinguística tem atuado em favor de **práticas pedagógicas que incorporam a pluralidade linguística brasileira** e desafiam o estigma associado às variedades ditas “não-padrão”, na formação na área de Letras, fomentado pesquisas de aplicação da Sociolinguística na Educação.

Dada a sua abrangência, o GT de Sociolinguística tem forte impacto na formação de novos pesquisadores e na consolidação de programas de pós-graduação. As ações práticas da articulação dos eixos para a garantia do direito à diversidade linguística envolvem: i) a publicação de livros, artigos e coletâneas, voltadas para a sistematização de padrões da língua portuguesa em suas diversas variedades e contextos de uso, refletindo a riqueza linguística e social do país; ii) a organização sistemática de eventos acadêmicos que incentivaram o intercâmbio de ideias e a formação de redes de pesquisadores, iii) a interação com a sociedade, foco de desenvolvimento de ações mais diretas no período atual, em quatro dimensões, popularização da linguística, educação básica, debate público e a Plataforma da Diversidade Linguística.

Popularização da linguística: diversidade linguística como direito difuso

Especialmente após a pandemia, o interesse da população brasileira por ciência cresceu. Resultados da pesquisa “Percepção pública da C&T no Brasil” (2024) mostram que ultrapassa 60% o percentual de interesse das pessoas em acompanhar temas do universo científico em geral, não só medicina e meio ambiente. Em relação à língua não é diferente. As pessoas demonstram curiosidade e genuíno interesse em saber mais sobre diversidade linguística, e há iniciativas institucionalizadas de espaços de popularização da diversidade linguística, como o o Museu da Língua Portuguesa. Visando ampliar a capilaridade das ações, o GT de Sociolinguística estabeleceu com meta a inserção na popularização da sociolinguística no escopo do **Projeto Festival Brasil multicultural e multilíngue**, que congrega ações capilarizadas nas diferentes regiões do Brasil em feiras

escolares e feiras científicas. A participação em ações institucionalizadas durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, como fazem, por exemplo, VARSUL na SEPEX da Universidade Federal de Santa Catarina, InCorpora (VariaR e Predicar) no Festival do Conhecimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro ou em chamadas temáticas, como a da exposição Línguas & Biomas, no tema da SNCT de 2024. Por meio de ações voltadas para a popularização da linguística, o GT de Sociolinguística tem contribuído para conscientizar o público sobre a importância da diversidade linguística e sua relação com a identidade nacional. Essas iniciativas promovem a ideia de que a pluralidade linguística deve ser entendida como um patrimônio coletivo a ser celebrado e protegido, em alinhamento à perspectiva de diversidade linguística como direito difuso.

Educação básica: diversidade linguística como direito de aprendizagem

Além de direito difuso da população brasileira, a diversidade linguística é um direito de aprendizagem, previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente “Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza”. O corpo de pesquisas desenvolvidas no âmbito do GT de Sociolinguística contribui para subsidiar o desenvolvimento desta competência, e, em especial, o eixo de Sociolinguística e Ensino tem oferecido suporte para a implementação das competências com foco na diversidade linguística, com especial atuação na formação continuada de docentes de Língua Portuguesa e Pedagogia no Mestrado Profissional em Letras em Rede, o Profletras. A inserção de disciplinas obrigatórias com a temática da variação – *Gramática, Variação e Ensino* e *Fonologia, Variação e Ensino* – tem promovido a sensibilização para lidar de forma crítica e inclusiva e tecnicamente adequada com a pluralidade linguística em sala de aula, desafiando o estigma contra variedades não-padrão e promovendo uma educação inclusiva para a diversidade e respeito linguístico, mas principalmente atuando no desenvolvimento de materiais didáticos voltados para o trabalho com a diversidade linguística em diferentes realidades brasileiras.

Debate público: diversidade linguística e as relações de poder

Em sendo o campo da ciência linguística que lida com as relações ente língua e sociedade, a Sociolinguística tem assumido o papel de levar argumentos embasados cientificamente para o debate público sobre a língua, ainda fortemente marcado pelas ideologias puristas que negam a diversidade linguística. No episódio do livro didático “Por uma vida melhor”, que foi cancelado (muito antes deste termo virar moda, em 2011) por ter incluído regras de variedades populares do português ao tratar de concordância, em estreito alinhamento ao que já preconizavam os Parâmetros Curriculares Nacionais, a inserção de sociolinguistas no debate público foi crucial para desmistificar a ideia de língua única e prover argumentos empíricos para a diversidade em função de diferen-

tes perfis sociais (“Mesmo falantes cultos não seguem a norma padrão” foi o título de uma reportagem as Folhas de São Paulo, ratificando o conteúdo do livro didático com a chancela de sociolinguistas do GT de Sociolinguística). Mais recentemente, a atuação de sociolinguistas nas discussões que ganham a pauta política na forma de projetos de lei, como linguagem neutra e linguagem simples, dentre outros, com a produção de estudos e a participação com entrevistas e comentários na mídia, tem contribuído para ampliar a compreensão da sociedade sobre língua como um fenômeno dinâmico, social e político, e que reflete e influencia desigualdades sociais. Ações de divulgação científica do GT de Sociolinguística são apresentadas no perfil do Instagram @gtsociolinguistica e no canal do Youtube do GT de Sociolinguística.

Plataforma da Diversidade Linguística: Diversidade linguística para a soberania nacional

A realidade multilíngue do Brasil é política de estado, salvaguardada, por exemplo, pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No entanto, ainda é latente o desconhecimento da diversidade do patrimônio linguístico e cultural por grande parte da população brasileira, demandando ações de popularização da sociolinguística. Esse desconhecimento é, em parte, resultado da omissão em políticas de difusão e compartilhamento de dados linguísticos. Ações para a valorização da diversidade linguística do Brasil demandam uma infraestrutura para armazenamento e divulgação, sob pena de perda ou subutilização. A precariedade com que têm sido armazenados os produtos de documentações linguísticas, de modo artesanal e amador, coloca em risco a salvaguarda da diversidade linguística brasileira (não nos esqueçamos do incêndio no Museu Nacional, que perdeu inestimável acervo de documentação de línguas indígenas brasileiras, sem possibilidade de recuperação).

Nesse sentido, o GT de Sociolinguística, em articulação com a Comissão de Sociolinguística da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), tem defendido a criação de uma infraestrutura que denominamos de **Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira**, a fim de armazenar os acervos linguísticos (amostras coletadas de falas/escritas/textos sinalizados) já existentes pelo Brasil, para fins de compartilhamento para pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico, ações didáticas e de popularização da diversidade linguística.

Ao conectar salvaguarda, popularização, educação e tecnologias, a Plataforma da Diversidade Linguística, é uma iniciativa que representa outro avanço significativo para reafirmar a diversidade linguística como um elemento fundamental para a soberania nacional, posicionando o Brasil como líder na preservação e valorização de sua pluralidade cultural e linguística.

Formação estratégica de um ecossistema de pessoas e processos: recursos humanos com perfil “mão na massa” para o trabalho com diversidade linguística

Nestes 40 anos, o GT de Sociolinguística tem sido o espaço por excelência para a formação de pesquisadores capazes de atuar em diferentes frentes, garantindo a continuidade e expansão do campo da área de Sociolinguística. Nesse período, a preocupação com o constante aprimoramento de membros do GT de Sociolinguística sempre perpassa às inovações técnicas e tecnológicas, ao envolvimento de pessoas das comunidades linguísticas pesquisadas como sujeitos nos processos de investigação e à formação de novos quadros, via atividades de graduação, pós-graduação e extensão. Tais ações têm norteado o GT.

Com essa perspectiva, mais recentemente sociolinguistas têm interagido com profissionais das áreas de Museologia, Ciência da Informação, Ciência da Computação, Ciência de Dados, de modo a lidar profissionalmente com planejamento, informação, gestão e curadoria de dados abertos em bancos de dados e/ou repositórios, como os previstos no perfil do projeto **Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira** que foi divulgado inclusive em espaços museológico para comunidade ampla, como o site do Museu da Língua Portuguesa.

As inúmeras contribuições do GT de Sociolinguística não apenas promovem o reconhecimento, mas também protegem a diversidade linguística brasileira, e a transformam em uma força motriz para a inclusão, a inovação e o desenvolvimento sustentável.

*
* *

Referências

- ABRAÇADO, J.; MARTINS, M. A. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; ALMEIDA, J. E.; VIEIRA, S. R. GT de Sociolinguística e ensino: o cenário de 35 anos de conquistas e desafios. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 138-156, 2021.
- BRANDÃO, S. F. GT de Sociolinguística. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 1, p.95-102, 1994.
- BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. **Sociolinguística no Brasil: textos selecionados**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2022.
- FOLHA DE S. PAULO. Mesmo falantes cultos não seguem a norma padrão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 maio 2011. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2205201115.htm>. Acesso em: 4 jan. 2025.
- FREITAG, R. M. K. A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 20, n. 3, p. 9401-9419, 2023.
- FREITAG, R. M. K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista de estudos da linguagem**, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018.
- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.

- FREITAG, R. M. K.; SAVEDRA, M. M. G. Contatos, Mobilidades e Línguas no Brasil. In: FREITAG, R. M. K.; SAVEDRA, M. M. G. (Orgs.). **Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher Open Access, 2023, p. 13-26.
- GÖRSKI, E. M.; MARTINS, M. A. R. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 173-197, 2021.
- MACHADO VIEIRA, M. D. S., WIEDEMER, M. L., FREITAG, R. M. K., BARBOSA, J. B.. Mapeamento de Bancos de Dados (Socio) linguísticos no Brasil. **Projeto desenvolvido pelo GT de Sociolinguística da ANPOLL e pela Comissão da Área de Sociolinguística da ABRALIN**, 2021.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; BARBOSA, J. B.; FREITAG, R. M. K.; BORGES, M. M.; MEDEIROS, A. L. S. Acervos de dados abertos à sociedade: memória linguística e sociocultural e potencialidade de (re)uso. **CADERNOS de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e607, 2022.
- MACHADO VIEIRA, M. S.; BARBOSA, J. B. Coleções de Dados Brasileiras para o Ensino de Português. In: MEIRELES, V., Machado Vieira, M. S. (Orgs.). **Variação e ensino de português no mundo: Variation et Enseignement de Portugais Dans le Monde**. São Paulo: Blucher Open Access, 2022, p. 335-346.
- MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Grupo de Trabalho de Sociolinguística, 35 anos depois: reflexões e cenários. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 9-26, 2021.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S; WIEDEMER, M. L. **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher Open Access, 2019.
- MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MOLLICA, M. C. M.; RONCARATI, C. N. Questões teórico-descritivas em Sociolinguística e em Sociolinguística Aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 17, p. 45-55, 2001.
- MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A. Sociolinguística e Dialectologia: trinta e cinco anos da história de um GT da ANPOLL. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 27-41, 2021.
- MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Projeto Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira**. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/projeto-plataforma-diversidade-linguistica-brasileira/>. Acesso em: 4 jan. 2025.
- PAIVA, M. C. ABRAÇADO, J. Questões teóricas e metodológicas: as contribuições do eixo 4. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 198-215, 2021.
- RAMOS, J. M. **Estudos Sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.
- RAMOS, J. M.; DUARTE, M. E. L. Temas morfossintáticos em análises variacionistas no Brasil (2000-2019). **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 64-81, 2021.
- RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EDUFF, 2009.
- RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J.; HEYE, J. B. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- SAVEDRA, M. M. G. Estudos e pesquisas em sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 29, p. 219-234, 2010.
- SAVEDRA, M. M. G.; PUPP SPINASSÉ, K. Estudos de contato no GT de Sociolinguística. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 103-117, 2021.
- SOUSA, M. D. A. F; FREITAG, R. M K. Bancos de dados sociolinguísticos e a Ciência Aberta: compartilhamento de dados e conhecimentos. **Revista Diálogos**, 12, n. 1, p. 165-187, 2024.
- VANDRESEN, P. A trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL-1985-2001. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J.; HEYE, J. B. (Orgs.). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 13-29.

VIEIRA, S. R. **Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas.** São Paulo: Blucher Open Access, 2018.

VERTENTES DO INSÓLITO FICCIONAL

Marisa Martins Gama-Khalil

Universidade Federal de Uberlândia

Universidade do Estado de Mato Grosso

Flavio García

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O Grupo de Trabalho e suas contribuições acadêmico-científicas

O Grupo de Trabalho Vertentes do Insólito Ficcional reúne pesquisadores docentes, discentes e egressos de programas de pós-graduação que se dedicam aos estudos de uma ampla variedade de vertentes da ficção, as quais recobrem, em linhas gerais, o maravilhoso, o gótico, o fantástico, o estranho, o realismo mágico, o realismo maravilhoso, o real maravilhoso, o realismo animista, a fantasia, uma grande parcela da ficção científica, das narrativas policiais, de terror, de horror, de medo e, mesmo, dos contos de fadas. Interessam ao Grupo de Trabalho pesquisas que se debrucem sobre textos nos quais, em diferentes medidas, se verificam manifestações de procedimentos discursivos que apresentem aspectos sobre ou extranaturais – fora da ordem ordinariamente natural.

O grupo de trabalho, existente desde 2011, agrega docentes e estudantes de diferentes níveis de formação, desde graduandos até pós-doutorandos, vinculados a variados grupos de pesquisa de todas as regiões do Brasil. Compõem o Grupo de Trabalho noventa e dois pesquisadores, distribuídos nos seguintes segmentos: 1) pesquisadores docentes efetivos = vinte e seis; 2) pesquisadores docentes colaboradores = quinze; 3) pesquisadores discentes colaboradores (pós-graduação) = quarenta e nove; 4) pesquisadores discentes colaboradores (iniciação científica) = dois.

Integram o Grupo de Trabalho pesquisadores e grupos de pesquisa de todas as regiões do Brasil, formando uma rede significativa que vem contribuindo para ressignificar e validar os estudos sobre o insólito no país. O grupo foi fundado por iniciativa de líderes de grupos de pesquisa, que viram similaridades em seus objetos de estudo e resolveram reunir forças para consolidar pesquisas sobre as vertentes do insólito no cenário acadêmico brasileiro. Vale ressaltar que, há mais de dez anos, os estudos sobre as vertentes do insólito situavam-se marginalmente no referido cenário. As atividades desenvolvidas pelos grupos de pesquisa foram contínuas e bem articuladas, como os eventos científicos, realizados com uma regularidade em torno de 2 a 4 encontros anuais. Nesses eventos, além da intensa participação de docentes e discentes de todo o Brasil, contava-se com a participação de estudiosos estrangeiros da área, com os quais os pesquisadores do Grupo

de Trabalho Vertentes do Insólito Ficcional construíram frutuosas atividades acadêmicas variadas, como pós-doutoramentos, doutoramentos sanduíches para seus orientandos, cotutelas, eventos, publicações. Toda essa rede contribuiu para uma maior visibilidade e valorização científica das vertentes do insólito ficcional.

Além dos eventos científicos organizados pelos Grupos de Pesquisa ligados ao Grupo de Trabalho Vertentes do Insólito Ficcional, há uma produção significativa de livros e dossiês em periódicos, os quais contribuem com a publicização das pesquisas da área. O Grupo de Trabalho também conta com um periódico quadrimestral, *Abusões*, cujos editores gerentes são Flavio García, Júlio França e Regina Michelle. A revista publica artigos, resenhas, entrevistas e fontes documentais inerentes aos estudos do insólito ficcional, do gótico e do fantástico. Seu site é: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes>.

Outro importante canal de articulação e compartilhamento de saberes do Grupo de Trabalho é o *Dicionário Digital do Insólito Ficcional – e-DDIF*, disponível em <https://www.insolitificcional.uerj.br/insolito-ficcional/>, coordenado editorialmente por Flavio García, Júlio França, Carlos Reis, David Roas e Filipe Furtado. Conforme consta em sua Apresentação, o “*Dicionário Digital do Insólito Ficcional – e-DDIF* é uma obra viva, dinâmica, sempre ampliada, alterada, corrigida, atualizada, que versa sobre os domínios intra e extraficcionais relativos à ficção do insólito, produzido por redes nacional e internacional de pesquisadores”.

O Grupo de Trabalho e seu objeto de estudo

O termo insólito vem sendo frequentemente usado em estudos sobre o fantástico para caracterizar essa literatura em que se manifestam fenômenos que desarrazoam as leis da lógica do mundo prosaico. Pode-se encontrá-lo nas páginas de ensaios teóricos e estudos sobre a literatura fantástica de Tzvetan Todorov, Louis Vax, Remo Ceserani, Filipe Furtado, ainda que esses estudiosos não tomem o termo insólito como objeto central de suas investigações, aparecendo esporadicamente para qualificar o fenômeno que foge às leis do real prosaico. Diferentemente, Renato Prada Oropeza sustenta que o fantástico é um gênero cujo elemento central de sua configuração semiótica é o insólito (Prada Oropeza, 2006, p. 56). Para ele, no cerne do universo racional das coisas, como é próprio da ficção fantástica, surge o incoerente com esse universo, o que chama de insólito (Prada Oropeza, 2006, p. 58)

No Brasil, dois estudiosos tomam o termo insólito como base de suas investigações: Lenira Marques Covizzi e Flavio García, sendo este último um dos fundadores deste Grupo de Trabalho.

Lenira Marques Covizzi, entre meados e fins da década de 1960, elabora a dissertação de mestrado intitulada *Crise da mimese/ mimese da crise*: algumas manifestações e significado do insólito em Guimarães Rosa e Borges, a qual teve como ideia norteadora a crise da mimese e como noção central o insólito. A tese, orientada por Antonio Candido, foi defendida em 1970, tendo sido publicada, posteriormente, em 1978, como livro com o título *O insólito em Guimarães Rosa e Borges: crise da mimese/ mimese da crise*. A

autora elabora um estudo comparativo entre contos desses dois escritores latino-americanos por achar que ambos fazem uso “do insólito como via de acesso a uma realidade de que se desconfia”, como explica João Alexandre Barbosa na Apresentação do citado livro (Barbosa *in* Covizzi, 1978, p. 17). Na visão de Covizzi, o insólito “carrega consigo e desperta no leitor o sentimento do *inverossímil*, *incômodo*, *infame*, *incongruente*, *impossível*, *infinito*, *incorrigível*, *incrível*, *inaudito*, *inusitado*, *informal*” (Covizzi, 1978, p. 26). Com essas palavras, podemos compreender que o insólito se encontra alojado nos fios discursivos do texto (“carrega consigo”) e, ao mesmo tempo, incita o leitor, realizando a conjugação entre as instâncias do texto e da recepção.

Covizzi argumenta que o século XX descortina um mundo em crise, um mundo não sólito. A ficção desse século otimiza a estranheza da crise e a potência do insólito por meio de recursos como a ambiguidade, a desautomatização, o desvio da norma e o efeito de estranhamento, noções que a autora recolhe das teorias de Jakobson, Mukarovsky e Chklóvsky. Ela explica que o termo insólito, “no sentido do não-acreditável, incrível, desusado, contém manifestações congêneres” (Covizzi, 1978, p. 36), como ilógico, mágico, fantástico, absurdo, misterioso, sobrenatural, irreal, supra-real. Covizzi aproxima essas manifestações das variantes apontadas por Louis Vax (1974), em seu estudo *A arte e a literatura fantásticas*, como o feérico, as superstições populares, a poesia, o horrível, o macabro, a literatura policial, o trágico, o humor, a utopia, a alegoria, a fábula, o ocultismo, a psiquiatria, a psicanálise e o metafísico. Observa, ainda, que acrescentaria a ficção científica a essas variantes de Vax e as manifestações congêneres apontadas por ela. Como se pode perceber, Covizzi entende o insólito como uma noção que abriga tudo aquilo que não sói acontecer, mas que estranhamente acontece.

Antonio Candido, nove anos depois da defesa da dissertação de sua orientanda, Lenira Covizzi, escreve uma comunicação a ser apresentada em um encontro sobre a ficção latino-americana contemporânea, realizado em Washington, na qual faz uso da noção de insólito absurdo para caracterizar o livro de contos *O ex-mágico*, de Murilo Rubião. Admite ainda que, na ficção brasileira, há exemplos anteriores de outros tipos de insólito, inclusive de cunho lírico. O diálogo entre orientador e orientanda propiciou um gesto crítico importante aos estudos sobre o insólito no Brasil.

Enquanto Covizzi pensava, no Brasil, sobre ideias que compunham de modo amplo uma teoria acerca do insólito, que deram origem à dissertação e, posteriormente ao livro, do outro lado do oceano, supõe-se que Tzvetan Todorov elaborava as ideias sobre a literatura fantástica, as quais dariam corpo ao ensaio “A narrativa fantástica” (Todorov, 2004a) e ao livro *Introdução à literatura fantástica* (Todorov, 2004b), ambos publicados entre fins dos anos 1960 e o ano de 1970. Entretanto, o estudo de Todorov, no lugar de ampliar o conjunto dos fenômenos sobrenaturais e insólitos na literatura, como permite a abordagem de Covizzi, restringe-os, conforme o modelo estruturalista, estabelecendo limites genológicos entre o fantástico, o maravilhoso e o estranho, bem como limites tem-

porais, porque, para Todorov, a literatura fantástica tem seu início e fim demarcados em precisas datas históricas, entre finais do séc. XVIII e princípios do XX.

Há, contudo, que destacar uma das incoerências de Todorov. Muito embora ele insista, ao longo de todo o seu livro, que o fantástico é um gênero de existência efêmera, circunscrito àquele feixe cronológico, e preconize que o fantástico se esvai sempre que, por um lado, o insólito se explique e, por outro, seja admitido como próprio da realidade intratextual, surpreendentemente, afirma que “[c]om Kafka somos pois confrontados com um fantástico generalizado” (Todorov, 2004b, p. 182). O mesmo Todorov, que defende, no correr do livro, que a hesitação é o traço demarcador do fantástico, verga-se e diz que “[e]m Kafka, o acontecimento sobrenatural não provoca mais hesitação pois o mundo descrito é inteiramente bizarro, tão anormal quanto o próprio acontecimento a que serve de fundo” (Todorov, 2004b, p. 181).

A amplitude que a noção de insólito ganha com a abordagem de Covizzi aproxima-a da perspectiva delineada por Filipe Furtado (2009), ao definir o fantástico como modo literário, recorrendo, em grande medida, às perspectivas de Rosemary Jackson, em sua obra sobre a fantasia. Assim, diferentemente do fantástico como gênero literário, que delimita campos e se organiza pela diferença, o modo fantástico proposto por Furtado se plantea pelas similitudes, porque abriga o fantástico puro, o maravilhoso, o estranho, o real maravilhoso, o realismo mágico, o gótico, a ficção científica e muitas outras vertentes da ficção que tenham em comum a presença do metaempírico, ou seja, de um elemento ou acontecimento que não pode ser explicado pelas leis racionais. O modo fantástico “ao agregar diferentes modalidades e dispensar as divisões comuns em uma abordagem genológica, oferece possibilidades amplas ao pesquisador da área de articular novas possibilidades de leitura no campo dessa ficção” (Gama-Khalil, 2020).

Segundo Furtado, o recurso ao termo metaempírico

visava, em primeiro lugar, constituir mais um sinônimo do que tradicionalmente se denomina sobrenatural, elemento indissociável da esfera semântica do gênero fantástico. Para além disso, com a expressão sugerida, pretendia-se subsumir um fundo conceptual muito mais abrangente e sincrético. Deveria ela permitir englobar personagens e ocorrências que, embora não enquadráveis na noção corrente de sobrenatural, se revelassem alheias ao mundo empírico, pelo menos na época de produção do texto, ou que, sendo então teoricamente possíveis, não houvessem tido ainda efetiva realização. (Furtado, 2022)

O estudo de Covizzi, responsável por delinear de forma sistemática a noção de insólito, não recebeu continuidade, sendo, portanto, uma produção isolada. Entretanto, no Brasil, outro pesquisador, Flavio García, propõe-se a estudar o tema de forma mais regular e contínua, desde o início dos anos 2000, seguindo até os dias atuais.

Pode-se dizer que, com a publicação da primeira edição do *Dicionário Digital do Insólito Ficcional* – e-DDIF, em 2019, García sintetiza seu percurso de estudos, citando ou referindo-se àqueles que o antecederam. Para ele,

A “questão” do insólito na ficção, a despeito do ponto de vista adotado na teoria ou na crítica, perpassa um difuso e confuso universo de conceitos. Observando-o, porém, como

termo-conceito denominador de uma categoria da ficção ou de um macro ou arquigênero ficcional, ele se reveste de contornos um tanto mais confortáveis, fugindo seja da questão temática – aquilo de que o texto trata, o seu assunto – e da questão do efeito – aquilo que dissemina nos diferentes atos de recepção. (García, 2022)

Por fim, seguindo Furtado, García expõe, inequivocamente, sua visão acerca do insólito. Ele defende que

Sob a denominação abrangente de insólito ficcional se podem abrigar o fantástico – seja o gênero, seja especialmente o modo –; o maravilhoso – clássico, medievo, moderno ou contemporâneo –; o estranho – aquele de Freud trata em seu ensaio “Das Unheimliche” ou o que Todorov apresenta como contíguo ao fantástico –; o realismo maravilhoso, bem como suas muitas variantes, admitindo-se o realismo mágico, o realismo fantástico, o realismo animista; o absurdo – independentemente de entendido como o propôs Sartre, Camus ou qualquer outro –; os contos de fada em geral – ficando-lhes de fora muito poucas narrativas –; uma grande maioria das narrativas de mistério e policial; uma boa quantidade de textos da ficção científica; as produções que se alinham nos cenários da ficção distópica ou da ficção pós-apocalíptica; o fantasy. (García, 2022)

Em 2021, García tenta, mais uma vez, reunir suas considerações acerca do insólito, assinando um verbete-ensaio, com título homônimo. Ele inicia seu texto observando que

Até a viragem do século XX para o XXI, era praticamente impossível prever que o índice de verbetes ou a tábua de assuntos de qualquer dicionário ou enciclopédia de estudos literários, contasse com uma entrada ou referência dedicada ao termo insólito. Todavia, embora não houvesse, notadamente, registros na forma insólito ficcional, como ocorre desde a primeira década do século XXI, o termo já habitava a teoria e a crítica literárias em línguas neolatinas. (García, 2021, p. 276)

Ele considera que

Os posicionamentos de Covizzi e Candido alarga[ra]m, sobremaneira, o escopo conceitual que o termo insólito pudesse vir a recobrir, envolvendo alguns termos que contavam com certa tradição nos estudos literários, como, por exemplo, maravilhoso, fantástico, absurdo, fantasia. (García, 2021, p. 280-281)

García ainda destaca que

Se, por um lado, sob a perspectiva genológica, da qual Todorov é o referencial crítico-teórico paradigmático, Furtado avançou com maior rigor metodológico-conceitual na delimitação do fantástico, por outro lado, poucos anos à frente, ele viria a surpreender, flexibilizando os rigores para assumir, paralelamente, uma visão modalizante [...]. (García, 2021, p. 282)

No desfecho de seu verbete-ensaio, García sobreleva uma importante contribuição de um dos precursores dos estudos do insólito à sua volta. Ele encerra seu texto apontando que

Foi exatamente na tentativa de pacificar as divergências no âmbito dos estudos em língua inglesa e fixar um termo de emprego comum aos diferentes grupos de pesquisa que se optou pela expressão insólito ficcional, vertida, em inglês, para *fictional uncommon*, e não *fictional unusual*. Marcello de Oliveira Pinto explicou, com cuidado e rigor, essa escolha (Pinto, 2012). (García, 2021, p. 289)

As pesquisas sobre o insólito seguem seu caminho adiante, e muito ainda se tem para estudar acerca dele, seja no que se refere a novas teorias que sempre vêm surgindo, seja no que tange a autores e obras de ficção que despontam nos mais diferentes universos mediáticos. Neste momento atual, cada vez mais sói pensar no insólito.

*
* *

Referências

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p. 199-215. [1981]

COVIZZI, L. M. **O insólito em Guimarães Rosa e Borges**. São Paulo: Ática, 1978.

FURTADO, F. Fantástico (modo). In: CEIA, C. (Coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico-modo/>. Acesso jun 2011.

FURTADO, F. Metaempírico. In: REIS, C.; ROAS, D.; FURTADO, F.; GARCÍA, F.; FRANÇA, J. (Eds.). **Dicionário Digital do Insólito Ficcional** (e-DDIF). 2ª ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022 [2019]. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/m/metaempirico>.

GAMA-KHALIL, M. M. Fantástico - modo. In: REIS, C.; ROAS, D.; FURTADO, F.; GARCÍA, F.; FRANÇA, J. (Eds.). **Dicionário Digital do Insólito Ficcional** (e-DDIF). 2ª ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/m/metaempirico>.

GARCÍA, F. Insólito. In: REIS, C.; ROAS, D.; FURTADO, F.; GARCÍA, F.; FRANÇA, J. (Eds.). **Dicionário Digital do Insólito Ficcional** (e-DDIF). 2ª ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022 [2019]. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/i/insolito>.

GARCÍA, F. Insólito. In: JOBIM, J. L.; ARAÚJO, N.; SASSE, P. P. (Orgs.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021, p. 276-291.

PINTO, M. de O. Memories of a theory: the question of the fictional uncommon. In: GARCÍA, F.; BATALHA, M. C. (Orgs.). **Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito**. Rio de Janeiro: Caetés, 2012, p. 47-53.

PRADA OROPEZA, R. El discurso fantástico contemporáneo: tensión semántica y efecto estético. **Semiosis**, II, México, n. 3, p. 53-76, enero-junio 2006.

TODOROV, T. A narrativa fantástica. In: **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004a, p. 147-166. [1970]

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004b. [1970]

VAX, L. **A arte e a literatura fantásticas**. Tradução: João Costa. Lisboa: Editora Arcádia, 1974. [1960]

ORGANIZADORES

Allison Leão é Professor Titular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), atuando no curso de Letras (cadeiras de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura) e no Programa de Pós-graduação em Letras e Artes. Doutor em Letras: Estudos Literários - Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008), mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2002). Lidera o Grupo de Pesquisas em Memória Artística e Cultural do Amazonas (MemoCult). No MemoCult dirige a Segunda Oficina Laboratório Editorial, selo da Editora da UEA, além de desenvolver projetos sobre arquivos literários na Amazônia e processos de criação de escritores amazonenses. Foi membro do Conselho da ABRALIC (representante Norte) no biênio 2016-2017. Foi professor da Educação Básica por 15 anos. É membro do GT Arquivos literários e crítica genética. Atualmente, é vice-presidente da ANPOLL (2023-2025).

Fernando Simplicio dos Santos é Doutor pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), com pesquisas referentes à teoria, à crítica e à história literárias. Atualmente, é docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), vinculado ao Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPGMEL), além de colaborar com o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (UFAC). Membro do Grupo de Trabalho Vertentes do Insólito Ficcional. Atualmente, é vice-secretário da ANPOLL (2023-2025).

Gerson Rodrigues de Albuquerque, Doutor em História Social (2001) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é Professor Titular da Universidade Federal do Acre (UFAC). Integra o quadro de docentes permanentes do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da instituição. É líder do Grupo de Pesquisa História e Cultura, Linguagem, Identidade e Memória (GPHCLIM); Membro do Núcleo de Estudos das Culturas Amazônicas e Pan-Amazônicas (NEPAN). Foi Coordenador do Fórum de Editores de Periódicos da ANPOLL. Atualmente atua como Editor Assistente do periódico Muiraquitã - Revista de Letras e Humanidades. É integrante do corpo de secretários nacionais das Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana (JALLA), membro do GT Vertentes do Insólito Ficcional e Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), mandato 2023-2025.

Juciane Cavalheiro é professora Titular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) vinculada ao curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA). Atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e

Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (UFAC). É Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Linguística Aplicada e Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Realizou Pós-Doutorado em Literatura na Universidade de Brasília. Desenvolve projetos sobre a fortuna crítica hatouniana e pesquisas sobre subjetividade e alteridade, na literatura e em clubes de leitura. Coordena o Núcleo de Pesquisas em Linguística e Literatura (NUPELL). Membro do GT Estudos Bakhtinianos e atual Tesoureira da ANPOLL (2023-2025).

Michel Marques de Faria é Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Linguística pela mesma universidade. Graduado em Letras - Português e Língua Italiana pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é Secretário Executivo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), Professor-Tutor de Linguística e Língua Portuguesa da Afya Universidade Unigranrio e Professor do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Possui como áreas de interesse a Análise de Discurso Materialista e a História das Ideias Linguísticas. É filiado ao GT de Análise do Discurso da ANPOLL na qualidade de estudante de Pós-Graduação.

Renata Beatriz B. Rolon é Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Realizou Estágio Pós-doutoral na Universidade de Brasília (UnB), com bolsa Capes. Doutora em Letras - Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA-UEA). Lidera o grupo de Pesquisa em Estudos Comparados, Crítica e Africanidades (GEPECCA). É coordenadora das Cooperações Educacionais e Acadêmicas firmadas entre a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Universidade Katyavala Bwila (UKB/Angola), Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul (ISCED/ Sumbe/Angola) e Universidade de Aveiro (UA/Portugal). Atual Vice-Tesoureira da ANPOLL (2023-2025).

Shelton Lima de Souza é Professor Associado da Universidade Federal do Acre (UFAC). Possui graduação em Letras-Português do Brasil como Segunda Língua (2006) e mestrado em Linguística/Gramática (2008), ambos os cursos realizados na Universidade de Brasília (UnB). É Doutor em Linguística (2017) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI-UFAC) e do Programa de Pós-graduação Profissional em Letras (ProfLetras-UFAC). Coordenador do Laboratório de Estudos Interculturais e Humanidades. Membro do grupo de pesquisa GEADEL (Grupo de Estudos em Análise do Discurso e Ensino de Línguas). Coordenador do Polo Aplicador do Exame Celpe-Bras INEP/UFAC. Suas principais áreas de atuação são: A relação entre língua(gens), identidades e alteridades; Língua(gem) e formação docente em uma perspectiva intercultural; teoria e análise de

línguas, principalmente de línguas indígenas brasileiras, de português e de línguas de sinais. Vice-coordenador do Grupo de Trabalho Estudos Linguísticos na Amazônia/ELIAB e Secretário da ANPOLL (biênio 2023-2025).

AUTORES

Alex Sandro Martoni é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Graduação em Letras da PUC Minas. Doutor em Estudos de Literatura (UFF), com doutorado-sanduíche/Capes na Stanford University (EUA), é realizador audiovisual e coorganizador dos livros *Rituais da Percepção* (2018), *Estudos de intermedialidade: teorias, práticas, expansões* (2022) e *Assombros da história: memória, técnica, política* (2022). É membro do GT Intermedialidade - Literaturas, Artes e Mídias da ANPOLL.

Amanda Heiderich Marchon é Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa - pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia (2007), mestra (2011) e doutora (2017) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal Fluminense (2019-2021). É Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. É líder do Grupo de Pesquisa ELUs - Estudos da Língua em Uso (ELUs-UFES) e pesquisadora dos seguintes grupos: Conectivos e Conexão de Orações (CCOU-FF) e Núcleo de Estudos do Português em Uso (PorUs-UFF). Trabalha, principalmente, com os seguintes temas: conexão de cláusulas e conectivos sob a perspectiva do funcionalismo clássico e da abordagem construcional da gramática; argumentação e multimodalidade sob a ótica da Teoria Semiolinguística do Discurso. É membro do GT Descrição do Português da ANPOLL.

Ana Cláudia Munari Domingos é professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e coordenadora do Curso de Letras da Unisc. Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS), é Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq/PQ2 e autora de *Hiperleitura e esrileitura: convergência digital, Harry Potter, cultura de fã* (Edipuc, 2015) e organizadora de *Midialidade: ensaios sobre Comunicação, Semiótica e Intermedialidade* (Edipuc, 2017). É membro do GT Intermedialidade - Literaturas, Artes e Mídias da ANPOLL.

Ana Lúcia Tinoco Cabral é Doutora em Língua Portuguesa (PUCSP, 2005), com estágio pós-doutoral na EHESS- Paris. É coordenadora do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação, ANPOLL (2018-2021; 2021-2023; 2023- 2025). Pesquisadora do IP-PUCSP, é vice-líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Texto, Escrita e Leitura. Desenvolve pesquisas em Linguística Textual, em diálogo com a Semântica Argumentativa e a Linguística da Enunciação, dedicando-se a: linguagem argumentativa, interação verbal escrita; linguagem jurídica; polidez linguística, impolidez e violência verbal; uso da linguagem em ambientes digitais.

Andréa Catrópa da Silva é doutora em Teoria Literária pela FFLCH-USP, com pesquisa de pós-doutorado no PPG-Design da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Design. Concluiu em 2024 investigação sobre o impacto da digitalização no mercado editorial, no âmbito do Mestrado Profissional em Economia e Política da Cultura e Indústrias Criativas (Itaú Cultural/UFRGS). É membro da Electronic Literature Organization (ELO). É membro do GT Literatura Digital da ANPOLL.

Aparecida Negri Isquerdo é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara (1996). Docente da UFMS de 1987 a 2006, onde atualmente é Pesquisadora Sênior na pós-graduação e na pesquisa. Bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPq – Nível 1C. Pesquisadora na área do Léxico, em especial na Lexicologia, Lexicografia e Toponímia. Coautora da introdução e da seção de Lexicologia do verbete. É membro do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.

Brunilda Reichmann é professora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade – PR. Doutora em Literatura Comparada pela University of Nebraska in Lincoln (UNL), suas publicações, nos últimos 20 anos, restringiram-se a questões sobre Intermidialidade e à tradução de autores da área, Claus Clüver, Walter Moser, Jürgen E. Müller, Marie-Laure Ryan, entre outros. É membro do GT Intermidialidade - Literaturas, Artes e Mídias da ANPOLL.

Claudia Zavaglia é Livre-Docente em Lexicografia e Lexicologia desde 2009. Docente da UNESP/São José do Rio Preto, SP a partir de 1998. Desde 2021 é coordenadora da Pós-graduação em Estudos Linguísticos dessa instituição, na qual é Bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPq – Nível 2. Pesquisadora em Lexicologia, Lexicografia e Tradutologia. Autora da seção de Lexicografia do verbete. É membro do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.

Eduardo Guerreiro Losso é professor associado do programa de pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, vice-coordenador do mesmo programa e bolsista produtividade do CNPq. Foi editor da Revista Terceira Margem de 2014 a 2023 e colunista da revista Cult de 2021 a 2022. Estuda conceitos fundamentais da mística e mística na modernidade, teoria crítica, literatura e teoria da mídia, contracultura musical e poesia moderna, dando ênfase nas relações entre religião e cultura, encantamento e desencantamento. É membro do GT Literatura e Sagrado da ANPOLL.

Eliane Soares de Lima é docente do Departamento de Ciências da Linguagem e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Semiótica e Discurso (SeDi-UFF). Atual coordenadora do GT de Semiótica da ANPOLL (2024-2025) e da Comissão de Semiótica da ABRALIN (2025-2026). Atua nas áreas de Semiótica Discursiva, Literatura, Linguística geral e aplicada. É bolsista do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ (2024-2027).

Fábio José Rauén é Doutor em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. É membro do GT Estudos Pragmáticos da ANPOLL.

Flavio García é professor titular da UERJ, doutor pela PUC-Rio e pós-doutor pela UFRJ, UFRGS, UC e UL com pesquisas sobre vertentes do insólito ficcional, coeditor da revista Abusões e do Dicionário Digital do Insólito Ficcional, autor do livro de Discursos fantásticos de Mia Couto: mergulhos em narrativas curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional e de diversos capítulos de livros e artigos de periódicos. É membro do GT Vertentes do Insólito Ficcional da ANPOLL.

Ieda Maria Alves é Doutora em Linguística pela Univ. Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle (1975). Atuou como professora-doutora junto à UNESP (Marília e Assis) de 1976 a 1989 e, a partir de 1990, na Univ. de São Paulo (DLCV-FFLCH), tornando-se Profa. Titular em 2006. Pesquisadora Sênior desde 08-2022, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A. Coautora da introdução e da seção de Lexicologia do verbete. É membro do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.

Juliana Bertucci Barbosa ingressou no GT de Sociolinguística em 2000 como estudante, passando a efetiva em 2017. Foi vice-coordenadora do GT de Sociolinguística no período de 2020-2023, e, em nova gestão, vice-coordenadora (2023-2025). Tem atuado, como coordenadora (2020-2024) e atualmente vice-coordenadora na Comissão Científica de Sociolinguística da Abralín. Suas ações de pesquisa e desenvolvimento estão voltadas para a constituição de amostras linguísticas, descrição do português e ensino de língua portuguesa na perspectiva variacionista, além da atuação em popularização da sociolinguística.

Leandra Ines Seganfredo Santos possui doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/RIO PRETO (2009) e pós-doutorado pela Pontifícia Universidade de São Paulo - PUCSP (2012). Atualmente é professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, atuando no Mestrado Acadêmico em Letras (PP-GLetras) e do PROFLETRAS, na UNEMAT/Sinop. Foi a primeira coordenadora do GT ELIAB da ANPOLL.

Letícia Tury Guimarães Nascimento é doutoranda e mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bacharel e Licenciada em Filosofia pela UERJ. Os temas de interesse versam sobre Confissão, Testemunho, Mística e Identidade. O atual tema de pesquisa tem como autores centrais Michel Foucault e Marguerite Porete, visando compreender as possíveis leituras acerca da subjetividade. É membro do GT Literatura e Sagrado da ANPOLL.

Lucas Bento Pugliesi é doutor em Ciência da Literatura (UFRJ), com tese sobre o uso e a leitura do romance no século XVII, a partir da obra de Baltasar Gracián. Desenvolve atualmente estágio de pós-doutorado, pela FAPERJ. Lecionou Teoria da Literatura

e Literatura Brasileira na UFRJ e na UERJ. É membro do GT Literatura e Sagrado da ANPOLL.

Marcia dos Santos Machado Vieira começou a acompanhar, como estudante, atividades do GT de Sociolinguística em 1996, passando a efetiva em 1998. Coordenou o GT no período de 2018-2023. Tem atuado, como vice-coordenadora e atualmente coordenadora, na Comissão Científica de Sociolinguística da Abralín desde 2020. Coordena atualmente a rede de Humanidades do GO FAIR BR. Suas ações acadêmico-científicas estão ligadas à constituição ou armazenamento de amostras linguísticas (APERJ, VARPORT, InCorpora), descrição de variedades do português e de outras línguas românicas, formação de pessoas e articulações organizacionais para tratamento de questões da área, popularização da sociolinguística.

Maria Elisa Rodrigues Moreira é doutora em Literatura Comparada e mestre em Teoria da Literatura pela UFMG, com estágios pós-doutorais pelo PNPd/Capes junto à UFU e à UFMT. É professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É vice-coordenadora do GT Literatura Digital na ANPOLL.

Maria José Bocorny Finatto pesquisa e orienta trabalhos sobre Terminologia e Acessibilidade Textual e Terminológica junto ao PPG-LETRAS da UFRGS e ao CNPq. É professora Titular do Setor de Linguística (UFRGS). Produtividade de Pesquisa do CNPq - Nível 1-D. Autora do verbete Terminologia o qual contou com a revisão de Maria da Graça Krieger, professora titular aposentada de Língua Portuguesa da UFRGS e Coordenadora honorária do Projeto TERMISUL (UFRGS). É membro do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.

Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro é Coordenadora do GT Estudos Bakhtinianos da ANPOLL (Gestão 2023-2025). Professora, pesquisadora e orientadora de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP).

Mariana Luz Pessoa de Barros é docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atualmente é coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Semiótica da UFSCar e Vice-Coordenadora do GT de Semiótica da Anpoll (2024-2025). Atua nas áreas de Semiótica Discursiva e Linguística Geral, desenvolvendo pesquisas sobre semiótica, enunciação, memória e autobiografia, e ensino de língua portuguesa.

Marli Quadros Leite é doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), com estágios de pós-doutorado nos Estados Unidos e na França. Professora Titular da USP, pesquisadora da Biblioteca Guita e Mindlin e do Laboratoire d'Histoire Théories des Linguistiques. Líder dos Grupos de Trabalho no CNPq "Gramáticas: história, descrição e discurso" e "Projeto NURC/SP – Núcleo USP. Autora de livros, capítulos e artigos que versam sobre temas científicos e didáticos. Coordenadora do GT Historiografia da Linguística Brasileira nos períodos 2020-2024, 2024-2026.

Marisa Martins Gama-Khalil possui doutorado em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara e pós-doutorado pela Universidade de Coimbra. Pesquisadora Produtividade em pesquisa do CNPq. Professora titular aposentada da UFU. Professora visitante do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT, *campus* Tangará da Serra. Líder do GT ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Líder do GPEA/CNPq.

Miriam de Paiva Vieira é professora da UFSJ. Bolsista Produtividade CNPq/PQ2. Doutora em Estudos Literários, Poslit/FALE/UFMG, com doutorado-sanduíche/Erasmus Mundus na *Lunds Universitet* (Suécia). Realizou pós-doutoramento no Departamento de Literatura e Cultura da Universidade Católica de Lublin (Polônia), e no PósLit/UFMG, programa PDJ/CNPq. Entre suas publicações, destaca-se a coedição do *The Palgrave Handbook of Intermediality*. É membro do GT Intermedialidade - Literaturas, Artes e Mídias da ANPOLL.

Monclar Guimarães Lopes é Professor adjunto do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Estudos Linguísticos e mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e graduado em Letras-Inglês pela Ferlagos. Coordena o Grupo de Trabalho Descrição do Português da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). É vice-líder do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF e membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO) – ambos sediados na UFF. Desenvolve pesquisas em morfossintaxe do português, sob orientação funcionalista, com foco na descrição e na análise de conectores (supra)oracionais.

Neusa Inês Philippsen possui doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo - USP (2013), pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP (2018) e pós-doutorado pela Universität Augsburg - Alemanha (2022). Atualmente é professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, atuando no Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras) e do PROFLETRAS, na UNEMAT/Sinop. É a atual coordenadora do GT ELIAB da ANPOLL.

Raquel Meister Ko Freitag ingressou no GT de Sociolinguística em 1999 como estudante, passando a efetiva em 2007, participando de maneira ativa das atividades do GT nestes últimos 25 anos. Atualmente é a coordenadora do GT (2023-2025). Suas ações de pesquisa e desenvolvimento estão voltadas para a constituição de amostras linguísticas e discussão sobre aspectos metodológicos da pesquisa sociolinguística, além da atuação em popularização da sociolinguística.

Rejane Rocha é doutora e mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara, com pesquisa de pós-doutorado junto ao NUPILL/UFSC. É professora titular do Departamento de Letras e do PPG em Estudos de Literatura, na UFSCar. É membro da Junta Directiva da Red de Literatura Electrónica Latinoamericana. Coordena o Obser-

vatório da Literatura Digital Brasileira, responsável pela manutenção do arquivo ATLAS da literatura digital brasileira. É membro do GT Literatura Digital da ANPOLL.

Rivaldo Capistrano Júnior é Doutor em Língua Portuguesa (PUCSP, 2012), com estágio pós-doutoral na UNIFESP (2018) e na PUCSP (2023). Professor do Departamento de Línguas e Letras e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo. É líder do Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT - CNPq/UFES), vice-líder do Texto, Hipertexto e Ensino de Língua Portuguesa (THELPO - CNPq/UNIFESP). É vice-coordenador do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação, ANPOLL (2018-2021; 2021-2023; 2023-2025).

Ronaldo de Oliveira Batista é doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), com estágios de pós-doutorado na Europa, onde completou sua formação como historiógrafo da linguística. Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM – SP), colabora com centros e grupos de pesquisa brasileiros e portugueses. Bolsista Produtividade do CNPq, é autor de manuais de introdução à historiografia linguística. Coordenador e vice-coordenador do GT Historiografia da Linguística Brasileira nos períodos 2016-2018, 2018-2020, 2024-2026.

Sebastião Lourenço dos Santos é Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Adjunto do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É membro do GT Estudos Pragmáticos da ANPOLL.

Shelton Lima de Souza possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2017) – e realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT (2022). Atualmente é Professor Associado, nível II, da Universidade Federal do Acre/UFAC, atuando no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI/UFAC (mestrado e doutorado) e no Programa de Pós-graduação Profissional em Letras/PROFLETRAS, unidade UFAC, (mestrado). Atualmente é o vice-coordenador do GT ELIAB da ANPOLL.

Urbano Cavalcante Filho é Vice-coordenador do GT Estudos Bakhtinianos da ANPOLL (Gestão 2023-2025). Professor Titular do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Professor, pesquisador e orientador de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Vinícius Carvalho Pereira é doutor e mestre em Estudos Literários pela UFRJ, com estágio pós-doutoral na University of Nottingham (Reino Unido). É professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, na UFMT. É membro da Rede de Literatura Eletrônica Latino-americana (LitELat), da qual participa também na Junta Directiva, além de coordenador do GT Literatura Digital na ANPOLL.

Título: Grupos de Trabalhos da ANPOLL e(m) movência(s) de saberes: Pesquisas em Estudos Linguísticos e Literários – Volume 01

Organização: Juciane Cavalheiro, Renata Rolon, Allison Leão, Gerson Rodrigues de Albuquerque, Shelton Lima de Souza, Fernando Simplício dos Santos, Michel Marques de Faria

Projeto gráfico: Nepan Editora

Capa: Raquel Ishii

Diagramação: Marcelo Alves Ishii

Tipologia: Calisto MT 13/18

Número de páginas: 92